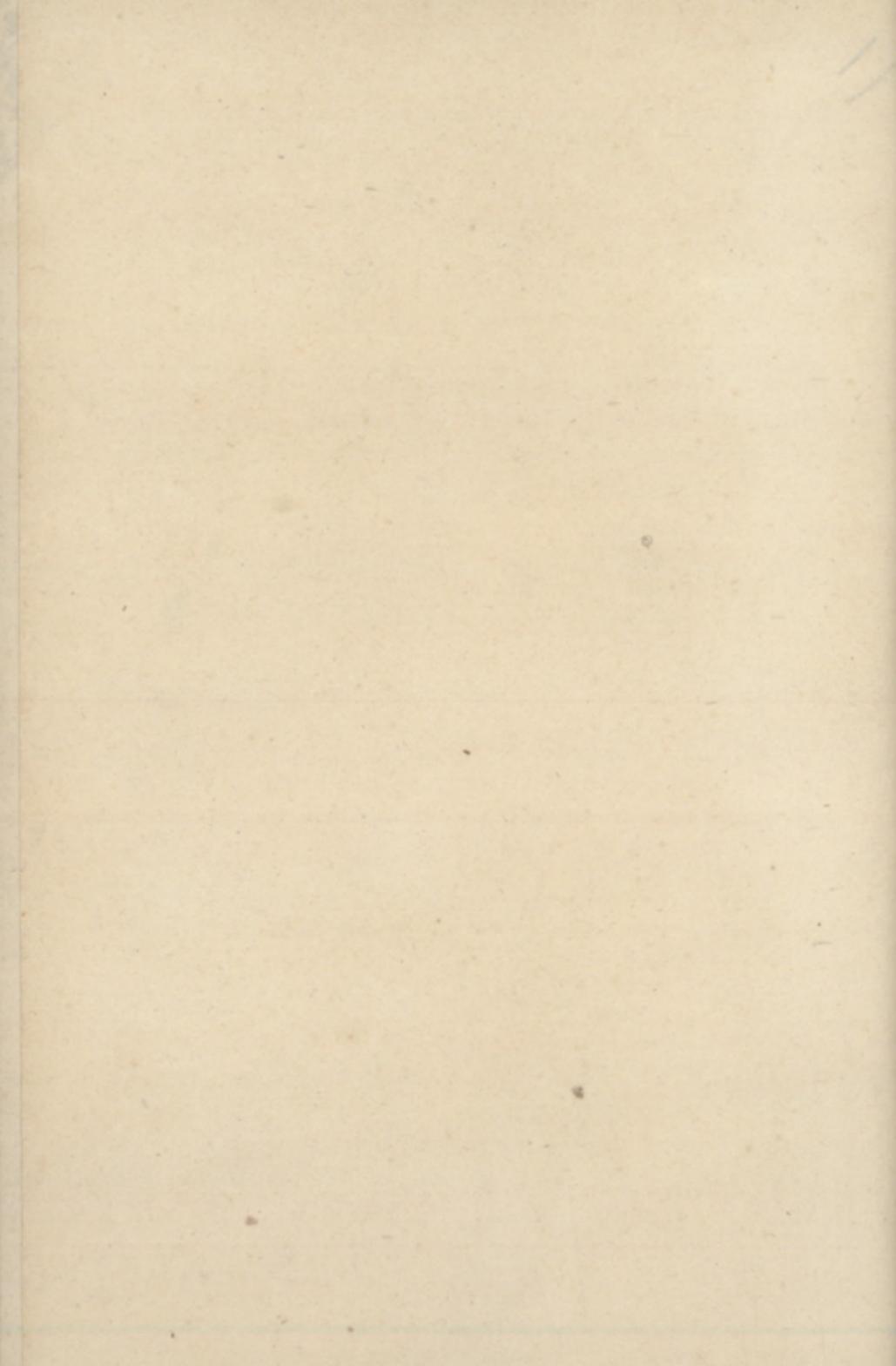


11



OBRAS

J. B. DE A. GARRETT.

VII.

(QUARTO DO THEATRO.)

THEATRO

J. B. DE ALMEIDA-GARRETT.

IV.

OBRAS

DE

J. B. DE A. GARRETT.

VII.

(QUARTO DO THEATRO.)

OBRAS

DE

J. B. DE A. GARRETT.

VII.

(QUANTO DO THEATRO.)

8
OFFERTA
2780188
97/122
88/122

THEATRO

DE

J. B. DE ALMEIDA-GARRETT.

IV.

PHILIPPA DE VILHENA ETC.

LISBOA

NA IMPRENSA NACIONAL.

1846.



OFERTA

319492

8

2.
89155

J. B. DE ALMEIDA-GARRETT

IV.

IMPRESA DE ALMEIDA ETC.

LISBOA

NA IMPRESA NACIONAL

1846



H 595384

CONTÊM este volume, que é o quarto do theatro do nosso auctor, tres comedias; uma das quaes é historica, e as outras duas de costumes. Todas são perfeitamente portuguezas, e portanto valiosa contribuição para o

nosso repertorio dramatico, porventura ainda mais carecido n'este genero do que nos outros.

O CATÃO como obra completa, a MEROPE apesar de ensaio, fixaram o stylo da tragedia classica portugueza, precedendo em muita parte a reforma que este genero ultimamente obteve em França dos auctores de VIRGINIA e de LUCRECIA.

O AUTO DE GIL-VICENTE e o ALFAGEME não menos se póde dizer que deram norma ao desmandado drama romantico. FREI LUIZ DE SOUSA está reconhecido como typo da tragedia nova.

Os tres exemplares que enchem o presente volume são considerados pelo auctor como meras tentativas. Esperâmos dar, no

tomo immediato do theatro, coisa mais completa: será a SOBRINHA DO MARQUEZ, comedia historica do seculo passado que, não obstante estar composta ha muitos annos, elle tem demorado publicar.

PHILIPPA DE VILHENA.

PHILIPPA DE ALBENA.

Volução, é o historico e o principal; tudo o mais accessorio. Não se quiz pintar a accção exterior de uma revolução, como em tantas composições modernas, nem todo o seu movimento interno, como no citaldo Fúdo e em muitas outras. É uma scena tammente, um

For um improviso esta comedia, e a sua historia é quasi como a do CAYO: não se compoem e insinuando, achou-se e reple-

Tractava-se de fazer apparecer em publico os pobres alumnos do Conservatorio, e foi escolhido o dia do nome de S. M., seu presidente e protector, que se queria lecturar. To-

O MAIS famoso e popular episodio da revolução de 1640, que elevou ao throno a serenissima casa de Bragança, deu argumento a ésta comedia que muitos caracterizaram de *drama* no sentido stricto e singular que actualmente a este nome se dá, mas que é uma verdadeira comedia historica, tanto ou mais do que o célebre 'Pinto' de N. Lemercier.

A condessa de Atouguia D. Philippa de Vilhena armando seus dois filhos para a re-

volução, é o historico e é o principal; tudo o mais accessorios. Não se quiz pintar a acção exterior de uma revolução, como em tantas composições modernas, nem todo o seu movimento interno, como no citado Pinto e em muitas outras. É uma scena tamsomente, um 'áparte' d'esse grande drama.

Foi um improviso ésta comedia, e a sua historia é quasi como a do CATÃO: ia-se compondo e insaiando, acabou-se e representou-se.

Tractava-se de fazer apparecer em público os pobres alumnos do Conservatorio, e fôra escolhido o dia do nome de S. M., seu presidente e protector, que se queria festejar. Todas as escholas organizaram os seus exercicios com composições originaes e feitas expressamente para a occasião por socios ou professores do estabelecimento. Faltava a eschola de declamação, e quiz-se-lhe acudir para que não ficasse atraz das outras. Tomou o auctor este assumpto pela sua belleza e conveniencia, riscou o traçado geral, collocou as figuras, esboçou as primeiras scenas e deu-o aos professores da eschola para arranjarem o resto.

O pêsso dos trabalhos serios que então lhe carregavam e a urgencia do tempo fizeram adoptar esse expediente cujas imperfeições elle bem antevia; mas não tinha outro. Com effeito o seu pensamento, mal explicado e á pressa, não podia ser bem comprehendido nem o foi.

Obrigado a trabalhar n'uma idea não sua nem facil, para um estrangeiro especialmente, o director da eschola mereceu muito louvor pela dedicação e zêlo com que se sujeitou a fazer tal. Mas o auctor teve de refazer todo o trabalho que lhe trouxeram, deixando apenas alguma coisa d'elle no segundo acto por ser o mais aproveitavel.

Assim se representou e anonymamente a comedia; mas agora que se resolve a deixá-la imprimir com o seu nome, tudo foi refundido de novo, e não ficou nada de mão alheia.

Assistiram a ésta representação SS. MM. Fidelissimas e Imperial, o Principe herdeiro e hoje reinante de Saxe-Cobourg-Gotta, o corpo diplomatico, toda a côrte e um público escolhidissimo. A peça obteve muito applauso na representação, e a imprensa lhe não fez menos favor.

Eisaqui o juizo que d'ella dá um jornal litterario do tempo. Escolhe-se este entre varios, por ser o que mais visivelmente foi escripto sob as primeiras impressões do momento.

O drama, ou comedia historica em tres actos, segundo com mais exacção se intitula, foi expressamente composto para ésta occasião, é verdadeiramente original e portuguez no assumpto, nos characteres, nos costumes, no sabor da linguagem e no stylo.

O inrêdo é simples e facil. — Terminava o anno de 1640, e acabava-se aos portuguezes a paciencia velha de sessenta annos com que tinham soffrido o jugo castelhano. Os tumultos d'Evora e de Braga ja não podiam deixar no ingano o govêrno intruso, e assaz lhe diziam o estado da opinião pública. Todos tinham os olhos no duque de Bragança. Ordens repetidas de Madrid o mandam ir áquella côrte. Se vai, todas as esperanças dos portuguezes estão perdidas. É necessario que a revolução rebente, e que Portugal proclame, alto e forte, a sua liberdade e os seus reis legitimos.

N'este estado de coisas começa a pei-

meira scua da comedia. Estamos em casa de um certo Rui-Galvão, nobre portuguez degenerado, que sordidamente se vendeu ao partido castelhano, vil satellite de Miguel de Vasconcellos, o secretario da duqueza regente.

‘Ao levantar do panno apparece-nos um mordomo velho da casa, bom portuguez da tèmpera antiga que, occupado de seus quefizes domesticos, vai resmungando, como em sua idade e character é natural, sôbre o que vai por aquella casa e pelo reino. Chama-se elle o Sr. Custodio-Peres, é rabugento e *frondeur*, não póde ja aturar aquella casa, e so alli pára porque a verdadeira dona d’ella é a sua querida D. Leonor que elle criou de pequena, e cujo pae, honrado fidalgo portuguez, *estallára* de pena de se ver escravo, mas que não imaginando que tanto podesse corromper-se o nobre sangue de seu irmão, á hora da morte o instituíra tutor d’esta sua filha, herdeira riquissima e unica de sua poderosa casa. O tutor porém dilapidou a herança, e para não dar contas, fez-se exaltado do partido dominador, tracta o casamento da sobrinha com um tal Correa, irmão do secretario Mi-

guel de Vasconcellos, e obtem de Madrid um aviso real que o absolve de toda a responsabilidade e lhe dá por boas e lidimas suas contas *como de seus leaes sentimentos se esperava.*

‘ De tudo isto, e do estado do reino, e de como vão as coisas de casa de D. Leonor, e dos dois partidos que estão em presença em Portugal, nos informa, mui natural e circumstanciada, posto que rapidamente, a viva e animada exposição do velho mordomo e de um seu joven amigo, que logo entra, o primo de Leonor, o amigo de sua infancia, o espôso que seu pae lhe destinára do berço, a quem ella ama, e que está desesperado com o atroz projecto do tutor.

‘ É este mancebo D. Jeronymo de Atahide, o filho mais velho da célebre condessa da Atouguia D. Philippa de Vilhena, que, por um espirito e coração muito superiores á sua tenra idade, foi admittido ás conferencias dos generosos conspiradores de 640, tracta e vive com João Pinto-Ribeiro, mas no meio de tudo isso é uma criança, esquece-se ás vezes do supplemento de idade que lhe deram, e doudo de amores e de ciumes, está a ponto, em

várias occasiões, de perder tudo com a idea de salvar a sua Leonor.

‘ Ja ides ver ésta prima Leonor por quem tanto se revolve aqui tudo. Ella que entra, e com seu espirito, seu juizo, seu enthusiasmo de amor patrio, justifica todos os sentimentos que inspirou.

‘ N’um galantissimo dialogo com o primo, acaba de nos informar cabalmente do estado das coisas; e póde-se dizer exposta a acção, quando o mordomo velho, que tem estado de vigia enquanto os primos conversam, acode assustado bradando-lhes que se retirem porque o velho acordou. Eram horas de sésta, Rui-Galvão dormia no classico repouso peninsular da sua meridiana, enquanto éstas coisas se passavam na ante-sala ou salão grande do palacio.

‘ D. Jeronymo de Atahide vai-se ás últimas conferencias da conspiração... porque nós estamos em 30 de novembro de 1640... D. Leonor retira-se á sua camera, e tudo isto á pressa, porque ja se ouve tossir o tutor. Ei-lo ahi vem... fica so Custodio para proteger a retirada dos dois amantes quasi surprehendidos.

‘Rui-Galvão é um typo do seu genero. Sem paixão nem enthusiasmo politico, partidario por interêsse, mais vicioso do que criminoso, é um verdadeiro e *feliz* character de comedia politica. N’elle estão personalizados os vis portuguezes d’aquella epocha, na qual, como em todas,

Alguns traidores houve algumas vezes.

‘A scena entre Galvão, que suspeita vagamente as intelligencias da sobrinha com o mordomo, e este que, sem as confessar, lhe vai dizendo, a seu modo, verdades duras e como quem ja se não pôde conter: — é cheia de naturalidade, e tem um colorido local, um sabor aos costumes da epocha, certamente notavel e pouco visto nas nossas composições dramaticas.

‘A segurança com que, na véspera de sua total ruina, este representante do partido dominador escarnece das que elle chama miseraveis tentativas d’uns poucos de *fidalgos pobretões e de quatro taberneiros de Lisboa*, é characteristic, e denuncia, no quadro, as pinceladas de quem conhece os homens e o mundo, sem o quê se não podem fazer co-

medias nem dramas, nem coisa nenhuma talvez.

Galvão tem resolvido casar aquella noite mesma a sobrinha, e manda fazer todos os preparativos; quando a chegada de um d'estes parasitos que entram em toda a parte, o vem confirmar ainda mais em seus projectos.

Um tal Barnabé-Fulgencio 'homem que merenda sempre seja a que hora for' segundo o descreve o nosso amigo Custodio-Peres, vem fazer a sua visita a Rui-Galvão que lhe pucha pela lingua, e com alguns copos de vinho, o põe em estado de dizer quanto sabe. Não é muito, mas basta para dar pretexto ao mau tio de vexar a innocente sobrinha e despedir o obnoxio mordomo.

Isso se faz. Leonor, offendida das suspeitas indignas do tio, diz-lhe toda a sua alma, protesta que não acceitará o espôso que lhe querem dar por força. Galvão está forte com o seu decreto real assignado *Yo el Rey*, e parte com o noivo para acabar de dispor tudo com o seu protector, o renegado Miguel de Vasconcellos.

Mas enquanto isto se passa em casa do Galvão, os conspiradores não dormem. O sa-

crifício de Leonor está decretado para aquella noite; e para aquella noite tambem está preparado, pelos libertadores da patria, o dos seus algozes communs.

‘ No segundo acto, achâmo’-nos em casa da condessa de Atouguia D. Philippa de Vilhena. É alta noite, e a desvelada mãe está á espera de seus filhos, que foram a casa dos Almadás á última conferencia dos conjurados. Resolvida ao sacrificio, ella vai expor a vida dos filhos... mas a boa portugueza tambem é mãe: estremece-lhe o coração, e não pôde conter as lagrymas involuntarias que a immensidade d’aquelle grande sacrificio lhe arranca do peito.

‘ Os filhos chegam, a reunião de amigos e parentes junta-se, D. Philippa no meio da vasta sala do docel do antigo palacio dos Atouguias, com a espada de seu marido na mão, invocando a memoria de seus antepassados, chamando pelo nome do Salvador, cujo auxílio implora, D. Philippa, verdadeira heroína portugueza dos tempos antigos, exclama com voz solemne: ‘ Meus filhos, vossos avós ‘ foram armados cavalleiros nos campos de ‘ batalha, por braços de reis, com as espadas

‘de grandes capitães. A vós, criancinhas, é
‘vossa mãe que ainda hontem vos acalentava,
‘vossa mãe que lhe treme o braço, que lhe
‘rebenta o chôro dos olhos, que aqui está
‘sustida de uma fôrça sobrenatural que ella
‘mesma não comprehende... Arma-vos vossa
‘mãe, filhos; e sereis tam bons cavalleiros
‘como os que vos precederam... porque eu
‘tenho fe, porque chamo por Deus e vos
‘digo: D. Jeronymo de Atahide, D. Fran-
‘cisco Coutinho, em nome de Deus e de
‘vossos avós, eu vos armo cavalleiros. Tomae
‘ésta espada e não vos sirvais d’ella senão
‘para defender a religião, a patria, a liber-
‘dade do povo e os vossos legitimos reis!’

‘E por milagre de patriotismo, e de amor
maternal, as duas criancinhas se levantam ho-
mens feitos e cavalleiros.

‘Ésta aurora traz liberdade ‘meus ami-
‘gos’ — brada D. Jeronymo — ‘corramos a
‘incontrá-la!’ — E partem todos. E n’este
enthusiasmo, e com os corações dos especta-
dores sobressaltados todos de quanto ha nobre,
grande e bello nas sensações e pensamentos
do homem, cai o panno no fim do segundo
acto.

‘Voltâmos, no terceiro, a casa do traidor Galvão e de sua generosa sobrinha D. Leonor, que estamos quasi certos de ir ver sacrificar em um matrimonio abhorrecido e odioso. D’aqui a duas, tres horas, será salva a patria... e ella, ella que tanto tem chamado, com seus votos, com sua influencia, com tudo quanto pôde e vale, por esse dia de glória — e é muito o que pôde e vale uma conspiradora môça e formosa — ella será condemnada a ver raiar essa bella aurora nos prantos e na infamia!

‘D’aqui, d’esta artificiosa suspensão que o auctor habilmente collocou entre o segundo e terceiro acto, como de *rémora* á catastrophe, d’aqui, dizemos, o interêsse do último acto, que aliás o não poderia excitar, porque todos contâmos com o densinlace feliz da *parte politica* do inrêdo, que de todos é sabida.

‘Em casa de Galvão, agora, vemos o partido contrário, gente de Castella. Está-se aos ultimos brindes de uma ceia splendida: d’alli para a capella. Pobre Leonor! — É inutil resistir, clamar, appellar para a piedade d’aquelles homens sem coração. Vão casá-la...

Um recado do paço, que a toda a pressa chama Galvão e os seus amigos ao gabinete de Miguel de Vasconcellos, suspende a cerimonia. Que será? Partem todos tremendo. Leonor tem um momento de respirar. Deixam-lhe por guarda o parasito do primeiro acto — o Barnabé que está quasi cego e surdo de embriaguez, e que parte não ve, parte não quer ver o que se passa. Custodio aproveita este momento, para vir confortar a sua querida ama e trazer-lhe salvação. A salvação é o primo, é D. Jeronymo em pessoa que a vem buscar para casa de sua mãe para a pôr em recato.

‘Escapará a pobre Leonor: inda bem!.. Mas que arruido é este? vem gente. Tristes de nós! É o tio que volta. Ja não é possível: Leonor está perdida, e D. Jeronymo de Atahide nem siquer poderá morrer combatendo nobremente no meio das ruas de Lisboa pela liberdade da patria. Ahi morrerá assassinado pelos rufiões de Rui-Galvão. Ja se ouvem rebates de sinos, tiros de mosquetaria. ‘Foge, D. Jeronymo’ (lhe brada Custodio que conhece os cantos da casa) ‘foge por aquella ‘escada particular que dá não sei em que

‘bêco, foge e vai com essa espada para onde ha glória que ganhar.’

‘D. Jeronymo, que ouve o signal da revolução, cede do desejo de castigar o traidor que em sua cholera de amante alli queria partir de meio a meio, e vai para a grande acção.’

‘Rui está como tocado do raio. Que é isto? Que audacia a d’esta gente? — Mas a todo o instante agora chegam noticias de toda a parte. Os sinos redobram, o canhão troa, os brados do povo vão-se approximando. *Viva D. João IV, viva a nossa liberdade!* resoa de toda a parte. Portugal é Portugal outra vez.’

‘A condessa de Atouguia, Custodio, todos vêem acudindo a celebrar e informar do que vai. Está salva a patria, está salva Leonor, Rui fica como morto; até o parasito Barnabé o vem insultar em sua desgraça, e dar-lhe o coice do asno, emquanto de fóra o povo brada: *Morra o traidor Galvão!*’

‘Acodem-lhe os generosos vencedores: D. Philippa suspende as íras populares, e D. Jeronymo dá asylo aos vencidos.’

‘Triumphante, cheio de glória, chega D. Jeronymo, que é para nós, os espectadores do

drama, o representante de todos os heroes da restauração. N'esta *concentração* eminentemente dramatica, que nos faz assistir a todo o movimento de uma revolução, sem a vermos, seguramente está o principal merito do drama. Batalhas, revoluções e coisas semelhantes so assim devem vir ao theatro.

‘É felicissimo o pensamento com que a peça conclue. D. Jeronymo abraçado com sua mãe e com a sua espôsa ouve as aclamações do povo que da rua o victoreia e sauda: ‘Viva D. Jeronymo de Atahide!’ dizem elles — ‘Viva a patria, meus amigos’ lhes responde o mancebo chegando á janella ‘viva a liberdade! Viva a casa de Bragança que nos restitue a sancta monarchia de Ourique, em ‘que o povo sempre hade amar os seus reis, ‘porque os seus reis sempre hãode amar a ‘liberdade!’

‘Não é facil descrever a explosão de applausos e entusiasticos bravos com que foi acolhido este final do drama; nem sería possivel tampouco dizer a parte que o auctor ou os actores da peça poderão tomar d’elles para si. Vibravam todas as chordas sonoras do coração portuguez em confusa melodia; não se

extremavam sons. Contentem-se o poeta e os seus artistas de saberem que assim o fizeram; e não é pouca satisfação.

‘O drama é pois uma verdadeira comedia historica: no pequeno ponto episodico do grande quadro da revolução de 1640 em que o auctor se collocou, faz reflectir toda a acção, todo o movimento d’ella. Mais feliz n’esta parte; segundo nossa opinião, do que Mr. Lemer cier no seu ‘Pinto’ sem arriscar os grandes characteres conhecidos da historia, nas feitura de sua imaginação recopilou todos, e no-los deu concentrados em typos de grande naturalidade. Nota-se a arte com que nos preparou para fazer de D. Jeronymo de Athide, que é uma criança, um mancebo capaz de tammanhas empresas. Tem o defeito, *absolutamente fallando*, de ser pequena a comedia; apenas são esboçados os characteres; mas ve-se que foi feita para um *estudo de alumnos*, e não para uma representação de actores consumados. Desinvolyda nos seus cinco actos naturaes, deve ficar muito melhor e mais completa.

‘Continúa a ser segredo o nome do auctor. Não ousaremos nós revelá-lo. So repetiremos

que não é de pessoa extranha ao Conservatorio. Quem quer que é, sabe a lingua, os costumes e os modos da sua terra e da epocha que tractou.

‘Não tem *maldicções*, nem *infernos*, nem *ferros em brazas*, commove sem berros, excita sem gritarias, faz rir sem obscenidades, indigna sem torpeza: *La mère en permettra la lecture à sa fille*. N’esta parte não duvidâmos da-la por modêlo aos nossos jovens escriptores dramaticos. É classica ésta peça? Não sabemos; tem coisas d’isso. É romantica? A espaços nos parece ter vehemencia de acção e de dicção que o não cede aos mais atrevidos da eschola.

‘Quem sabe se o auctor será *ordeiro* entre os dois partidos litterarios? Goëthe, que fôra um romantico exaltado, morreu abraçado com a *fe ordeira*: deve de ser boa religião litteraria.

‘Da execução pouco diremos. Todos os alumnos, sem excepção, mostraram capacidade e estudo, em graus diversos porêm, e com imperfeições diversas, que todos tinham as suas; nem outra coisa era possivel na *mais difficil de todas as artes*.

‘Não ha arte mais difficil, tornâmos a dizê-lo, nem a da musica. Os Roscios, as Clairons, os Talmas, as Mars, os Keans, as Sydons, contam-se um a um por meios seculos. Por cada cem artistas distinctos nas outras artes, apparece um na dramatica, se tanto. Assim como nas mais ricas litteraturas são poucos os auctores dramaticos de primeira ordem, tambem o são os actores. E em Portugal, que não tem ainda um *reperitorio* nacional para o seu theatro, é mais difficil ainda o fazer actores. Onde estão os modelos, onde estão os papeis das comedias, das tragedias, dos dramas em que se hajam de fundir *plasticamente* o rosto, os modos, os habitos do actor? Cuidam que o hãode conseguir jamais com traducções, que por optimas que sejam, sempre terão de ser pessimas, porque as não pensou um portuguez com ideas portuguezas, para actores portuguezes, com stylo, côr, naturalidade, tom e sabor que o artista comprehenda bem, e o público sinta e se veja viver n'ellas?

‘Inganam-se. Os actores formam os espectadores, e os espectadores áquelles: mas não o fazem uns nem outros sem dramas seus de

ambos: uma coisa traduzida nunca é sua. Por mais bem lavradas que sejam as cartas de naturalização, não nasceu ca; póde ter a *protecção* das leis civis (por me servir de uma comparação que não é despropositada), os *foros todos politicos* do theatro, não.

‘Como alumnos pois, e calculadas ainda a êsmo as pasmosas difficuldades que venceram, os da eschola de declamação do Conservatorio fizeram prodigios, e dão largas esperanças.

‘Apollo e suas bemaventuradas irmans os livrem do mau olhado de exaltada e furiosa bruxa romantica, que, á fôrça de *maldições*, de *infernos*, de *diabos*, de gritarias abominaveis, os façam cahir n’esse monotono psalmejar de blasphemias e impropérios que nos véem ca dizer que é moda em París, quando tal não é, quando todo o mundo escarnece o mau gôsto da gente bruta que ainda vai ao theatro da *Porte-S.^t-Martin* assistir a esses espectaculos de cannibaes. Vamos nós antes aos toiros, que é mais nobre e mais portuguez passatempo, aindaque não muito civilisado, do que a essas orgias em que não se sabe qual é mais grosseiramente violada se a intelligencia ou a moralidade.’

ambos: uma coisa traduzida nunca é sua. Por
 mais bem lavadas que sejam as cartas de
 naturalização, não nascem cá; pôde ter a pro-
 teção das leis civis (por me servir de uma
 comparação que não é desproporcionada), os ve-
 ros todos políticos do theatro, não.
 Como alguns pois, e calculadas ainda a
 como as passagens enlucradas que vendem,
 os da escola de declamação do Conservato-
 rio fixaram prodigios, e dão largas esperanças.
 Apolito e suas bemaventuradas irmãos os
 livrem do mau olhado de exallada e luctosa
 priza romântica, que a força de molduras,
 de vellos, de abdos, de grilarias abomi-
 náveis, os fazem cair n'esse monolito pal-
 mear de blasphemias e hipocritos dos nos-
 vém cá dizer que é moda em Paris, quando
 tal não é, quando todo o mundo escarrega e
 mau gosto da gente bruta que ainda vê no
 theatro da Torre-S. Maria assistir a esses
 espectáculos de cambaças. Amos nos antes
 aos louros, que é mais noite e mais porte-
 guês passatempo, andaque não muito civili-
 sado, do que a essas orgias em que não se
 sabe qual é mais grosseiramente violada se
 a intelligencia ou a moralidade.

PHILIPPA DE VILHENA

COMEDIA

Representada, a primeira vez, no theatro do Salitre, pelos
alumnos do Conservatorio Real de Lisboa, em trinta de
Maio de

MDCCCXL.

PESSOAS.

DONA PHILIPPA DE VILHENA.

DOM JERONYMO DE ATAHIDE.

DONA LEONOR.

RUI-GALVÃO.

LUIZ-CORREA.

CUSTODIO-PERES.

BARNABÉ-FULGENCIO.

FREI JOÃO DE LAS ALPUJARRAS.

DOM FRANCISCO-COITINHO.

TABELLIÃO.

DAMAS, FIDALGOS, POVO, SOLDADOS, PAGENS
E CRIADOS.

Logar da scena — Lisboa.

ACTO PRIMEIRO.

Salão antigo com reposteiros, em casa de Rui-Galvão.

Duas portas, uma a cada lado da scena, outra no fundo; duas janellas.

SCENA I.

CUSTODIO *so*, depois **D. JERONYMO**.

CUSTODIO, arrumando alguns trastes, e fallando por intervallos consigo.

Boa casa está ésta! Ja me não serve, não paro aqui muito tempo. Ai casa, casa! quem te conheceu em vida de meu amo! Quem te viu e quem te ve, casa! E quem te viu e quem te ve,

reino de Portugal, que tam reino es tu, como isto é casa! Cachorros de castelhanos! E mais perros estes portuguezes sem vergonha que se lhes venderam, que... (*Batem de vagar á porta de fóra.*) Quem bate agora ahi? — (*fallando consigo*) Temos algum sécca! (*para a porta*) Espere. (*fallando consigo*) Algum d'estes leve-traz, que aqui andam sempre com mexericos ao tio da menina. Ja se sabe: 'Fulano disse 'mal da duqueza, Beltrano não é affecto ao senhor Miguel de Vasconcellos. Este é traidor por 'aqui, aquelle é conspirador por acolá..' Oh Senhor, prendam o reino todo de uma vez, que é melhor, e ficam descansados. (*Batem.*) Ahi vai: espere. (*fallando consigo*) Por bom não vens tu, que tanta pressa tens. (*fallando juncto da porta*) Meu amo... (*á parte*) Qual amo! Minha ama é a senhora D. Leonor, mas vá: (*alto, outra vez juncto da porta*) meu amo está a dormir; ouve? Está descansando, dormindo a sésta. A ésta hora não falla a ninguem!

D. JERONYMO, de fóra.

Bem sei, tanto melhor; por isso mesmo abre, Custodio.

CUSTODIO.

Abre, Custodio! — Que é lá isso? (*abrindo*)
 Ai os meus peccados! Que vem aqui fazer, se-
 nhor D. Jeronymo! Valha-me Deus! Menino, está
 doudo? Onde se vem metter! Não sabe quem
 mora n'esta casa?

D. JERONYMO.

Sei muito bem: a minha ricca prima D. Leonor.

CUSTODIO.

Pobre Leonor, coitadinha! Essa é a dona da
 casa, é, é, pobre menina! e de tudo quanto aqui
 ha, e de mim, e...

D. JERONYMO.

De ti que es um bom velho, e de mim que
 sou um bom rapaz, e de...

CUSTODIO.

E de tudo, menos da sua liberdade: que aqui
 quem governa é o tio. E o menino ja se esque-
 ceu de quem é o tio?

D. JERONYMO.

Não esqueci, não, meu Custodio: é o traidor
 de Rui-Galvão, que vendeu a sua alma ao diabo,
 a sua honra a Castella, e quer vender a sobri-
 nha a...

reino de Portugal, CUSTODIO. reino es tu, como

Ao excommungado do Luiz Correa, o sobrinho d'aquelle grande renegado do Miguel de Vasconcellos.

D. JERONYMO.

Mas a alma está em boas mãos, e os mercachonras que fiquem logrados. — Agora a sobrinha, a filha de teu amo!...

CUSTODIO.

Ai meu sancto amo! Aquelle nobre coração de portuguez ás direitas, que estallou de se ver escravo! E dizer que este irmão é irmão d'elle! — Ah senhor D. Jeronymo! Aquillo sempre era um fidalgo. Elle a morrer, e este sujeito ca, este Judas d'este irmãozinho a fingir que chorava; e eu sêcco, sêcco, com estes olhos mais myrhados... assim como quem cegou de pasmo... E elle: 'Custodio, tu não choras? Não tens saudades de mim!' — Palavras não eram dittas, que nunca mais lhe ouvi outras, desfechei n'um choro de soluços, que nem eu sei o mais que passou. Mas o irmão prometeu-lhe que havia de ser outro pae para a menina, e ficou por tutor d'ella. Pobre menina! para lhe estragar a casa, como

tem feito... E agora, para não dar contas, vai vender a sobrinha aos castelhanos... peior, antes a um castelhano honrado, se é que os ha : pois elle haverá castelhanos honrados, senhor D. Jeronymo?

D. JERONYMO.

Lá na sua terra é de fe que sim, muitos e muito honrados, meu Custodio; aqui na nossa...

CUSTODIO.

Aqui na nossa terra são uns ladrões; e mais ladrões os que os ajudam a roubar. Isso é que é fallar portuguez direito e que se entende. Sangue de Vilhena e de Atahide! que este não degenera (*abraçando D. Jeronymo*).

D. JERONYMO.

Não, meu amigo, antes se derrame todo no patibulo. Olha, Custodio, eu ja não sou criança : não sou, não; sinto que ja sou grande, tenho aqui um braço que ja póde com a espada de meu avó. E é uma tal espada! Até minha mãe diz que ja posso com ella! Ves tu.—Pois, meu Custodio, quero fallar á prima (*fazendo-lhe meiguices*).

CUSTODIO.

Que diz, menino! Va-se, va-se embora, que ja

me fez palrar aqui demais. Se elle acorda, o senhor Rui-Galvão, estamos perdidos. Pois a menina! Pobre menina. Fechava-a a pão e agua! Não sabe o odio que lhe elle tem, e á sua familia toda. Para elle, ver um Vilhena ou um Atahide, é ver o seu castigo. Eu, que, por fim de contas, não sou senão o mordomo d'esta casa, eu mesmo lhe faço sombra, e lhe metto medo porque sou portuguez honrado. Tomára-me elle deitar a perder. Va-se d'aqui, menino, va-se.

D. JERONYMO, logrativo, e amimando-o.

Para que estás tu com essas coisas? Se tu por fim hasde ir tomar conta n'elle que não acorde, e vigiar emquanto eu fallo á prima? Vai fazer a tua sentinella do costume, anda.

CUSTODIO.

Hoje não senhor, hoje não vou, hoje não póde ser: va-se embora.

D. JERONYMO.

Vai dizer á prima, anda.

CUSTODIO.

Hoje não senhor. Desde os tumultos d'Evora, andam damnados. De todo o tempo, que nos governam os Philippes, não houve tam ruim tempo

ainda n'esta pobre terra. Prendem, roubam, matam por um nada. Ca por mim, que me importa? mas a minha ricca menina...

SCENA II.

D. JERONYMO, CUSTODIO, D. LEONOR

entrando pé-ante-pé e risonha.

D. LEONOR.

A tua ricca menina tambem lhe não importa, nem tem medo. Não sabes de quem sou filha? Põe-te de sentinella a esse reposteiro, (*indica uma porta interior*) avisa em presentindo que acorda meu tio; e não tenhas cuidado. (*Custodio hesita, mas por fim vai resmungando metter-se detraz do reposteiro.*)

D. JERONYMO.

Não te disse eu que por fim havias de ir fazer a sentinella do costume?

CUSTODIO.

Deixe-me, menino, deixe-me, que isto ainda hade acabar mal.

D. JERONYMO.

Querida prima!

D. LEONOR.

Primo, ésta vida não se póde soffrer!

D. JERONYMO.

Não, Leonor, não se póde. E eu estou resolvido; mato o Vasconcellos, caso contigo, e aclamamos o nosso rei D. João IV. — Viva o nosso rei D. João IV! Morram os Philippes! Portugal e San'Jorge! Hem! Como se dizia em Aljubarrota. Não é assim, Leonor? — E o tio Rui?.. Não, mal não lhe havemos de fazer: mandâmo-lo governador para Bissau. Hade ser um bom governador de Bissau, o tio Rui! Lá que venda os pretos, se quizer; mas não hade estar aqui a vender os portuguezes... e a vender a minha Leonor ao excommungado do Miguel de Vasconcellos.

D. LEONOR.

Vendida, e não sei se ja paga, primo.

D. JERONYMO.

Paga o quê? — Faço a revolução ja, não espero por mais nada. Vai tudo com a fortuna. — (*gritando, e atirando com o chapeo*) Viva a nossa liberdade! Morram os castelhanos. Mata estes

ladrões ! E Miguel de Vasconcellos primeiro que todos, que me quer tirar a prima Leonor !

CUSTODIO, acudindo.

Jesus, nome de Jesus ! Menino, que acorda o senhor Rui. — Estamos perdidos. E Jesus !

D. LEONOR, rindo, mas querendo fallar serio.

Primo, tenha juizo. — Abi está o grande conspirador, o grande homem de prudencia. Olhem João Pinto-Ribeiro se ouvisse isto, o que diria ! Não o tornava a deixar assistir ás conferencias, havia de lhe chamar criança, que é o que o menino é, com todas as suas presumpções de homem grande. — Oiça, e tenha juizo. O contracto está feito, meu tio vendeu-me !..

D. JERONYMO, interrompendo-a.

Ja não vai para Bissau : *Pedras-Negras...* Pedras... outras pedras peiores ainda. — Mas não ha: para as negras. Para as Pedras-Negras : não lhe posso valer.

D. LEONOR.

Oiça, e tenha juizo. — Venderam-me, e hoje me querem intregar...

D. JERONYMO.

Pois antes de hoje, a revolução. Viva !..

D. LEONOR.

Se diz mais uma palayra, vou-me embora e não lhe digo nada.

D. JERONYMO.

Não, prima, não : estou callado, prometto, faço tudo o que a prima mandar.

D. LEONOR.

Olhe o que diz !

D. JERONYMO.

Pela espada de meu avô !..

D. LEONOR, zombando.

Com que o menino não pôde.

D. JERONYMO, picado.

Ora prima, essa !.. Tanto posso, que...

D. LEONOR, affagando-o.

Pois verêmos. — Agora vamos ver se ainda é criança, ou se ja pôde com a espada de seu avô. Escute. Querem que eu assigne as escripturas ésta noite, e que logo sem mais detença...

D. JERONYMO, perdido.

E então eu heide ?..

D. LEONOR, ameaçando-o.

Primo !

D. JERONYMO, resignando-se.

Estou callado.

D. LEONOR.

Eu resisto, não cedo, ainda que me matem.

D. JERONYMO, beijando-lhe a mão.

Querida prima!

D. LEONOR.

Vamos! — Não cedo. Eu tenho so dezoito annos...

D. JERONYMO, com pena e inveja.

E eu que ainda não tenho senão dezeseis... Sempre é uma vergonha!

D. LEONOR.

Tenho so dezoito annos, mas o sangue de meu paé hade supprir a idade. Não cedo, D. Jeronymo. Que me mettam n'um convento... vou com muito gôsto. Que me confisquem a casa... que me importa! Fico pobre...

D. JERONYMO, como quem descubriu coisa

que o salva.

É verdade, façamos esse contracto com elles. O Correa que leve a casa, e eu fico com a prima.

D. LEONOR.

Ahi vai o requinte da tyrannia; querem o sa-

crifício completo, e córar com apparencias honestas a sua infamia. — Mas elles sabem que o nosso amor, que nasceu quasi no berço, que nos braços de meu pae nos ajuntou desde a infancia, que é parte da nossa vida, da nossa fe, que é tudo para nós... elles bem sabem que este amor é o principal obstaculo á execução dos indignos projectos que sôbre mim e sôbre a casa de meu pae teem feito. Por isso tenho mais cuidados pelo primo do que por mim mesma.

D. JERONYMO.

Deixe-os, deixe-os: que venham, eu lhes direi...

D. LEONOR.

Eu lhes direi o quê? Prendem-n'o, mettem-n'o n'uma tórre, mandam-n'o para Madrid. — Não ve o que elles teem feito a outros, não ve o que querem fazer ao duque de Bragança?

D. JERONYMO.

Ao duque de Bragança! Pois sim! Se a prima soubesse...

D. LEONOR.

Sei, sim senhor. — Não hade ir: está resolvido, bem sei; e havemos de appressar a revolução por causa d'isso.

— ! minha prima, rica prima!

D. JERONYMO.

Então sabe?

D. LEONOR.

Sei tudo! — E sei mais (*falla-lhe em segredo*).

— Va o menino, va ja, ja, dizer a João Pinto-Ribeiro que os nossos inimigos ainda estão crentes em que o duque parte; que estão descuidados, e que este é o momento. — Va, va, não perca tempo.

D. JERONYMO.

E o casamento, e a prima?

D. LEONOR.

Va. A mim eu me defenderei. — E oiça: antes do romper d'alva venha ao jardim; Custodio lhe abrirá a porta... e então lhe direi o mais.

D. JERONYMO.

Oh prima, prima do coração, hoje não fica um castelhano vivo.

D. LEONOR.

Va-se! E torno-lhe a dizer: tenha juizo. Lembre-se do que me tem promettido, do que prometteu a sua mãe, e do que o espera ésta noite.

D. JERONYMO.

Ésta noite!.. Ah! é verdade. Oh! é ésta noite que minha mãe prometteu de me intregar a es-

pada de meu pae. Adeus, adeus, ricca prima! —
E olhe, prima, se eu... se eu morrer...

D. LEONOR, sorrindo.

Tem medo?

D. JERONYMO, picado.

Medo eu! Pois para lhe mostrar se tenho medo, so por amor d'isso heide morrer, heide fazer com que me matem. Veremos então o que a prima diz.

D. LEONOR.

Criança! Venha ca, tenha juizo. (*Dá-lhe a mão, que elle beija.*)

CUSTODIO, sahindo detraz do reposteiro,
assustado.

Fóra, fóra, ja, ja, que acordou o bucentauro.

D. JERONYMO.

O bucentauro é um navio, Custodio. Queres dizer o Minotauro.

CUSTODIO.

Bucentauro ou Minotauro, acordou. Safa, safa!

D. JERONYMO.

Prima!

D. LEONOR.

Adeus! prudencia e firmeza.

D. JERONYMO.

Até... até á morte!

CUSTÓDIO.

Para a sua camera, senhora, para a sua camera, que elle ahi vem. Ja, ja...

SCENA III.

CUSTODIO, RUI-GALVÃO.

RUI-GALVÃO, chambre de primavera *, barrette

de folhos na cabeça, espriguiçando-se.

La niña bailava, y el viejo tañia... Estava a bella infanta no seu jardim assentada, e o meu D. Mordomo contando-lhe historias da caroxinha. As lamurias do costume! Cuida que eu não ouvi, senhor Custodio?

CUSTODIO, á parte.

Não ouviste, não: aviados estavam se ouvisses!

RUI-GALVÃO.

Cuidam que me imbaçam, a mim... a mim,

* Estôfo antigo de seda de ramagens, com este nome.

raposa velha! *Dame la mano, gitana.* Sou seu criado, senhor D. Custodio, e da minha nobre sobrinha, a senhora D. Leonor, que é uma rapariga de esperanças! — Ora com quê, estavam aqui, enquanto o pobre velho dormia, a bella pupilla e o fiel escudeiro praguejando o negregado tutor, e carpindo a sua triste vida... Conspirando o seu pouco tambem? Não é assim?

primeira diz. O CUSTODIO, á parte.

Mal sabes tu que é verdade.

Calteusad RUI-GALVÃO.

Diga, homem, diga: eu sou de segredo... e patriota de véras. Hade levar a breca estes castelhanos, que hãode vir os levantados d'Evora por ahi fóra, e talvez el-rei D. Sebastião da sua ilha encantada. — E o senhor D. Philippe nosso senhor (*tira o barrette*) rei de todas as Hespanhas, e de todas as Indias, e de meia Allemanha, e de meia Italia, e de Sicilia, e de Jerusalem. — E... tudo isso vai com o po do gato, porque quatro pobretões de quatro fidalgos portuguezes, com meia duzia de taberneiros, juraram um dia á noite que havia de voltar el-rei D. Sebastião, ou não sei que outro

rei tam real e verdadeiro como elle... Forte miseria!

CUSTODIO.

Na miseria estamos nós, senhor, isso é verdade; so nos falta ser herejes, como os de Flandres, que menos são que nós, e não soffreram tanto. (*á parte*) Chucha!

RUI-GALVÃO.

Ah! tu queres ser hereje, Custodio? Bonito!

CUSTODIO.

Deus me defenda, senhor! Mas Deus Nosso Senhor, que foi pelos herejes flamengos, bem podia ser por estes pobres catholicos portuguezes.

RUI-GALVÃO.

Ta, ta, ta. Ja nós lá vamos! A coisa está mais...

CUSTODIO.

Está, que se nós governassem bem, senhor, ninguem pensava em taes coisas, senhor Rui-Galvão. Mas estes vexames, éstas violencias!.. Vossa senhoria bem sabe que eu, que sou criado fiel d'esta casa, que nasci dentro d'estas paredes, que aqui me passou a mocidade e aqui me colheu a velhice, tenho ca minhas ideas que não

são como as de vossa senhoria. Mas primeiro que tudo está a lealdade a meu amo. Vossa senhoria não faz bem: este governo castelhano opprime muito o povo, e o povo portuguez tem muitas saudades dos seus reis. Isto é que é a verdade; não ha ca outros conspiradores. Quem conspira é o partido que nos vexa. Em havendo justiça em quem manda, ja ha obediencia em quem serve. Isto de tudo para um e nada para o outro, este fazer escravos uns e senhores outros, é que não póde ser.

RUI-GALVÃO.

Bravo, bravo, meu Custodio! Estás um estadista completo; heide-te arranjar votos para procurador em côrtes: na primeira occasião hasde ir pelo braço... dos caturras. Sempre es muito pateta! Pois tu não ves o podèr d'el-rei D. Philippe nosso senhor, que em elle dando um aceno, cobre-se este cantinho de terra, chamado Portugal, de mais homens armados do que cahem gafanhotos nos campos de Andaluzia? Deixa-os fallar, deixa-os andar. Está alli a forza para uns, e as tôrres para os outros. E então! Deixá-los ir, mais fica para nós. Conspirem, conspirem,

meus amigos, que é o que nós queremos, nós os leaes, que chupâmos como taes. E viva o senhor D. Philippe! Grande soberano, munificentissimo, prestantissimo, omnipotentissimo! — Dá ca aquella pasta. — (*Custodio faz o que lhe manda; Rui tira um papel grande, e le*) ‘Tal, tal, tal...’ (*com solemnidade*) É minha real vontade que ‘para logo sejam recebidos por palavras de presente, havendo por desobrigado o ditto tutor de ‘dar mais contas de sua tutella, que havemos ‘por boa e fiel, como de seus leaes sentimentos ‘é notorio. Dado em Madrid, tal, tal, tal. Yo el ‘Rey.’ (*beija o papel, e o põe na cabeça*) Sereis obedecido, real senhor. Vossa Majestade é senhor, e manda. Custodio, hoje temos sarau em casa... Sarau! Não. São quatro amigos dos bons, dos verdadeiros. — Parentes, nada: isso é tudo dos taes... Fr. João de las Alpujarras, esse que entre logo; Luiz Correa ja se sabe, o irmão do senhor secretario, gente da minha. Percebes? Agora Vilhenas, Atahides, esses parentes degenerados...

CUSTODIO, á parte.

Degenerados, porque ficaram portuguezes!

RUI-GALVÃO.

D'isso nada; ja não são meus parentes: renego-os á face do ceo e da terra.

CUSTODIO, á parte.

De Christo renegarás tu se te pagarem, perro!

RUI-GALVÃO.

Não os conheço: ouviste? (*Batem á porta.*) Oh ahi batem; ve se é algum dos nossos.

CUSTODIO, vai ver, e volta.

É aquelle homem de... o senhor Barnabé-Fulgencio... (*surrindo*) aquelle que merenda sempre seja a que hora for.

RUI-GALVÃO.

Diz-lhe que não estou em casa. (*Depois de reflectir*) E d'ahi, espera: não digas. Elle é muito de casa dos Vilhenas... quero saber o que por lá dizem d'estas coisas, e de... — Que entre.

CUSTODIO, á porta.

Póde entrar.

SCENA IV.

BARNABÉ, RUI-GALVÃO, CUSTODIO.

RUI-GALVÃO.

Ora entre ca, senhor Barnabé. Então como vai isso hoje?

BARNABÉ.

Vive-se, vive-se, meu senhor. É tudo quanto a gente póde fazer, e custa. Tempos muito apertados, muito apertados! Se houvesse uma duzia de fidalgos como vossa senhoria em Lisboa, outro gallo me cantára. Mas não ha, não ha. Hoje, depois da missa em San'Roque, chocolate com o padre prefeito dos estudos... e nada mais em todo o dia! So umas empaditas em casa de D. Antão ao Rocio, e uma ou outra bagatella pelo dia adiante... mas coisa de pouco luzimento...

RUI-GALVÃO.

Custodio, a merenda para o senhor Barnabé.

BARNABÉ.

Oh, meu fidalgo, por quem é...

RUI-GALVÃO.

D'aquelles paios revolucionarios do Alemtejo,

azeitonas leaes de Sevilha, e uma boa garrafa de... do que te parecer : portuguez ou castelha-
no, o *espírito* é o mesmo em toda a península
iberica... ah, ah, ah! (*Custodio sai.*)

SCENA V.

BARNABÉ, RUI-GALVÃO.

BARNABÉ.

Sempre gallante, sempre o mesmo chiste, meu
senhor! Eu dizia hontem na academia dos *Taci-
turnos fallantes*...

RUI-GALVÃO.

Taciturnos fallantes! D'essa academia não sa-
bia eu.

BARNABÉ.

É uma nova : começou hontem na cella do pa-
dre mestre Aranha em San'Domingos. Disseram-
se coisas divinas, sonetos d'um conceito, roman-
ces d'um pico! Logo lhe repettirei o que fez Ma-
nuel Telles a um cupido de coquilho : é a coisa
mais gallante! Havemos de incovar os Generosos
e os Singulares, e todas as outras academias.

SCENA VI.

RUI-GALVÃO, BARNABÉ, CUSTUDIO *voltando,*
e mais dois criados com a merenda que dispoem
n'um bufete.

BARNABÉ, pondo-se á mesa, e começando a comer.

Mas hontem, dizia eu na nossa academia: 'O
 'fidalgo mais singular em dittos gallantes é Rui-
 'Galvão.' Perdoe, que assim se diz na ausencia.

RUI-GALVÃO.

Oh senhor Barnabé, essa é boa! não faça ce-
 remonia.

BARNABÉ.

Eu cerimonia, meu fidalgo! Detesto-a, abo-
 mino-a, conspurco-a. É uma expressão latina de
 Fr. Manuel Garrido que muito me agrada: cons-
 purco-a! Não lhe parece?—Á sua saude, meu
 fidalgo! (*bebe*).

RUI-GALVÃO.

Viva, senhor Barnabé!

BARNABÉ.

Oh senhor Custudio, faz-me favor d'aquelle
 prato. Tenho uma gana damnada hoje. É que

andei, andei!.. Muito bom está este paio, éstas azeitonas! Com isto me mate Deus! mas a tal olha-podrida...

RUI-GALVÃO.

É um prato muito de casa dos Vilhenas, hem!

BARNABÉ.

Ao contrário! É coisa de que não gostam. Isso de cozinha hespanhola para elles...

RUI-GALVÃO.

Bem sei.

BARNABÉ.

Pois não teem razão aquelles senhores: ha coisas admiraveis na cozinha castelhana, desde o refrigerante gaspacho até... Á sua saude, meu fidalgo! (*bebe*).

RUI-GALVÃO.

Viva, senhor Barnabé! Comque então os Vilhenas, hem! guizados de Castella nada?.. E o mesmo são os Almadas, e todos esses amigos por ahi com quem vossa mercê anda, senhor Barnabé.

BARNABÉ.

Eu, meu senhor! Eu andar com elles! Nada. Elles é que andam commigo. — Quem? Barnabé-

Fulgenciô andar com gente que !.. O que eu disse inda agora da olha-podrida foi brincadeira. A olha-podrida! Eu adoro a olha-podrida. É a mais perfeita, a mais sublime de todas as preparações culinarias. O que ha na antiga ou na moderna cozinha que se lhe compare? Fallar-me-hão nas cebollas do Egypto, no caldo negro dos Lacedemonios, nos rabanos assados de Fabricio, ou no fricassé de linguas de Lucullo? Desprézo todas essas bannalidades, e sustento que a olha-podrida é o manjar-real dos deuses, a verdadeira ambrosia de que falla Homero !.. Assim como... assim como este Carcavellos é o proprio Falerno de Xenophonte (*bebe*).

RUI-GALVÃO.

De Xenophonte!

BARNABÉ.

De Xenophonte ou de Horacio: tambem agora não farei d'isso uma questão academica. Mas é de qualquer d'esses grandes homens — que os grandes homens todos gostam muito bem da pinga.

RUI-GALVÃO.

Tem razão, senhor Barnabé, e faça-lhe justiça ao meu Falerno, não o poupe. Ora diga-

me : e que dizem por lá d'estas coisas?.. lá por casa dos Vilhenas... como tomam ésta ida do duque?

BARNABÉ.
Pois o duque vai?

RUI-GALVÃO.
Vai : não havia de ir !

BARNABÉ.
Ah ! o duque vai? (*á parte*) Então estão elles perdidos. (*alto*) Eu sempre lh'o disse.

RUI-GALVÃO.
O que disse o senhor Barnabé?

BARNABÉ.
Que não podia deixar de ser, que o senhor duque de Bragança havia de ir para Madrid, que ca a menina porfim havia de casar com o irmão do senhor secretario, e que D. Jeronymo não era senão uma criança. Não é verdade, Custodio, que ainda hontem lh'o disse a elle mesmo na sua cara, aqui, n'esta casa?

RUI-GALVÃO.
N'esta casa ! Como assim, Custodio?

CUSTODIO.
Senhor ?

RUI-GALVÃO.

Que quer isto dizer? Pois D. Jeronymo atreveu-se a pôr os pés aqui? Temos traidores dentro d'estas paredes, Custodio?

CUSTODIO.

Se os ha, não sou eu, senhor.

RUI-GALVÃO.

E quem senão tu, indigno, quem? — Barnabé! senhor Barnabé-Fulgencio!..

BARNABÉ.

Que manda, meu senhor?

RUI-GALVÃO.

Aqui, n'esta casa, hontem viu vossa mercê a D. Jeronymo de Atahide, o filho de D. Philippa?

BARNABÉ.

Aqui?... Eu parece-me... talvez me eu inganasse...

RUI-GALVÃO.

Falle a verdade ou n'este momento o faço caminhar para uma torre, como traidor. Falle: viu aqui a D. Jeronymo? Estava com minha sobrinha? Diga, ou...

BARNABÉ.

Eu, senhor, eu... eu creio que o viu...

RUI-GALVÃO.

Aqui?

BARNABÉ.

Aqui... foi: não posso negá-lo ja'gora. Mas peço-lhe que...

RUI-GALVÃO.

Basta. Custodio, agradeça á memoria de meu irmão e á consideração que ainda quero ter com esses cabellos brancos não lhe dar outro castigo. Dentro de uma hora fóra de minha casa.

CUSTODIO.

Ésta casa, senhor Rui-Galvão, é de minha ama, e...

RUI-GALVÃO.

E n'esta casa governo eu, e el-rei nosso senhor n'esta terra, senhor Custodio. Dentro de uma hora, tenho ditto. Ésta noite minha sobrinha hade ficar casada.

SCENA VII.

CUSTODIO, BARNABÉ.

CUSTODIO.

Estamos-lhe muito obrigados, senhor Barnabé, minha ama e eu.

BARNABÉ.

Oh Custodio, meu Custodio, um lapso fatal; *lapsus lingua!* Valha-me Deus! Mas Rui-Galvão é um homem terrível! Jesus, que fui eu dizer! — Porê, Custodio meu, quem vos manda a vós, sendo *custos pecudis?*.. — Olhae, eu não sei o que digo...

CUSTODIO.

Não sabe, não; por isso nos deitou a perder.

BARNABÉ.

A perder! Oh ingrato Custodio! Salvei-os. Salvei D. Leonor, salvei-te a ti proprio, desgraçado Custodio. Os Atahides estão em terra, elles, e toda a sua adherencia. O duque parte para Madrid, a coisa não se faz, e portanto, é bem claro que...

CUSTODIO.

A coisa... (*á parte*) Ai meus peccados, por que bôccas anda isto ja! (*alto*) A coisa! O quê... o casamento?

BARNABÉ.

Não, esse faz-se e deve-se fazer: não ouvistes? A outra coisa... aquella... (*com ar mysterioso*) E inda bem que se não faz! Os castelha-

nos teem muita força, e el-rei D. Philippe é adorado... Ora isso! O melhor dos principes, *delicias patriæ*. O nosso Tito, o nosso Vespasiano! — Meu Custodio é ter paciencia, e deixar ir o mundo por onde elle quer ir. Eu vou-me preparar para voltar logo á vida d'esta noite. E deixae estar: eu valho alguma coisa com Rui-Galvão; o negocio nade-se compor, e ainda haveis ficar mordomo. Hem, senhor Custodio! A pechincha era boa, custava a largar. Pois não a haveis de largar: fica por minha conta.

SCENA VIII.

CUSTODIO, e logo LEONOR.

CUSTODIO.

Bobo miseravel, infame egoista! Aqui está a que se reduziram os portuguezes, em que se tornou essa gente tam nobre, tam valente! — Vamos! Veremos ésta noite. Póde ser... E a minha ricca menina! vou avisá-la do que se passa.

LEONOR, sahindo.

Ja sei tudo. Vai ter com D. Jeronymo, dizelhe'o. E dize-lhe que não receie, que eu estou resolvida a morrer portugueza e livre. Vai.

ACTO SEGUNDO.

Sala antiga em casa de D. Philippa de Vilhena. — As paredes são adornadas de retrattos grandes em corpo inteiro de guerreiros, donas, bispos, frades. A um lado um docel com um bufete coberto, e uma cadeira de espaldar, como é stylo nas casas dos grandes do reino. Debaixo do docel pende uma grande moldura dourada, que em vez de painel tem um panno preto. — No fundo uma larga porta fechada, ou coberta com tapeçarias.

SCENA I.

D. PHILIPPA so, *trabalhando na sua almofada de renda.*

E meus filhos que não chegam! É tam tarde!..
Jesus! faria eu bem em consentir n'isto? Tam

crianças, tam sem experiencia... Jeronymo! Ai, Jeronymo principalmente... É mais velho, mas aquella cabeça... Meu Deus, que muito custa... (*Ouve-se dentro ruido.*) Que é?... Ah, são elles. Meus rricos filhos! (*corre para o lado da porta de entrada.*)

SCENA II.

D. JERONYMO, D. PHILIPPA.

D. JERONYMO, apressurado.

Minha mãe!

D. PHILIPPA.

Meu filho, meu filho, que é?.. Qu'ê de teu irmão?

D. JERONYMO.

Está bom. Tudo optimo, tudo vai bem. Socegue. Mas eu... Minha mãe, oiça...

D. PHILIPPA.

Teu irmão aonde está, onde o deixaste? E tu porque vens tam tarde? Filho, não sabes a impaciencia em que eu vivo?.. Dize-me...

D. JERONYMO.

Meu irmão ficou em casa de Antonio Telles

com Fr. Luiz da Cunha, com os Almadas, com toda aquella gente. Ahi vem ja. Eu vim adiante, porque...

D. PHILIPPA.

Que tens tu? Estás tam inquieto... tam sobresaltado? Tu inganas-me, Jeronymo: alguma coisa succedeu. Dize a verdade. Descobriram-nos? Prenderam algum dos nossos? Houve traição? Dize, dize a verdade; quero saber, quero antes saber a verdade do que isto...

D. JERONYMO.

A verdade, minha mãe, é que tudo vai bem, ás mil maravilhas. Estamos certos, certos de acabar ésta noite com os castelhanos, e com o Vasconcellos, o mais malditto e esconjurado d'elles todos... Dou-lhe a minha palavra, socegue. Agora alli em casa dos Almadas se acabou de ver e decidir tudo. Está tudo, tudo prompto. João Pinto-Ribeiro fez uma falla, oh! que falla. Minha mãe, elle não é fidalgo, mas sempre é um homem!

D. PHILIPPA.

Fidalguia ou nobreza não está no sangue, meu filho, está na criação, está nos sentimentos d'al-

ma. O que está no sangue é a obrigação de ser nobre. Quando se diz d'um homem, d'uma familia que é muito nobre, muito illustre, quer dizer : que tem obrigação de o ser. E tanto maior é a obrigação, quanto é mais honrada a fama d'aquelles de quem vimos.

D. JERONYMO.

Assim diz o João Pinto; e o outro dia saltou com aquelle pateta do D. Abbade, e disse-lhe — que foi bonita palavra! — ‘Tem razão, senhor ‘D. Abbade; a minha nobreza é o menos antiga ‘que é possível : começa justamente agora em ‘mim quando acabou em vossa senhoria.’

D. PHILIPPA.

Assim é, filho. Mas não se desavenham elles com essas coisas!

D. JERONYMO.

Nada, nada, não tem perigo.

D. PHILIPPA.

E da ida do Vasconcellos a Setubal, que dizem?..

D. JERONYMO.

Elle foi... foi para mandar vir tropa do Alemtejo. Mas não chega a tempo.

D. PHILIPPA.

E o duque?

D. JERONYMO.

O duque fingiu que se punha a caminho para Madrid, e que queria obedecer ao chamamento d'el-rei Philippe; mas não parte, e está d'accôrdo. — Não ha dúvida, minha mãe. Olhe: Jorge de Mello, Estevam da Cunha, Antonio de Mello e Castro são bastantes, com a sua gente, para segurar as tropas castelhanas; Miguel d'Almeida, a guarda alleman do paço...

D. PHILIPPA.

E então é?..

D. JERONYMO.

—Esta madrugada:— ao romper d'alva tudo hade estar acabado.

D. PHILIPPA.

Oh meu Deus!

D. JERONYMO.

Cada um de nós tem os seus logares assignalados. Oh que dia, que dia ámanhan, minha querida mãe!

D. PHILIPPA.

Ai, meu filho! mas que noite ésta! Deus te

abeneçoe, meu filho... (*Abraçam-se ; D. Philippa esconde algumas lagrymas involuntarias que lhe arrazam os olhos.*)

D. JERONYMO.

Minha mãe...

D. PHILIPPA.

Meu filho...

D. JERONYMO.

Se eu...

D. PHILIPPA.

Se tu quê, filho?

D. JERONYMO.

Se eu não chegasse... a ver... o nosso triumpho...

D. PHILIPPA, com resolução.

Tambem eu o não vejo... (*com resignação — e com lagrymas na voz*) Bem do coração vos offereço, filhos... no altar da patria ; mas se ha um que caia no sacrificio... não lhe sobrevivo eu... não, não de certo...

D. JERONYMO.

Não diga tal, minha mãe. Mas se for eu, se Deus tiver disposto da minha vida... Oh mãe, bem sabe o que eu ca deixo... Minha prima Leonor...

D. PHILIPPA, com ternura e como quem dá
a sua palavra.

Hade ser minha filha... sim... sim... Não fallemos n'isso.

D. JERONYMO.

Fallemos antes, minha mãe. Sabe o perigo em que ella está? sabe que mau parente que é o tio, o tutor, que é um tyranno, que tem jurado perdê-la?..

D. PHILIPPA.

Sei, mas não hade ser assim, filho. Deus hade permittir que vençamos, e que tu vivas. Oh! eu tenho confiança, tenho fe, meu filho... Pensemos so n'isto, e ânimo! — Eu vou cuidar do que aqui é mais necessario. São horas. Não podem tardar os nossos amigos... Não é assim?

D. JERONYMO.

Hãode estar a chegar.

D. PHILIPPA.

Bem. Oh lá! (*bate as palmas, e entram criados*). Accendam as luzes todas... na capella tambem. Ja venho, meu filho.

SCENA III.

D. JERONYMO, CRIADOS.

D. JERONYMO.

Minha querida mãe!

CRIADO, entrando com luzes.

Senhor D. Jeronymo, um criado, que não quiz dizer o seu nome (mas é cara conhecida) que lhe quer fallar com muita pressa...

D. JERONYMO.

Eu vou.

SCENA IV.

CUSTODIO, D. JERONYMO E DITTO.

CUSTODIO, entrando.

Vou entrando, que não ha tempo a perder. Senhor D. Jeronymo...

D. JERONYMO.

Custodio, tu aqui! que é, que novidade?.. que succedeu? — Retirem-se (*aos criados, que se vão*).

CUSTODIO.

Despediu-me o senhor Rui-Galvão, expulsou-me de casa.

D. JERONYMO.

.. Tens ésta : fica, emquanto eu viver ou minha mãe...

CUSTODIO.

D'isso estou eu certo. Oh sim! — Mas não é isso.

D. JERONYMO.

Então que é?

CUSTODIO.

A minha ricca menina, sua prima D. Leonor...

D. JERONYMO.

Que é? dize.

CUSTODIO.

Ésta noite, a querem...

D. JERONYMO.

A querem o quê?... Ésta noite... (*sorrindo*)
hãode elles...

CUSTODIO.

Hãode casá-la por fôrça. — Já lá está padre...
Padre! Eu sei ca, algum scismatico! Um mal-
ditto excommungado d'um frade castelhano!.. E
padre, e capella prompta, e o noivo não tardará.
— E ésta noite a casam, oh, sem remedio... po-
bre menina!

D. JERONYMO, perturbado.

Casam-n'a ésta noite, dizes tu?.. sim, sim...
com quem?

CUSTODIO.

Com quem hade ser! Com o irmão do Vasconcellos : pois então?..

D. JERONYMO, inquieto.

Malditto!.. (*Passa pensativo; e depois com resolução*) Custodio, tu tens amor, tens amizade como de pae, a minha prima : não é assim?

CUSTODIO.

Trouxe-a n'estes braços, menino!

D. JERONYMO.

Sabes que nos amámos desde o berço, que seu pae, teu amo, nos destinou um para o outro, que ella é ja como minha mulher deante de Deus, que, por nos ver ambos crianças, o infame do tio zombou de nós, e para seus vis interêsses me quer roubar a mim a espôsa, e vender a sobrinha aos renegados a quem ja vendeu a alma?

CUSTODIO.

Tudo assim é. Mas que lhe havemos de nós fazer agora?

D. JERONYMO.

Havemos de salvá-la.

CUSTODIO.

Como, quando, se ésta noite, — d'aqui, eu sei!.. d'aqui a tres, quatro horas, estará casada?

D. JERONYMO.

D'aqui a tres horas?

CUSTODIO.

Para o romper da manhan é que estão dadas as ordens todas. Não sei se tardará tanto. Isto são...

D. JERONYMO, indo ao bastidor.

São tres horas da noite n'aquelle relógio. Amanhece ás...

CUSTODIO.

Ás cinco e meia é quasi dia, d'aqui a duas, tres horas, o mais tardar.

D. JERONYMO.

Antes d'isso. D'aqui a uma hora, heide eu... Vai para casa.

CUSTODIO.

Para que casa, senhor?

D. JERONYMO.

Para casa de Leonor. Dize-lhe...

D. JERÓNIMO. Custodio.

O quê, senhor!.. Não lhe disse?

D. JERÓNIMO.

É verdade, que te despediram. Bem sei. Não importa. Os outros criados conhecem-te, e toem-te respeito. Vai, introduze-te em casa, e abrir-me-has a porta do jardim. D'aquí a uma hora lá estou.

CUSTODIO, offendido.

Menino!..

D. JERÓNIMO.

Não ha outro modo. É alli defronte: eu n'um instante me avio d'aquí, e estou lá... ás quatro.

CUSTODIO.

Lá aonde, senhor? Entrar em casa occultamente de noite! Pôr em risco a honra de sua prima, diffamá-la!..

D. JERÓNIMO.

Olha, Custodio, eu sou uma criança, mas adivinha-me o coração que Deus me deu, que em lances apertados, como este, não se attende a essas coisas. So eu a posso salvar, so tu me posses ajudar. Vai, se lhe tens amor, se te leinbras de teu amo e do que lhe prometteste, vai, vai ja. E se não...

CUSTODIO.

Vou, senhor : tem razão. Mas...

D. JERONYMO.

Ouve (*falla-lhe ao ouvido*). E então agora, ainda tens escrúpulos?

CUSTODIO, doudo de alegria.

Nenhum. — Ésta noite, ao mesmo tempo?

D. JERONYMO, com enthusiasmo.

Sim. Ambas ao mesmo tempo, a espôsa, e a patria.

CUSTODIO, cahindo de joelhos.

Quero beijar estes pés ! Deixe-me.

D. JERONYMO, levantando-o.

Um abraço do coração, aqui, no meu peito. (*abraçando-o*) Meu Custodio !

CUSTODIO.

Senhor D. Jeronymo !

D. JERONYMO.

Adeus. — Vai-te. (*Vai-se Custodio, depois de olhar muitas vezes com enthusiasmo e ternura para D. Jeronymo.*)

SCENA V.

D. JERONYMO *so, pensativo alguns instantes.*

Oh! meu Deus, meu Deus, a tua mão está sôbre nós! Como eu cresci, como me achei homem derepente! Hontem era uma criança, hoje sinto em mim, sinto n'este corpo, n'esta alma como um ser novo e de homem feito ás grandes coisas, e capaz d'ellas. É um milagre teu, oh meu Deus! são as orações de minha mãe. O espirito de meu pae desceu do ceo e veio unir-se ao meu, trazer-lhe toda a fôrça e virtude que falleciam n'uma criança chamada pela divina providencia a tomar parte em tamanhas acções. Oh! que havemos de vencer! Quem não vencerá com tal auxilio! — Minha Leonor, minha mãe, como as eu heide abraçar! E eu a dizer: 'Então Jeronymo é uma criança! hem! Não póde com a espada do pae?' Oh! meu Deus! — Ah! Elles ahi véem todos... minha mãe, e todos elles!..

SCENA VI.

D. FRANCISCO *que vem abraçar a* D. JERONYMO,

D. PHILIPPA, DAMAS, CAVALHEIROS, CIDADÃOS e
 HOMENS DO POVO, PAGENS, etc. — *Correm-se as
 cortinás do fundo, vê-se um altar com luzes. Só-
 bre o altar espadas, a um lado peças d'arma-
 dura etc.*

D. PHILIPPA.

Meus amigos e meus parentes, eu sou uma pobre viuva a quem Deus privou de toda a força e amparo n'este mundo. E sou mãe, e tenho estes filhos, tam tenros ainda, que proteger; e a memoria e o nome de meu marido que honrar. Mas Deus, que me deixou a fe para crer, e a esperança para confiar n'elle, que me deixou este coração de mulher portugueza aqui no peito, não me hade faltar com outro amparo e fortaleza que não é d'este mundo, e vale mais, e póde mais. Não se dirá que uma Vilhena faltou aos incargos de honra que lhe impunha o nome dos Atahides a quem está ligada, e que a prematura morte de seu marido lhe deixou sôbre os hombros. A pa-

tria precisa de todos. Sacrifiquemos todos, tudo. Eu dou mais que ninguém. Aqui estão os meus filhos. Não tenho mais nada... (*levanta-se e toma os filhos pela mão*). — Meus filhos! (*abraça-os*) ajoelhae. Aqui estão no altar de Deus e da patria... victimas innocentes e puras! Aceitae-as, meu Deus!.. e dae-nos a victoria!.. Vão banhadas com algumas lagrymas, que se não podem conter no coração... Perdoae-mas, Senhor. Sou mãe, e estes são os meus filhos... (*péga na espada que está sobre o altar, e volta-se para o ajuntamento*) Senhores, é uma espada na mão de uma mulhier que mal póde com ella. Mas amparam-me estes retrattos que me estão vendo; e aquella Cruz, d'onde nos está abençoando o auctor de toda a fôrça, o dispensador de todo o podêr, anima o braço e o coração da fraca mulhier. — Ajoelhae, meus filhos. Vossos avós foram armados cavalleiros nos campos de batalha por braços de reis, com as espadas de grandes capitães. Vós, criancinhas, (*tremendo-lhe a voz com choro*) é vossa mãe, que ainda hontem vos acalentava, vossa mãe que lhe treme o braço, que lhe rebenta o choro dos olhos, que aqui está sustida d'uma

fôrça sobrenatural que ella mesma não comprehende... Arma-vos vossa mãe, filhos, e sereis tam bons cavalleiros como os que vos precederam, porque eu tenho fe, *(com fôrça)* porque chamo por Deus em cujo nome vos dou éstas armas, e vos digo — D. Jeronymo d'Atahide, D. Francisco-Coitinho, em nome de Deus e de vossos avós, eu vos armo cavalleiros. Tomae ésta espada, e não vos sirvais d'ella senão para defender a religião, a patria, a liberdade do povo e os vossos legitimos reis. *(Dá-lhes com a espada no hombro; os pagens lhes calcam as esporas, e D. Philippa lhes cinge depois as espadas. A mãe abraça-as, dizendo com lagrymas na voz)*. Abraçae-me, meus filhos,

D. JERONYMO. Esta espada!..

D. PHILIPPA.

É a espada de teu pae, meu filho!.. Mal podes com ella ainda *(revendo-se no filho)*.

D. JERONYMO, com o maior enthusiasmo

A espada de meu pae!.. Posso. *(brandindo-a)*
Vêde se posso. Deus bem sabe que eu sou o mais velho dos Atahides, que era preciso dar-me fôrça

mais cedo. — Tyrannos da minha patria, tremei.
— Meus amigos, a victoria hade ser nossa. Oh
minha mãe, se eu voltar, heide vir digno d'esta
espada.

D. PHILIPPA.

Não façais caso das minhas lagrymas, filhos.
— Vencei, vencei, e se a vossa glória não for
d'este mundo, oh! ir-nos-hemos abraçar no ceo!

*(D. Jeronymo e D. Francisco, tomando-se dos
braços, e com as espadas na mão, vêem ajoelhar-se
deante de D. Philippa, a quem beijam solemnemente
a mão. Levantam-se, ficam no meio da scena sem-
pre abraçados e alçando as espadas.)*

D. JERONYMO.

Meu irmão, ja somos homens. Minha mãe, a
nossa infancia acabou: ésta hora valeu por muitos
annos de vida. Amigos, éstas duas crianças a
quem despiram quasi as mantilhas para lhes
vestir a armadura, os dois filhos de D. Philippa
de Vilhena hão de ficar na historia de Portugal
em memoria e exemplo ás edades futuras. Nós
o jurámos: oh! por vós, minha mãe, por vós,
retrattos de nossos antepassados que nos estais
vendo, por ésta espada de meus avós, por essa

Cruz do Salvador, vivos ou mortos, os filhos de D. Philippa de Vilhena hão de triumphar. — Ao romper d'alva, meus amigos! ao romper d'alva. Ésta aurora traz liberdade, vamos incontrá-la.

TODOS.

Vamos!

ACTO TERCEIRO

A mesma vista do primeiro acto.

SCENA I.

Ninguém na ante-scena: pouca luz. Por uma porta, que está aberta, se ve uma mesa de banquetes riccamente adereçada e alumida; sentados á roda RUI-GALVÃO, D. LEONOR, FREI JOÃO, BARNABÉ, LUIZ-CORREIA, e os convidados em alegre conversação; o TABELLIÃO.

BARNABÉ, dentro.

À saude dos preclarissimos esposos e do illustre tutor e da tutela e mais da custodia!

Clax do Salazar, rivos ou mortos, os filloiros
 D. Philippa de Vilhena hãde triumphar. — Ao
 romper d'aira meus amigos! ao romper d'aira
 Esta aurora traz liberdade, vamos incontrar.

VAMOS!

Não façais caso das minhas lagrymas!
 — Vencei, vencei, e se a vossa glória não for
 d'este mundo, ch'è ir-nos-hemos abraçar no ceo!

(D. Jeronymo e D. Francisco, tomando-se dos
 braços, e com as espadas na mão, e sem afofchar-se
 deante de D. Philippa, a quem beijam indistinctamente
 a mão. Levantam-se, ficam no meio da scena sem-
 pre abraçados e alçando as espadas.)

Meu irmão, ja somos homens. Michê mãe, a
 nossa infancia acabou: ésta hora vale por millos
 annos de vida. Amigos, éstas duas crianças a
 quem despiram quasi as Manilhas para lhes
 vestir a armadura, os dois fillos de D. Philippa
 de Vilhena hãde ficar na historia de Portugal
 em memoria e exemplo de cidades futuras. Nós
 a juramos: ch'è por vós, minha mãe, por vós,
 estallos de nossas antepaças que nos estais
 vendo, por ésta espada de meu avô, por essa

ACTO TERCEIRO.

A mesma vista do primeiro acto.

SCENA I.

Ninguém na ante-scena : pouca luz. Por uma porta, que está aberta, se ve uma mesa de banquete riccamente adersada e alumiada ; sentados á roda RUI-GALVÃO, D. LEONOR, FREI JOÃO, BARNABÉ, LUIZ-CORREA, e os convidados em alegre conversação ; o TABELLIÃO.

BARNABÉ, dentro.

À saude dos preclarissimos esposos e do illustre tutor — e da tutella e mais da curatella!..

E viva el-rei nosso senhor... el-rei D. Philippe ou el-rei D. João? Porque não hãode viver ambos? O mundo é para todos! — Paz e concordia entre os principes christãos. (*Todos no proscenio.*)

RUI-GALVÃO.

Levem d'aqui esse homem que está indecente, está embriagado... (*Levantam-se todos: os criados querem levar Barnabé, que resiste.*)

BARNABÉ.

Estou perfeitamente bom. Deixem-me...

RUI-GALVÃO.

Vamos a este acto solemne.

BARNABÉ.

E augusto...

RUI-GALVÃO.

Calle-se, ou faço-o pôr no meio da rua.

LUIZ-CORREA, a meia voz.

É melhor aturá-lo aqui do que deixá-lo ir para a rua no estado em que elle está. Do modo que anda o povo basta a voz de um louco, de um homem embriagado como esse, para fazer uma desordem.

RUI-GALVÃO.

.. Senhor tabellião, vamos ás escripturas.

TABELLIÃO, pegando em uns papeis,
e folheando.

Ja todos ouviram e approvaram; so falta a senhora D. Leonor, a quem vou dar conhecimento do acto...

D. LEONOR.

Hade estar perfeito, não preciso ver...

TABELLIÃO.

Então assigna?..

D. LEONOR.

Não.

RUI-GALVÃO.

Leonor!

LUIZ-CORREA.

Senhora!

D. LEONOR.

Cortada tenha eu a mão com que tal assignar.

RUI-GALVÃO.

Quer assigne quer não, Leonor! O senhor Luiz-Correa ja assignou as contas da tutella, que por ordem superior estão approvadas e correntes. Não me importa que assigne a escriptura.— A capella está prompta, as testemunhas aqui estão. Fr. Juanito, los nobios estan impacientes. Va-

mos ! (Quer dar a mão a Leonor ; todos se incaminham para os acompanhár.)

D. LEONOR.

Deixe-me, meu tio. Já lhe declarei que não consentia n'este casamento ; á face de todos estes senhores que me ouvem, na presença de um que se diz ministro do altar, protesto solemnemente que não quero, que não posso, que não heide consentir nunca em semelhante consorcio.

BARNABÉ, á parte.

Chucha ! Que tal é a menina !

RUI-GALVÃO.

Minha querida sobrinha, o seu consentimento era uma formalidade agradavel que nós desejavamos dar a este acto ; mas ingana-se se cuida que é essencial e indispensavel para elle. As ordens de sua Majestade supprem todos os defeitos canonicos. — Não é assim, padre Fr. João ? — E a minha auctoridade de tutor basta para o mais. Meus senhores, para a capella. Leonor, a sua mão.

D. LEONOR.

Meu tio, meu tio, repare bem na infamia que quer fazer ! Reflecta bem na villania d'esse procedimento ! Não sabe que... infelizmente, meu

tio!). o meu sangue é o seu, e a sua família a minha? E com a sombra, com o phantasma de uma cerimonia van de casamento, que é nullo, nullo, porque eu não consinto, não heide consentir nunca — quer intregar sua sobrinha, a filha de seu irmão, á deshonra, á infamia, porque eu não quero ser, não heide ser jamais a mulher do senhor Luiz-Correa... E meu tio quer?.. Senhores, e vós todos, que aqui estais presentes a este acto de vergonha e de opprobrio — vós consentireis que assim se violente, assim se deshonre uma donzella nobre e honesta? Tendes ahí espadas á cinta, sois cavalleiros, presumis de fidalgos, e não vos correis do vil papel de rufiões que estais fazendo? Muito é o poder da tyrannia, que assim acobardou e invilleceu o generoso ânimo dos portuguezes! *(Ha um rumor entre os convidados, como de quem se consulta, e hesita.)*

Ora pois, minha sobrinha é uma donzella Theodora de discrição. Cautella, meus amigos, que nos não halucinem esses discursos tam bem fallados! Parece que não ha que responder áquillo...

Não é assim?.. (*signal de assentimento em quasi todos: Rui-Galvão continúa, arrastando as palavras*) Vejamos: tenho aqui um certo pergaminho que me chegou hontem de Madrid... (*signal de temor e submissão em todos*) e que é assignado (*faz uma reverencia*) Yo el Rey. Ora creio que este pergaminho...

SCENA II.

DITTO E UM CRIADO, entrando apressurado.

CRIADO.

Senhor, senhor... um porteiro d'acavallo, que chega do paço, e vem a toda a pressa...

RUI-GALVÃO.

O quê?.. Que é?.. Que traz?

CRIADO.

Vem avisar a vossa senhoria, e ao senhor Luiz-Correa, e a todos os senhores, que sem mais detença corram logo, logo ao gabinete do senhor secretario...

RUI-GALVÃO.

Que será!.. Meu Deus!

LUIZ-CORREA.

Partamos!

TODOS.

Vamos! (*vão-se todos.*)

SCENA III.

D. LEONOR, e depois RUI-GALVÃO que volta.

D. LEONOR, á parte.

Sancto Deus, se estará descoberta a!..

RUI-GALVÃO.

Leonor, dá-me a sua palavra?..

D. LEONOR.

Nenhuma palavra.

RUI-GALVÃO.

De que emquanto não volto, não hade...

D. LEONOR.

Não heide o quê?..

RUI-GALVÃO.

Fazer coisa alguma... que... que... que lhe
fique mal?

D. LEONOR.

Precisa da minha palavra para isso? Faz-me
vergonha devéras, meu tio.

RUI-GALVÃO.

Não é que eu duvide...

D. LEONOR.

Va, senhor, va; e agradeça a Deus, que lhe dá tempo para reflectir na sua cegueira. Va, e... *(como quem lhe sobreveio uma idea repentina que a internece)* Meu tio, olhe o que faz... não se acabe de perder...

RUI-GALVÃO.

Que queres tu dizer, que significam essas palavras dittas de um modo?..

D. LEONOR, á parte.

Meu Deus! não posso, não devo dizer-lh'o... *(alto)* Adeus, meu tio!

SCENA IV.

RUI-GALVÃO, BARNABÉ, D. LEONOR.

RUI-GALVÃO.

Adeus!.. Que mysterio ha aqui!.. — Barnabé?

BARNABÉ, sahindo de dentro.

Meu fidalgo...

Oiça. *(falla-lhe ao ouvido.)*

BARNABÉ.

Va descansado, que aqui fica hum homem.

RUI-GALVÃO.

Sentido!

BARNABÉ.

Cinco sentidos!

SCENA V.

BARNABÉ, D. LEONOR.

BARNABÉ.

Cinco sentidos são elles. O primeiro é ver, que não vejo senão candeias ás avessas. O segundo é ouvir, que tenho uma zoadá n'estes ouvidos, como se me estivessem a imborcar um tonel de batoque destapado aqui pelas orelhas abaixo. Cheirar, cheirar é — pois não é o terceiro? — cheira-me tudo a... poh, poh! a camoezas do termo. O quarto... o quarto é apalpar; e eu apalpo, apalpo... bojos de garrações... collos de... nedeos collos de garça de botelhas... Pois está ditto; não estou lá muito forte nos primeiros quatro. Mas o quinto isso então... o quinto é gostar... oh se gósto! (*mascando*) gósto... (*vai*

buscar uma garrafa á mesa) Está apurado o gostar, tam apurado, que é mesmo... Senhora D. Leonor... viva vossa, vossa exce... excellencia, excellencia: é a excellente senhora mesmo ao proprio, que assim andou casa não casa, e por fim não casou nem teve casa, que é o que me parece que hade succeder a vossa... Á sua saude, minha senhora!

D. LEONOR, olhando para elle com desprezo.

É o guarda que me deixaram! Felizmente.

SCENA VI.

D. LEONOR, BARNABÉ, CUSTODIO *entrando imbuçado e devagar.*

CUSTODIO.

Sahiram todos... ficou so este ridiculo. Inda bem! Senhora D. Leonor...

D. LEONOR, sobresaltada.

Quem é? Affaste-se. Não estou so. Barnabé?.. miseravel glutão!.. levante-se. Não ve?..

BARNABÉ.

Vejo, vejo tudo, mas faço que não vejo: póde continuar. Marotos de castelhanos! Pois que pen-

savam? Sou patriota, sim senhor... Viva, viva... quem vencer!

CUSTODIO.

Menina, deixe-o, deixe-o n'esse lethargo em que por fortuna o pozeram.

D. LEONOR.

Ai! es tu, Custodio? Inda bem! Como entraste, a que vens? Oh, acode-me, leva-me d'aqui; seja para onde for. Leva-me d'aqui, por alma de meu pae, Custodio! Oh, e dize-me: D. Jeronymo, D. Jeronymo que é feito d'elle? Sabes que vieram agora chamar meu tio do paço a toda a pressa, e a todos os que aqui estavam para me violentar ao infame casamento? Foram-se n'este instante, deixaram-me respirar. Mas em que terrores fiquei! Não foi senão mudar a causa do susto; e não sei se é maior este. Descobririam elles... saberiam? Ai, meu Deus!...

CUSTODIO.

Não sabem nada. Deus vela sôbre nós.

D. LEONOR.

Mas que chamamento seria este?

CUSTODIO.

Estão desconfiados, e com medo; mas não sa-

bem de quê. Tem determinado prender muita gente logo de manhan; e o chamamento é para concertar os modos, e distribuir as ordens. Mas a manhan hade nascer com outra côr differente, se Deus quizer.

D. LEONOR.

E D. Jeronymo, meu primo, sabê o appêrto em que eu estou? E poderá valer-me a tempo?

CUSTODIO.

Vamos a ver. *(abre uma porta do lado, e entra D. Jeronymo.)*

SCENA VII.

D. JERONYMO armado, D. LEONOR,
CUSTODIO, BARNABÉ.

D. JERONYMO.

Querida prima!

D. LEONOR.

Primo, primo! *(abraçam-se.)*

BARNABÉ.

Que é lá isso! Vão-se-me dobrando os vultos... Por modo que ja vejo tres. E oiço, oiço tambem não sei quantos. Bem dizia eu: cinco

sentidos, não póde ser; so de ver e ouvir, tenho eu mais da conta. Pois adeus! é que a erraram os padres da Companhia, que foi quem me insinou a doutrina christan. Não me importa ca com isso.

D. JERONYMO.

Vamos! vem, vem commigo, Leonor; ja, não percamos um instante, vem!

D. LEONOR.

Que diz! Vamos... para onde? Eu fugir de minha casa, da casa de meu pae!

D. JERONYMO.

Não é a casa de teu pae emquanto a devassarem traidores e rufiões. Ja não tens pae, nem casa, Leonor. Tens so mãe, que é a minha, a minha querida mãe, que será d'ora em diante a tua. Vem!

D. LEONOR.

Meu Deus, que lance este!

D. JERONYMO.

Se hesitas mais um momento estás perdida. Não tardam que não voltem, e...

CUSTODIO.

Parece-me que ja os sinto.

D. LEONOR.

Tambem tu, Custodio!.. tambem tu me aconselhas?

CUSTODIO.

E porque não, menina? É sua tia, sua virtuosa tia; e ésta casa é um covil de...

D. LEONOR.

Tens razão. Mas para quando é a grande impreza?

D. JERONYMO.

D'aqui a minutos. — Talvez não falte meia hora. Vamos!

D. LEONOR.

E se Deus não abençoar as nossas armas, se os traidores vencerem, ja previste, Jeronymo, o que este passo vai trazer sôbre ti, sôbre a tua familia? Oh, que me aterra ésta idea! Se elles vencerem, a casa onde me eu refugiei, tua mãe que me deu asylo...

D. JERONYMO.

Leonor, Leonor! minha mãe está disposta e resolvida a tudo. Minha pobre mãe, que teve ânimo para sacrificar seus filhos, que por sua mão nos armou ainda agora, e nos mandou a

vencer ou a morrer... que lhe importa minha mãe com mais esse comprometimento! Oh!.. se nós succumbirmos, Leonor, que importará?... Mas não havemos de succumbir... Deus é por nós, tudo por nós. Vamos, Leonor... Vou-te intregar a minha mãe, e corro a unir-me aos meus camaradas. Os instantes fogem, vamos!

D. LEONOR.

É assim. Tambem eu tenho fe: Deus está comnosco, vamos, D. Jeronymo.

BARNABÉ.

Vamos D. Jeronymo! Isso agora ja é serio. Alto lá! d'aqui ninguem passa. *(levanta-se com uma garrafa na mão, que brande como se fóra uma espada.)*

D. JERONYMO.

Arreda, sevandija. *(dá-lhe com o pé; cai Barnabé, que se agarra ás pernas de D. Jeronymo, o qual se esforça pelo saccudir de si.— Ouve-se n'isto ruido de gente que entra.)*

CUSTODIO.

Estamos perdidos.

D. LEONOR.

Os criados talvez, que despertaram!

CUSTODIO.

Dos criados estou eu seguro; todos nos ajudam. Mas este arruido é de...

D. LEONOR.

São os passos de meu tio. Salva-te D. Jeronymo!

SCENA VIII.

DITTO, RUI-GALVÃO, e logo mais gente

que o acompanha.

RUI-GALVÃO, com a espada na mão.

Vil seductor, morre!

CUSTODIO, atravessando-se no meio, e segurando-lhe o braço.

Salve-se, D. Jeronymo, fuja.

D. LEONOR.

Foje.

D. JERONYMO, desembainhando a espada.

Fugir de quê? A mim, traidor, a mim, infame renegado!

D. LEONOR, mettendo-se em meio.

Meu tio, meu primo, por Deus! — Primo, fuja...

CUSTODIO.

— Senhor !.. (*ouvem-se os sinos tocar derepente a rebate ; — Custodio continúa*) Senhor D. Jeronymo, pela sua honra, pelo seu nome, por sua mãe, senhor, saia d'aqui, va com essa espada para onde ha glória que ganhar com ella... va, por Deus, va !..

D. JERONYMO.

— Tens razão, vou. — Prima, adeus ! Senhor Rui-Galvão, até ja... Leonor, Leonor !..

CUSTODIO.

Por aquella porta, por alli... A escada particular, a porta que dá para o beco está aberta. Corra !

SCENA IX.

RUI-GALVÃO, CUSTODIO, BARNABÉ, etc.

RUI-GALVÃO.

Será sonbo isto ? Custodio aqui !.. Leonor, ésta é a sua palavra ? — Onde foi aquelle atrevido criança ? Que significa ésta traição toda ?.. E estes sinos ! (*ouve-se tocar a rebate.*)



LEONOR.

Significa... meu Deus! (*ouvem-se tiros de mosquetaria*) Quer dizer, — meu tio, meu tio, caia em si!.. quer dizer que Portugal é Portugal outra vez, que acabou o reinado da tyrannia.

RUI-GALVÃO.

Ah!.. desgraçados!.. (*a alguns soldados que entram*) Prendam ésta gente á ordem de Sua Alteza, a duqueza regente, prendam estes traidores!.. Miseraveis conspiradores que assim...

SCENA X.

LUIZ-CORREA, E DITTOS; POVO, *de fóra.*

LUIZ-CORREA.

Está tudo perdido: fuja, ponha-se a salvo. O paço foi assaltado pelos conjurados. D. Miguel d'Almeida, — o traidor! chegou á janella com a espada n'uma mão, e a bandeira de Portugal na outra, gritando: 'Viva o duque de Bragança!'

BARNABÉ, levantando a voz.

Viva o duque de Bragança!

CRIADOS, acudindo.

Viva o duque de Bragança!

RUI-GALVÃO.

Vil canalha!

LUIZ-CORREA.

Vil canalha será... é... mas assim lhe respondeu o povo todo...

POVO, de fóra.

Viva o duque de Bragança, viva a nossa liberdade, viva o senhor D. João quarto!

LUIZ-CORREA.

Ouve? Fugamos. O povo anda alevantado, ésta casa hade ser das primeiras assaltadas. Fugamos!

RUI-GALVÃO.

E o castello? (*ouve-se uma salva de artilheria.*)

D. LEONOR.

Elle que lhe responde, meu tio, com as suas vozes de alegria.

RUI-GALVÃO, desanimado de todo.

Estamos perdidos.

POVO, de fóra.

Morreu, morreu! Viva, viva!

D. LEONOR, chegando á janella.

Meu Deus, quem sería! Quem morreu, quem morreu, meus amigos?



UM DO POVO.

O traidor mor, Miguel de Vasconcellos, o secretario!

D. LEONOR.

Quem o matou?

UM DO POVO.

Matou-o quem o devia matar, nós todos.

O POVO.

Nós todos! Viva! Matámo'-lo nós. Viva!

RUI-GALVÃO.

Não ha dúvida, estamos perdidos.

D. LEONOR, da janella.

Dos nossos quem morreu?

UM DO POVO.

Sois castelhana, ou portugueza?

OUTRO DO POVO.

É a sobrinha do Galvão, de Rui-Galvão.

POVO.

Morra o traidor! morra Rui-Galvão!

D. LEONOR.

Sou filha de Pedro Gutterres, sou a esposa de D. Jeronymo de Atahide.

Viva D. Jeronymo de Atahide!



UM DO POVO.

Que é dos nossos... e um fidalgo portuguez ás
direitas!

POVO.

Vivam os Atahides, vivam os Vilhenas, vivam
os portuguezes leaes! — Morram os traidores!

SCENA X.

DITTO, D. PHILIPPA, E D. JERONYMO

de fóra.

D. PHILIPPA.

Minha sobrinha, minha filha... abraçêmo'-nos,
filha!..

POVO, *de fóra.*

Morram os traidores!

D. PHILIPPA, indo á janella.

Aqui não ha traidores... so se for eu. Eu,
D. Philippa de Vilhena, que por minha mão
arrei os meus filhos para os mandar morrer
por vós.

POVO.

Viva D. Philippa de Vilhena!

UM DO POVO.

Viva D. Jeronymo de Atahide!

POVO.

Viva!

D. JERONYMO, de fóra.

Viva a patria, meus amigos, viva o duque de Bragança, viva o nosso rei D. João quarto, viva a nossa liberdade! Leonor, Leonor! Minha mãe!

D. LEONOR, abraçando-se com D. Philippa,

e fallando da janella.

Oh minha mãe! É elle, está vivo, está vivo!

Não posso resistir a ésta alegria (*entra e senta-se.*)

SCENA XI.

DITTOS, E D. JERONYMO *entrando, seguido de cavalheiros e homens armados.*

D. JERONYMO.

Minha mãe, minha querida mãe! (*cai de joelhos deante da mãe, beijando-lhe a mão.*)

D. PHILIPPA, depois de o abraçar e beijar, toma a mão de Leonor e lh'a dá a beijar.

E ésta mão não se beija, D. Jeronymo?

D. JERONYMO.

Oh minha mãe! Oh Leonor!

BARNABÉ, que apparece armado de uma farruncha velha, põe-se de sentinella a Rui-Galvão, e faz continência a D. Jeronymo.

Meu capitão, meu general, meu mestre-de-campo! que ordenais d'estes prisioneiros?

RUI-GALVÃO.

Faltava este derradeiro coice do asno!

D. JERONYMO.

Arreda-te, sevandija. Aqui está o patriotismo e o valor de tanta gente que eu conheço... Depois do perigo... é isto que se ve. — Meus senhores, os inimigos acabaram — estão vencidos. Descançae: em minha casa tereis asylo seguro, emquanto o povo alvorotado não póde comprehender que a generosidade depois da victoria é a maior próva da justiça da causa que venceu. Mas o povo portuguez é naturalmente generoso e leal; na febre de seu enthusiasmo, podem illudi-lo os falsos aduladores que para seus fins o excitam, mas o delirio não dura. Resignae-vos, e obedecei á vontade da nação, que é a de Deus, porque é justa e é forte.

POVO, de fóra.

Viva D. João quarto! Viva a nossa liberdade!

D. JERONYMO.

Minha mãe! Minha Leonor! Senhores, ouyis estes brados? Vêdes como andam junctos na bôcca e no coração dos portuguezes o amor do seu rei e o da sua liberdade? Não se encontra um sem o outro, um se augmenta com o outro. Meus amigos, viva a casa de Bragança que nos traz os nossos reis naturaes, e que nos restitue a sancta monarchia de Ourique em que o povo sempre hade amar os seus reis, porque os seus reis hãode sempre amar a liberdade. E senão.

TODOS.

Senão, não.

D. JERONYMO.

Senão, não. Viva a casa de Bragança! Viva a nossa liberdade!

TODOS.

Viva!

TIO SIMPLICIO.

Sz a nacionalidade de uma peça dramatica está principalmente no stylo, nos characteres, nos costumes, é perfeitamente original portugueza a pequena comedia que aqui damos e que o auctor compoz sobre um inredo imitado do theatro francez moderno.

Como são latinos, e como são de Plauto e de Terencio os dramas que com nome d'elles nos chegaram, assim nos pertence este; ou talvez mais, porque a'quelles não é só a

ROYO, de São

Viva D. João quarto! Viva a nossa liberdade!

P. — JERONIMO.

Minha mãe! Minha Leitor! Senhores, ouvistes estes brados? Vedes como andam junctos na hõca e no coração dos portuguezes o amor do seu rei e o da sua liberdade? Não se encontra um sem o outro, um se augmenta com o outro. Meus amigos, viva a casa de Bragança que nos fez os senhores. **TIO SIMPLICIO.** A sacra monarchia de Portugal que o povo sempre hade amar os seus reis, porque os seus reis hão de sempre amar a liberdade. E senão...

Senão, não.

Senão, não. Viva a casa de Bragança! Viva a nossa liberdade!

Viva!

lábula, os mesmos costumes são gregos; e aqui tudo é portuguez menos a orthographia. O acto simetrico dos costumes para a abertura do theatro da sociedade de mimada de Thalia onde concentram como actores e espectadores as primeiras pessoas e as principaes familias do reino. O auctor é vice-presidente d' aquella splendida sociedade, e como tal a quiz brindar com uma composição nova. Representou-se com naturalidade e primor, obteve geral applauso, e repetidas vezes alli tem ido auctores de tempo que desca dos circulos excludivos da nobreza para a exposição popular, e que o repertorio do nosso theatro nacional adquire, como tanto pro-

SE a nacionalidade de uma peça dramatica está principalmente no stylo, nos characteres, nos costumes, é perfeitamente original portugueza a pequena comedia que aqui damos e que o auctor compoz sôbre um inrêdo imitado do theatro francez moderno.

Como são latinos, e como são de Plauto e de Terencio os dramas que com nome d'elles nos chegaram, assim nos pertence este; ou talvez mais, porque n'aquelles não é so a

fábula, os mesmos costumes são gregos; e aqui tudo é portuguez menos a ordidura.

O TIO SIMPLICIO foi composto para a abertura do elegante theatro da sociedade denominada de Thalia onde concorrem como actores e espectadores as primeiras pessoas e as principaes familias do reino. O auctor é vicepresidente d'aquella splendida sociedade, e como tal a quiz brindar com uma composição nova. Representou-se com naturalidade e primor, obteve geral applauso, e repetidas vezes alli tem ido á scena. É tempo que desça dos circulos exclusivos da nobreza para a exposição popular, e que o repertorio do nosso theatro nacional adquira, como tanto precisa, mais uma composição do auctor de Gil-Vicente.

a a nacionalidade de uma peça de
esté principalmente no style, nos caracteres,
nos costumes, é pertencente original por-
tuguez a peduena comedia que aqui damos
e que o auctor compoz sobre um inêdo imi-
tado do theatro francez moderno.

Como são latinos, e como são de Plauto e
de Terencio os dramas que com nome d'elles
nos chegam, assim nos pertence este; ou
talvez mais, porque n'aquelles não é so a

TIO SIMPLICIO

COMEDIA

Representada, a primeira vez, em Lisboa, no theatro
de Thalia, pela sociedade particular do mesmo nome,
em onze d'Abril de

MDCCCXLIV.

PESSOAS.

MANUEL-SIMPLICIO.

LUIZ DE MELLO.

DONA CANDIDA.

DONA LUCIA.

DONA THEREZA.

DOUTOR SIMÕES.

VICENTE.

DOUTOR SIMÕES, VICENTE.

depois D. THEREZA.

Logar da scena — uma quinta na provincia.

Porquê, ainda está na cama?

fabula, os mesmos que os gregos; e
 aqui tudo é costume e tradição.

Representada a primeira vez em 1850 no theatro

de Thalia onde concorreu para a primeira vez

representada a primeira vez em 1850 no theatro

de Thalia onde concorreu para a primeira vez

representada a primeira vez em 1850 no theatro

de Thalia onde concorreu para a primeira vez

representada a primeira vez em 1850 no theatro

de Thalia onde concorreu para a primeira vez

representada a primeira vez em 1850 no theatro

de Thalia onde concorreu para a primeira vez

representada a primeira vez em 1850 no theatro

de Thalia onde concorreu para a primeira vez

representada a primeira vez em 1850 no theatro

de Thalia onde concorreu para a primeira vez

representada a primeira vez em 1850 no theatro

de Thalia onde concorreu para a primeira vez

representada a primeira vez em 1850 no theatro

de Thalia onde concorreu para a primeira vez

representada a primeira vez em 1850 no theatro

de Thalia onde concorreu para a primeira vez

representada a primeira vez em 1850 no theatro

de Thalia onde concorreu para a primeira vez

representada a primeira vez em 1850 no theatro

de Thalia onde concorreu para a primeira vez

representada a primeira vez em 1850 no theatro

de Thalia onde concorreu para a primeira vez

representada a primeira vez em 1850 no theatro

de Thalia onde concorreu para a primeira vez

representada a primeira vez em 1850 no theatro

de Thalia onde concorreu para a primeira vez

ACTO UNICO.

Sala ornada com elegancia. Portas no fundo, e portas lateraes. Uma caixa de costura sôbre uma mesa á direita, á esquerda outra banca com escrevaninha.

SCENA I.

DOUTOR SIMÕES, VICENTE;

depois D. THEREZA.

VICENTE.
 Quando o medico não falla a saude
 Faz favor de entrar, senhor doutor; eu vou
 chamar o senhor Manuel-Simplicio.
SIMÕES.
 Porquê, ainda está na cama?

VICENTE.

Não senhor, ha mais de duas horas que anda por esse palacio com os armadores e os pintores, toda essa gente que elle mandou vir da cidade.

SIMÕES, áparte.

O palacio! Chama-se agora o palacio! Fidalguias da senhora D. Thereza. (*alto*) Deixa-o estar, não o incommodes. Aqui vem a senhora D. Thereza. (*Vicente sai.*)

D. THEREZA.

Oh! é o senhor Simões...

SIMÕES.

As minhas homenagens respeitosas e humildes à madame la belle-mère.

D. THEREZA.

Deu em se fazer desejar o senhor doutor: ha um seculo que o não vejo.

SIMÕES.

Não se queixe, minha senhora, é bom signal! Quando o medico falta, é que não falta a saude. Que noticias temos das Caldas? Desde que foi a senhora D. Candida, não tenho que fazer n'esta casa, senão é vir de vez em quando perguntar se volta... se ja voltou...

D. THEREZA.
 Ainda não: ámanhan partimos nós, eu e seu marido, para a irmos buscar.

SIMÕES.
 Hade estar impaciente o nosso Manuel-Simplicio, morto de saudades pela sua ricca noiva.

D. THEREZA.
 Oh! essa justiça lhe faço eu: estremece-a, adorá-a, é louco por ella.

SIMÕES.
 Cada vez me glorio mais de ter feito este casamento.

D. THEREZA.
 É verdade, acertou. E é o seu forte: por isso dizem que os doentes do doutor Simões são mais os que casam do que os que saram.

SIMÕES.
 Assim é, convenho. A minha medicina é toda philosophica e moral, é a verdadeira homeopathia transcendente; curo os contrarios com os contrarios. São os meus principios. Manuel-Simplicio era meu amigo e meu doente; sujeitei-o á minha clinica, fi-lo casar. Pobre Simplicio! não tinha a menor idea de fazer tal.

D. THEREZA.

Pois deve-lhe estar muito obrigado, elle...

por esse palacio com... SIMÕES.

Tambem me parece que pela sua parte a senhora D. Thereza não tem de que se queixar. Manuel-Simplicio tinha-se deixado estar solteiro um par de annos... um bom par de annos, a fallar a verdade... voltou do Brazil milionario e sexagenario ou muito perto d'isso: — erão habitos velhos. Olhe que com todo o amor que lhe inspirou a senhora D. Candida, resistiu muito tempo... Tinha aquella idea fixa de não querer desherdar um certo sobrinho que Deus lhe deu, e que é o unico parente que tem. Desde lá do Cantagallo, ou do Ouro-Preto, ou do Jacaré-Açú, ou não sei de que bentas terras de Minas-Geraes, d'onde esteve cavando essa riqueza toda que trouxe, vinha com o projecto feito de comprar esta quinta, e de fundar aqui no caro sobrinho uma dynastia de fidalgos d'aldeia que perpetuasse a memoria dos Simplicios por essas gerações adiante.

D. THEREZA.

Bem sei... um tal sobrinho a quem elle quer

muito... Felizmente que não é senão sobrinho...
que estes solteirões velhos ás vezes...

SIMÕES.

Esteja descansada ; o meu amigo Manuel-Simplicio tem um character fraco, a dizer a verdade, mas lá n'isso...

D. THEREZA.

Sim, é o que se chama um bom homem.

SIMÕES.

Bonissimo. E d'alli não ha que desconfiar.

D. THEREZA.

Não, não, e o peor é que ha dezoito mezes que estão casados e... e nada ! Bem ve que tenho razão de receiar, doutor : se meu genro viesse a fallecer sem filhos...

SIMÕES.

Hade tê-los, hade tê-los... Um marido de sessenta annos ! isso é infallivel.

D. THEREZA.

Bem o desejo ; mas Candida ha dois mezes que está nas Caldas, e parece-me longa de mais ésta ausencia. Eu não estava aqui quando ella foi, estava em Lisboa por causa d'aquella malditta demanda que me demorou até agora : não che-

guei senão ha tres dias; quando não, tinha-me opposto a ésta viagem, ou pelo menos havia de acompanhar eu minha filha.

SIMÕES.

Bom seria; mas a senhora D. Candida está muito bem acompanhada. Em primeiro logar levou comsigo a prima Lucia...

D. THEREZA.

Lucia! Está bom... É quasi da idade d'ella.

SIMÕES.

E ambas as primas foram na companhia aqui da senhora D. Joanna Pacheco, e de seu marido o nosso governador civil, pessoas de todo o respeito... É outro casamento que eu fiz tambem.

D. THEREZA.

Mas para que havia de ella sahir de casa, ir agora para as Caldas?... Estava doente?

SIMÕES.

Pois emfim ja que é preciso dizer-lh'o, estava... estava doente... abhorreca-se, tinha hystericos, tinha nervos, tinha vapores... Eu já não sabia o que lhe havia de receitar, mandei-a para as Caldas.

D. THEREZA. *senhora nenhuma*
 O que me admira é o marido deixá-la ir
 assim... Mas calemo'-nos que elle ahi vem.

SCENA II.

MANUEL-SIMPLICIO E DITTO.

SIMPLICIO entra, recuando, da esquerda, e fallando
 para o bastidor.

Olhem lá aquella cómoda que não está di-
 reita... deixem descahir mais o espelho... as cor-
 tinas mais tomadas... Sacode a franja... Agora
 sim, ah! bom! assim. *(virando para a scena)*
 Como passou a noite, senhora D. Thereza? Bella
 mamam... Não é assim que se deve dizer, doutor?

SIMÕES.

Parfait! á moda de Paris. Está outro, está
 guapo, amavel como um estrangeiro o nosso Sim-
 plicio. E a saude excellente sempre?

SIMPLICIO.

Quanto á saude... Espere, dê-me licença. *(torna
 a virar-se para a porta da esquerda)* O toucador
 á esquerda... a jarra do Japão no canto, alli, ao
 pé da janella.

SIMÕES.

Então que é isso? mobilâmos de novo estes quartos para aqui?

SIMPLICIO.

É o quarto particular de minha mulher... o boudoir, bella mamam: não é assim que se chama?

D. THEREZA.

Sim, é.

SIMÕES.

Agora que tudo vem de França, modas, palavras, ideas...

SIMPLICIO.

Algumas... das palavras são mais bonitas, sem dúvida. Por exemplo, bella mamam, para não dizer sogra, que é uma palavra tam feia.

SIMÕES, áparte.

Como a coisa: e ja é dizer.

SIMPLICIO.

Mas outras, a fallar a verdade... ésta de boudoir, nem eu sei bem o que isto quer dizer, mas não me agrada.

D. THEREZA.

É uma expressão bonita, e para pessoas de

bem, senhor Simplicio ; não ha senhora nenhuma na côrte que não tenha o seu boudoir.

SIMPLICIO.
Ah ! se as fidalgas da côrte teem o seu boudoir, isso é outro caso, tambem minha mulher hade ter o seu ; e por isso é que eu... (*tornando a virar-se para a porta*) O sophá e o vis-à-vis á direita... defronte do espelho ; o apparelho de Saxonia em cima da mesa. Vão devagar, e aviem-se.

D. THEREZA.

Em se tractando da mulher, anda aquella cabeça...

SIMPLICIO, voltando para a scena.

Agora aqui me tem, meu doutor.

SIMÕES.

Então ja sei que vai buscar a sua bella metade.

SIMPLICIO.

Vou, meu amigo, e ja era tempo ; pésa-me ésta viuvez. Minha mulher é tam alegre, tam divertida, tam viva ; nem eu sei como tenho podido viver estes dois mezes tam compridos sem a ver.

SIMÕES.

Mas porque não foi com ella ?

SIMPLICIO.

Isso queria eu, mas ella é que não quiz pela muita amizade que me tem: intendeu que me faziam mal as caldas. Coitada! é tam minha amiga!

SIMÕES.

É um anjo.

SIMPLICIO.

E além d'isso, aproveitei esta occasião para reedificar este lado esquerdo da casa... do meu palacio... era um gôsto que ella fazia; achava-o triste, gothico; e eu obras é a minha paixão.

SIMÕES.

Tambem d'ahi não se segue mal nenhum... uma pequena ausencia aviva mais a ternura conjugal.

SIMPLICIO.

A minha não precisava d'isso, doutor. Mas emfim ja lá vai: agora em ella voltando fica a minha felicidade quasi completa; digo quasi, porque verdade seja... completa, completa não é... quando penso n'aquelle pobre rapaz, meu sobrinho.

D. THEREZA.

Sempre com este sobrinho!

SIMPLICIO. Siquer, se elle soubesse do meu casamento...

SIMÕES. Pois quê, não lhe deu parte?

SIMPLICIO. Não, ainda não; elle está lá para Lisboa, tam longe... e este casamento, como sabem, fez-se com tanto segredo e tam depressa...

D. THEREZA. Comeffeito, meu genro, a sua fraqueza faz afflicção, é uma coisa que nunca se viu, um tio que tem medo que o sobrinho lhe ralhe.

SIMPLICIO.

É que a fallar a verdade, elle tinha razão se ralhasse, se me dissesse o que eu me digo a mim mesmo. A minha posição é mais delicada do que cuidam. Luiz é filho de minha irman, irman querida e unica, excellente creatura, mas que não tinha nada de seu: foi casar com um cavalheiro muito illustre, muito fidalgo, creio eu, mas que nunca passou de tenente do regimento de... e morreu deixando-lhe... este filho. Achei-a viuva quando voltei do Brazil, e quasi morta... Com toda a minha riqueza mal pude adoçar-lhe os ul-

timos instantes da vida. Parece-me que a estou vendo ainda, moribunda, apertando-me a mão, e recommendando-me o filho; jurei-lhe que o tomava por meu, que lhe havia de servir de pae, e emfim deixar-lhe toda a minha fazenda. Renovei o juramento trinta vezes em cartas, em conversas com Luiz quando elle aqui veio estar commigo ha dois annos; e de certo que tinha firme intenção de o não quebrar. Não sei como foi que se metteu o diabo n'isto...

D. THEREZA.

Senhor Simplicio!

SIMPLICIO.

Não foi o diabo não, minha senhora, perdoe-me por quem é... Mas como heide eu dizer a meu sobrinho que o inganei, que lhe faltei á palavra, que sou um mau tio, que cahi em... que... emfim que estou casado?

D. THEREZA.

Por fim de contas é preciso acabar por lh'o dizer.

SIMPLICIO.

Sim, d'aqui a algum tempo, veremos... Mesmo agora seria difficiloso porque não sei o que é feito d'elle.

D. THEREZA.

Dei seu sobrinho?

SIMPLICIO.

Ja me dá cuidado. Ha coisa de um mez, ou mez e meio, que recebi uma carta d'elle, avisando-me que sahia de Lisboa, e que vinha passar algum tempo commigo. Imaginem o meu susto; andei quinze dias com febre... mas não veio, e de então para ca não sube mais d'elle.

D. THEREZA.

Excellentè occasião de lhe escrever, deixando cahir duas palavras sôbre o casamento.

SIMPLICIO.

Acha?.. Hade affligi-lo muito, coitado!

D. THEREZA.

Olhem a grande desgraça! É muito amor de mais para um sobrinho, senhor Simplicio, é uma ternura desarrazoada e fóra de todo o termo, que não diz com o seu novo estado. Dá-lhe tudo quanto elle quer... deixa-lhe fazer despezas exorbitantes...

SIMPLICIO.

Podéra! se lhe eu não mandasse dinheiro, vinha-o elle ca buscar.

D. THEREZA.

Pois sim, mas é preciso acabar com isto... uma carta pelo correio e adeus! não se pensa mais n'isso, e fica feito.

SIMÕES.

Siga o parecer da senhora D. Thereza; não se póde viver n'esse desasocêgo, é preciso tranquilizar-se.

SIMPLICIO.

Então querem por fôrça?

D. THEREZA.

E se se demora, escrevo-lhe eu.

SIMPLICIO.

Não se altere, bella mamam, ja o vou fazer.

D. THEREZA.

Pois é ja, aqui.

SIMPLICIO.

N'este momento.

D. THEREZA.

Ora graças a Deus!.. E no entretanto vou eu á cidade a casa do governador civil: elle vai ámanhan comnosco buscar a mulher; combinaremos a hora da partida.

SIMÕES.

Quer que lhe offereça o meu braço, minha senhora?

D. THEREZA.

Com muito gôsto. Senhor Simplicio, olhe agora se se esquece.

SIMPLICIO.

Bem sabe que quando eu prometto uma coisa...

SCENA III.

SIMPLICIO *so*.

Ora vamos a isto... ja que não ha remedio. *(põe-se á mesa, e prepara-se para escrever)* Malditta carta! Se eu sei por onde heide principiar... O Luiz é muito bom rapaz... mas fica furioso... E então um tio... uma pessoa de respeito... ter de se accusar deante de seu sobrinho... ter de lhe confessar!.. quasi que é pedir-lhe perdão... Tem que se lhe diga, é de exame... Mas quem manda é minha sogra; vamos. *(escreve)* 'Meu sobrinho... meu ricco Luiz...'

SCENA IV.

SIMPLICIO, VICENTE, e depois LUIZ.

VICENTE, no fundo.

Senhor?..

SIMPLICIO.

Véem-me interromper... inda bem! — Que queres tu, Vicente?

VICENTE.

Senhor, um senhor, um rapaz novo que lhe quer fallar.

SIMPLICIO, levantando-se.

Um rapaz novo!.. Quem é? Conhéce-lo?

VICENTE.

Não senhor; não quiz dizer quem era, diz que lhe queria apparecer derepente para lhe dar um alegrão.

SIMPLICIO.

Ai, meu Deus! Que suores frios!..

VICENTE.

Mando entrar?

SIMPLICIO.

Pois sim... certamente... (*Vicente sai.*) Oh! que tolice estar-me eu a assustar! Não pôde ser.

(vai ver ao fundo) Jesus! é elle, é o Luiz...
Tremem-me as pernas, não me posso ter...

LUIZ, olhando muito para o tio sem o conhecer.

Oh senhor, perdoe! o seu criado enganou-se,
eu procuro o senhor Manuel-Simplicio.

SIMPLICIO, abrindo os braços.

Luiz, meu sobrinho!

LUIZ.

Meu tio! (abraçam-se.)

SIMPLICIO.

Então já me não conhecias?

LUIZ.

Minha palavra de honra, que não. E se o tio
se não visse a si desde o tempo que eu o não
vejo, ha dois annos, aposto o que quizer que não
era capaz de se reconhecer a si mesmo. Jesus!
como está mudado!

SIMPLICIO, assustado.

Achás?

LUIZ.

Mas dou-lhe os parabens, tio, está outro, não
tém comparação: anda direito, está fresco e
bello... e então tafulo!... não tem que ver, é
uma transformação completa.

SIMPLICIO.

Ah! isso é outra coisa.

LUIZ.

E tanto que, se vamos n'este andar, em poucos annos está mais môço que eu.

SIMPLICIO.

Sim, eu agora ando bom... E tu, meu Luiz, como vamos de saude? E a respeito de?.. vamos: diverte-se a gente?

LUIZ.

Assim, assim, meu tio!.. Mas aqui está o que é ser homem solteiro! O tio vive sem pezares, sem cuidados...

SIMPLICIO, á parte.

Está bom... não desconfia de nada... estou mais socegado. (*alto*) Tu hasde estar moído da viagem, homem?

LUIZ.

Não, tio. — Ora o que me fez mais barulho logo assim á primeira, foi o seu modo de vestir: eu que o tinha visto sempre de calsa justa por baixo da bota, e com aquella sua casaça... vi-lo agora achar de penteado moyen-age, frac á inglaterra!..

SIMPLICIO. Sabes tu que ja me davas cuidado?

LUIZ. Oh! meu querido tio, mas é que realmente está um petimetre... Ai, Deus me perdõe! pois foi-se tambem? coitado!

SIMPLICIO. Quem?

LUIZ. Aquelle rabichinho tam galante, tam travesso, que o tio trazia, e que realmente era...

SIMPLICIO. Era um incómodo, pegava-se á golla da casa-saca...

LUIZ. Que metamorphose! Pois eu por mim gostava mais do outro tio d'antes... Este, a fallar a verdade, parece-me um tio virado.

SIMPLICIO. Então! não me acabas de analysar dos pés á cabeça?

LUIZ. Não é que eu despar...
Porquê? Deixe-me gosar da minha admiração. Até a quinta e ésta casa toda está que ninguem

a conhece. Era tam triste! e agora tem um ar de opulencia, de animação. Não parece senão que andou por aqui alguma fada boa.

SIMPLICIO, áparte.

Está insupportavel com as suas reflexões. *(alto)* Então que queres? Abhorreci-me da vida de ermitão que levava, comecei a viver com gente... por aqui os vizinhos... pessoas muito de bem... bem vês... para os receber em casa era preciso...

LUIZ.

Fez muito bem, tio... isso é que eu acho de juizo. Quantas vezes lh'o tenho ditto?.. que não sabe gosar da sua fortuna... gaste... divirta-se... não se apoquente por amor de mim... Comtanto que me deixe o que lhe sobrar, ainda me hade ficar bastante.

SIMPLICIO, áparte.

Pobre rapaz!.. Está-me interrando punhaes no coração...

LUIZ.

Não é que eu despreze a riqueza... por certo não; e muito sinceramente lhe digo que se me não dá de ser ricco. Mas, graças a meu tio,

nunca me faltou nada. E particularmente ha um anno a ésta parte, ou dezoito mezes... teem fervido os cartuxos de peças, as notas do banco... de modo que para as podêr gastar foi-me preciso imprehender ésta pequena viagem.

SIMPLICIO, á parte.

E eu que cuidei que assim é que o impedia de vir!

LUIZ.

Faz favor de me dar uma pitada, tio?

SIMPLICIO.

Uma pitada?.. Pois tomas tabaco?

LUIZ.

Às vezes, da caixa dos outros.

SIMPLICIO.

É um mau vício... Eu deixei-me d'elle.

LUIZ.

Mais outra mudança... É extraordinario!

SIMPLICIO.

Tu hasde precisar de tomar alguma coisa. Deixa-me chamar Vicente. *(toca a campainha.)*

LUIZ.

Vicente?.. É um dos criados novos? Á entrada dei com uma quantidade de lacaios, todos moços

tafulos... de librés noyas... A proposito, que caminhou levou a Gertrudes... a sua ama velha que era tam sua amiga?

SIMPLICIO. Coitada! estava bem velha.

LUIZ. Pouco mais ou menos da sua idade, não?

SIMPLICIO.

Apposentei-a... estabeleci-lhe uma pensão. Mas não se falla n'isso... que foi ás escondidas.

LUIZ. Como, ás escondidas? Pois meu tio não é senhor do que é seu? Quem é que tem direito de?..

SIMPLICIO.

Não, certamente... ninguem tem direito de... mas é que, bem vês... ha sempre más linguas... podiam entrar a suppor... E este diabo d'este Vicente sem vir! *(toca com violencia a campainha, depois duas ao mesmo tempo.)*

LUIZ. Deixa-me chamar Vicente *(toca a campainha.)*

Devagar, meu tio, não se impaciente... dá-me tanto gôsto estar aqui a conversar...

VICENTE, entrando.

O senhor quer alguma coisa?

SIMPLICIO.

Em te chamando estás sempre uma hora primeiro que venhas... Vai preparar de almoçar o mais depressa possível.

VICENTE.

Vou ja, senhor. (*sai.*)

LUIZ, áparte.

O que é que elle tem este meu tio?

SIMPLICIO.

No entretanto, meu amigo, conversemos um pouco a teu respeito... dos teus negocios... que a minha amizade não é como o mais, essa é sempre a mesma. — Agora quando tu chegaste, te estava eu a escrever.

LUIZ.

Devéras?

SIMPLICIO.

É verdade. Para saber novas tuas... davas-me cuidado... Escreves-me ha dois mezes que sahas de Lisboa...

LUIZ.

E comeffeito parti... mas demorei-me no ca-

minho... fiz uma voltasita para chegar aqui... E succedeu-me uma aventura interessantissima... Heide-lh'a contar.

SIMPLICIO. — Em te chamando...
 Ah maganão! madama no caso?

LUIZ. —
 Nada, nada. D'esta vez é uma menina... uma menina solteira... um anjo!

SIMPLICIO. —
 Melhor, melhor, porque enfim tu não tens nada que te impeça... de... casar.

LUIZ. —
 Casar!.. não tenho pressa... da minha idade... quando a gente se diverte... que é feliz...

SIMPLICIO. —
 Ah... maroto... com quê casar... para você, é como o tomar tabaco? Não quer senão da caixa dos outros...

LUIZ. —
 Se visse como ella é bonita? Disse-me que ia para Lisboa... Eu não quiz passar tam perto d'aqui sem lhe vir dar um abraço, tio; mas a fallar a verdade... se não fosse...

SIMPLICIO.

Dize, explica-te.

LUIZ.

Tenho medo de o desgostar.

SIMPLICIO.

Não importa... anda, dize.

LUIZ.

Pois a verdade é... que estou morrendo por ir atraz d'ella... e queria-lhe pedir licença para me logo pôr a caminho.

SIMPLICIO.

Faze o que quizeres, filho... Eu antes queria ter-te aqui algum tempo commigo... mas uma vez {que é impossivel...

LUIZ.

Impossivel não; se o tio quer...

SIMPLICIO.

Não, não te incomodes... Queres partir hoje?

LUIZ.

Ámanhan de manhan... que lhe parece?

SIMPLICIO.

Cai mesmo a proposito... tinha-me esquecido de t'o dizer; tambem eu parto ámanhan... Uma digressãozita pequena.

LUIZ.

Para a banda do Porto... ou para Lisboa?

SIMPLICIO.

Não, o contrário.

LUIZ.

O contrário!

VICENTE, no fundo.

Senhor, o almôço está na mesa.

SIMPLICIO.

Vai almoçar, anda, rapaz... desculpa-me, que te não posso fazer companhia... almôço muito mais cedo.

LUIZ.

Era o que faltava, que fizesse agora cerimonia commigo.

SIMPLICIO.

Vicente?

VICENTE, chegando-se.

Senhor.

SIMPLICIO.

Ouve. (*falla-lhe ao ouvido.*)

VICENTE.

Basta, senhor, esteja descansado.

SIMPLICIO.

Luiz?... Insina-lhe o caminho, Vicente.

LUIZ.

E é preciso ; está tudo tam mudado, tam grandioso... não sei se eu acertaria com a casa do jantar.

SCENA V.

SIMPLICIO *so.*

Ah ! respiremos... Umás poucas de vezes me ia perdendo... que fortuna estar minha mulher fóra de casa !.. Emfim como elle parte ámanhan, d'aqui a alguns dias lhe escreverei. Por hoje, tomando as minhas precauções... acautelando-me e tal, posso-me ainda livrar... A Vicente recommendei-lhe segredo, e que advertisse os outros criados... O caso agora é prevenir minha sogra... tárdá bem ! (*vai ao fundo*) Parece-me que a oiço... Ei-la ahi comeffeito... Que senhoras são éstas que véem com ella ? Sancto Deus !.. minha mulher... Candida ! E a prima Lucia... Está tudo perdido.

SCENA VI.

SIMPLICIO, D. THEREZA, D. CANDIDA,
D. LUCIA.

SIMPLICIO.

Minha querida filha... Como ella vem bonita!
(*abraça a mulher.*)

D. LUCIA.

Então, e a mim, primo, não se me diz nada?

SIMPLICIO.

Adeus, minha rica Lucia.

D. THEREZA.

Quando eu entrava em casa do governador civil, chegava a caleça d'estas senhoras.

D. LUCIA.

Não nos esperavam tão cedo?... Não cabe em si de contente o primo.

SIMPLICIO.

De certo... Estou n'uma alegria... Mas o que estava ajustado era irmo-las nós lá buscar.

D. LUCIA.

...Foi Candida que quiz vir por força; andava abhorrecida, n'uma melancholia.

Lucia; cada vez... mais não ter eu ido
SIMPLICIO.

E é verdade... não reparei ao princípio. Tu
que eras tam alegre, tam...

... D. THEREZA.

Saudades do marido, da sua mamam... Não é
assim, minha filha?

D. CANDIDA.

Sim, mamam, sim... ja não podia estar sem os
ver, precisava de vir para aqui, de... Eu não
tenho andado boa.

SIMPLICIO.

Doente! Oh, ja, ja chamar o doutor...

D. LUCIA.

Não é preciso, incontrá-mo-lo, e não tarda ahi
de certo... é uma visita mais que se conta.

SIMPLICIO.

De que serve ir ás Caldas para vir doente?
Então vocês não se divertiram?

D. LUCIA.

Nada, não! Divertimo-nos immenso; todos os
dias bailes, funções, passeios.

SIMPLICIO.

Espera... não ouviram passos aqui por este
lado?

D. THEREZA.

Não... Não é verdade... não repeto ao principio.

SIMPLICIO, socegando.

Ah! então iam ao baile... tinham funções?...

D. LUCIA.

Não faz idea, primo: era uma delicia. E sabe?

Candida e eu passavamos por meninas solteiras.

SIMPLICIO.

Ah!.. Candida tambem?

D. LUCIA.

Tambem: foi uma brincadeira que muito nos divertiu. Maria do O, a mulher do governador, é que fazia de mamam; foi concertado com ella. Era um gosto ver como todos nos queriam fazer a córtè... á Candida mais, porque andava mais tafula, mais ricca... Muito rimos nós com ver os rapazes que queriam casar com ella.

SIMPLICIO.

Sim?.. tinha sua graça.

D. LUCIA.

Era o que lhe eu dizia: é pena que não possas casar duas vezes... tinha muita graça.

D. THEREZA.

Muito pouca gravidade n'esses brinquedos,

Lucia; cada vez me pèsa mais não ter eu ido com vocês.

D. LUCIA.

Ó tia, posso-lhe afirmar que a gente não fazia caso nenhum d'elles... dos nossos rendidos. Pela minha parte, so um ou dois é que poderiam assim...

SIMPLICIO, sobresaltado.

Oiçam!.. parece-me que senti abrir uma porta..

D. THEREZA.

E então!.. creio que está a sonhar.

SIMPLICIO.

Não falle tam alto... Tem um metal de voz ésta senhora!

D. THEREZA.

Então que é isto? Aqui ha coisa extraordinaria.

SIMPLICIO.

É verdade ha: então que quer?... estou n'um lance, n'um appêto...

D. THEREZA.

Porquê? diga.

SIMPLICIO.

Porquê?.. porque está alli elle... chegou!

D. CANDIDA.

Elle quem?

SIMPLICIO.

Meu sobrinho.

D. THEREZA.

Seu sobrinho está aqui?

D. LUCIA.

Aquelle que era seu herdeiro, e de quem se escondeu este casamento?

SIMPLICIO, fazendo-lhe signal que falle baixo.

Esse mesmo... Está resolvido a partir amanhã, e eu quero ver se faço com que elle parta hoje.

D. THEREZA.

Tem razão... seu sobrinho hade ser rapaz galante certamente: se ficasse aqui... podia haver receio...

SIMPLICIO.

Receio... medo de tudo!.. Mas ja'gora não ha outro remedio senão este, é não lhe apparecer. Vão para os seus quartos, e deixem-se estar até... até á tarde, não é muito tempo.

D. THEREZA.

Tambem sou d'esse voto.

D. LUCIA.

Que pena! Uma casa tam so como ésta, e onde quasi nunca se ve uma figura humana!

D. THEREZA.

Minha sobrinhá!

D. LUCIA.

Eu não disse isto pela tia.

D. CANDIDA.

Não façam caso do que ella diz. Hade-se fazer como querem: a mais interessada n'isso sou eu. Seu sobrinho não póde ter gôsto em me ver: hade-me ter por sua inimiga; eu estimo muito mais não o encontrar... Além d'isso, basta que seja sua vontade...

SIMPLICIO.

É um anjo, um genio de pomba... Ora isto... isto! Tè-la eu aqui aopé de mim, depois de uma ausencia tammanha, e vir este diacho d'este Luiz...

D. LUCIA.

Luiz!

D. CANDIDA.

Luiz!

SIMPLICIO.

Sim, é o nome d'elle. — Então promettem estar em segredo todas tres?

D. LUCIA, áparte.

E mais eu tinha bem curiosidade...

SIMPLICIO.

Perdoa-me, Candida, separar-me de ti... O que era melhor era irem-se fechar na casa do café no jardim... está mais longe, mais so.

D. CANDIDA.

Pois sim, como quizer.

SIMPLICIO.

Não por dentro dos quartos, que não sinta elle...

SCENA VII.

SIMPLICIO, e depois LUIZ.

SIMPLICIO, áparte, da esquerda, seguindo com os olhos a mulher.

Que pena! Nunca a vi tam boa commigo, tam mansinha, tam... Adeus, adeus! (*atirando-lhe beijos.*)

LUIZ, entrando da direita.

Apre, senhor meu tio.

... Si **SIMPLICIO**, fechando a porta de repente.

Hem! Então que é isso?

crever depressa duas **LUIZ**. ras, e trazer-te os pa-

Digo-lhe, meu tio, que a sua cozinha sempre está! seguiu a marcha da civilização: é d'este seculo o seu cozinheiro, é um homem de luzes, não tem dúvida.

SIMPLICIO, á parte.

Pregou-me um susto!... **LUIZ**.

Agora, meu tio, estou prompto a correr os seus estados: venha-me mostrar as mudanças, os melhoramentos, todas essas coisas novas. Leio-lhe nos olhos que está morrendo por isso, e eu tambem estou com minha curiosidade de saber...

SIMPLICIO, á parte.

Como hade ser para o resolver a partir ja?

LUIZ.

Primeiro, vamos ao jardim se quizer... Parece-me ver de longe uma casa de fresco nova. é linda... É um kiosque... ou é?..

SIMPLICIO, á parte.

Tem um instincto para me atormentar, este

meu sobrinho l.. (*alto*) Com muito gôsto eu ia...
mas estou n'um cuidadoi...

LUIZ.

Coisa que o afflige, tio?

SIMPLICIO.

É verdade; e não sei como t'ó heide dizer.

LUIZ.

Alguma noticia desagradavel?

SIMPLICIO.

Muito desagradavel! (*á parte*) Bom! chegámos
a ellas. (*alto*) Uma carta de Lisboa, que recebi
n'este instante, em que me avisam que uma
casa em que eu tinha bastante dinheiro, cem
mil cruzados, está a fallir.

LUIZ.

Diacho! É terrivel essa.

SIMPLICIO.

Agora o ponto era não perder um instante...
Bem ves que a mais pequena demora... Eu
tinha-me lembrado que talvez tu... se te não
dêsse...

LUIZ.

De partir hoje? Em casos taes não se olha a
coisa nenhuma: estou á sua disposição.

SIMPLICIO.

Queres? Não esperava menos de ti. Vou escrever depressa duas palavras, e trazer-te os papéis necessários... Tractarás de te entender com o meu correspondente.

LUIZ.

Em o tio acabando, monto a cavallo.

SIMPLICIO.

Meu Luiz! ninguém tem um sobrinho como eu. (*á parte*) Estou livre d'elle. (*alto*) Espera aqui, eu venho já. (*Vicente atravessa o theatro do fundo para a esquerda com uma caixa de chapéos, um challe e um guarda-sol de senhora.*)

LUIZ.

Tio Simplicio!

SIMPLICIO.

Hem!

LUIZ.

O que é aquillo que allí vai? O seu criado com um challe... um guarda-sol de senhora?

SIMPLICIO, *á parte*:

Bonita a fez Vicente! tem um juizo!

VICENTE.

Chama-me, o senhor?

SIMPLICIO.

Não, não; vai-te.

LUIZ.

Então tem senhoras em casa o tio, e não m'o dizia?

SIMPLICIO.

Senhoras!.. Ah! sim... é que nem ja me lembrava... É uma pessoa... uma senhora d'aquella quinta no alto... Vai para o Porto... e..

LUIZ.

Ah! vai para o Porto! Anda tudo por aqui a viajar, pelo que vejo.

SIMPLICIO.

Teve medo de descer na liteira lá d'aquellas alturas... offereci-lhe que viesse aqui esperá-la, e...

LUIZ.

É mais cómodo... E é môça a tal senhora?

SIMPLICIO.

Está bom! Uma edade respeitavel. Querem ver que ja tu cuidavas?... Oh! está socegado, não tenhas medo. Quando me acontecesse... Adeus! não tardo aqui dez minutos.

SCENA VIII.

LUIZ DE MELLO *so.*

Senhor meu tio, senhor meu tio! aqui ha coisa, seja ella qual for. Por modo que se quer ver livre de mim. Ja ésta manhan não instou commigo para ficar. E agora derepente ésta casa de Lisboa que quebrou assim como de incomenda... Aqui ha mysterio... Eu ja tinha minhas suspeitas... Este casarão velho todo arranjado de novo... meu tio deixado de tomar tabaco... com o rabicho cortado... E este luxo, estes trastes elegantes... E esperem; eu ainda não tinha visto aquillo... uma caixa de costura... isto não póde ser. (*abre a caixa*) Tal e qual... Bordados... lans!... Que maganão que é o tio Simplicio!.. Demittiu a Gertrudes velha, e deu o logar a alguma criadinha môça e tafula, meia ama, meia criada... O costume! É o flagello dos solteirões velhos. Pobre tio Simplicio! Mas onde a tem elle escondida? Se terá ciumes de mim? Oh! isso agora é que me faria rir.

SCENA IX.

LUIZ E D. LUCIA.

D. LUCIA, entrando pé-ante-pé.

Não posso resistir. Por força heide ver este sobrinho que mette medo a toda a gente.

LUIZ.

Esta não é má! Eu lhe prometto que heide descobri-la... Vou revolver a casa toda. *(vai a sahir.)*

D. LUCIA, dando derepente com os olhos n'elle.

Ai!

LUIZ.

É possível!

D. LUCIA.

Pois é o senhor?

LUIZ.

A senhora D. Lucia aqui! Conhece meu tio Simplicio?

D. LUCIA.

Seu tio!.. Então o senhor é que é o sobrinho?

LUIZ.

Que feliz acaso! Tenho tantas coisas que lhe

perguntar!.. E primeiro que tudo, aquella menina que andava em sua companhia nas Caldas... sua prima, creio eu... onde está, que é d'ella? Aqui... estou vendo? Não se separaram...

D. LUCIA.

Pois separámo'-nos, e bem sabe o senhor... Porquê? ella não lhe disse que voltava para Lisboa?

LUIZ.

É verdade, e foi tudo quanto me disse... Mas a senhora D. Lucia conhecer meu tio! De d'onde o conhece? Dar-se-ha caso que sejamos parentes? Não veio sosinha para ésta quinta... de certo. Fica aqui muito tempo?

D. LUCIA.

Não, não senhor, foi um acaso... de passagem...

LUIZ.

Ah! vai para o Porto?

D. LUCIA.

Dê-me licença que me retire... Se nos vissem aqui a conversar...

LUIZ.

Que quererá dizer isto?... Temos outro mysterio...

SCENA X.

DITTO E SIMÕES.

SIMÕES.

Ah! senhora D. Lucia! Venho correndo com uma pressa... O senhor Simplício diz que viesse, que viesse... quer que lhe eu veja immediatamente a mulher.

LUIZ.

Sua mulher!

SIMÕES.

Certamente.

D. LUCIA, á parte.

Vamos já dar parte a minha tia. (*escapa-se pelo fundo.*)

LUIZ.

Então meu tio é casado?

SIMÕES, á parte.

Ai, que é o sobrinho!.. Fi-la bonita.

LUIZ.

É horrivel... é indigno isto! Casar-se, e occultar-me o seu casamento! Nunca cuidei que fosse capaz de me enganar assim...

SIMÕES, áparte.

... Vejamos se o socégo. (*alto*) Venha cá, senhor; a coisa não é tam feia como lhe parece.

LUIZ.

Mas enfim como se fez este casamento?... que tempo ha... com quem? Hade sabê-lo o senhor... creio que é seu amigo.

SIMÕES.

Sou... isto é... sou o seu facultativo.

LUIZ.

Não vem a ser bem a mesma coisa... mas não importa... Quem é que lhe metteu na cabeça semelhante loucura? Não foi coisa d'elle... é que abusaram da sua fraqueza.

SIMÕES.

Permitta-me que lhe diga que os meu principios me não deixam metter em negocios de familia; todo o meu tempo é dos meus doentes... Hade-me permittir... (*querendo partir.*)

LUIZ.

Por quem é, senhor, responda-me... Quem é ésta mulher?... Está aqui na quinta? Não poderei siquer ao menos vê-la?..

SIMÕES.

Tórno a repetir-lhe, senhor... Mas espere... olhe: aqui vem uma senhora que lhe pôde explicar tudo isso muito melhor do que eu. (*Apparece D. Thereza no fundo.*)

LUIZ.

Uma senhora!

SIMÕES.

Safa, lá se atenham como poderem. (*vai-se pela esquerda.*)

SCENA XI.

LUIZ, D. THEREZA.

LUIZ, á parte.

Querem ver que é ésta? Com a fortuna!... E tem-me cara de o ser...

D. THEREZA, á parte.

Hade estar desesperado... mas eu o farei entrar na razão.

LUIZ.

Minha senhora... acabo de saber n'este instante...

D. THEREZA.
 Que seu tio está casado?.. Sim senhor, é verdade; e fez muito mal em lh'o incubrir... por meu voto não foi; e se elle tomasse os meus conselhos, ha muito que seu sobrinho o saberia.

LUIZ, áparte.

Bem n'o dizia eu!.. É minha tia. Vamos.. o doutor não deixa de ter razão... o mal não é tammanho como se cuidava.

D. THEREZA.

Seu tio tem-lhe muita amizade; e eu espero que o senhor não hade procurar, nem pelas suas palavras nem pelo seu procedimento, destruir a felicidade de um parente que o tem enchido de beneficios.

LUIZ.

Assim é, minha senhora.

D. THEREZA.

E se assim não fosse... eu bem sei como me heide haver... desde ja lh'o declaro.

LUIZ, áparte.

Parece-me extremamente amavel a tal minha tia. (*alto*) Confesso-lhe, minha senhora, que no primeiro momento... não pude ser senhor de

mim... Bem ve que era natural... eu não sabia que este casamento tinha sido tam acertado, tam igual... em todos os sentidos.

D. THEREZA, áparte.

Que quererá elle dizer com isto?

LUIZ.

E não posso deixar de louvar a meu tio o ter escolhido uma espôsa cujas qualidades amadurecidas pela idade e pela experiencia...

D. THEREZA, áparte.

Isto é mangação ou?..

LUIZ.

É pela minha parte... eu também espero que me não hão de alienar o coração de meu tio; e que em vez de perder a sua amizade, antes heide merecer a da minha respeitavel tia. (*faz-lhe uma inclinação profunda.*)

D. THEREZA, áparte.

Pois então!.. não está persuadido que!.. Não me atrevo a desinganá-lo.

LUIZ, áparte.

Meu pobre, desgraçado tio!! Foi mesmo de quem estava abandonado de Deus.

SCENA XII.

DITTO E SIMPLICIO.

SIMPLICIO, entrando.

Luiz, aqui tens a carta e os papeis... (*parando*)
A sogra! Justos ceos!

LUIZ, dando-lhe a mão. Hem! Que

Toque, meu tio, toque. (*á parte*) Coitado!

SIMPLICIO, admirado. Eu sei tudo.

Com muito gôsto, meu Luiz... mas dizes-me
isso com um modo.

LUIZ, chamando-o de parte.

Ja sei a desgraça que lhe succedeu.

SIMPLICIO, em voz baixa. Não teccia.

A desgraça?

LUIZ. Não.

Calluda!

D. THEREZA, á parte. Rosvel...

Deus queira que me não va elle agora des-
mentir!

LUIZ, compungido. V'essa parte.

Diga-me se é feliz, tio; preciso saber se é
feliz, tio Simplicio.

SIMPLICIO.

Ora ésta! Que pergunta! Tu conheces-me, sabes que não me amofino facilmente... E de mais, quando a gente é livre, quando é...

LUIZ.

Quando é casado...

SIMPLICIO.

Hem! Que dizes tu... *(assustado.)*

LUIZ.

Eu sei tudo, meu tio.

SIMPLICIO, á parte.

Deus do ceo, que horrivel sogra! Foi ella que me deitou a perder.

LUIZ.

Não receie as minhas queixas, tio, não: realmente é um casamento muito razoavel.

SIMPLICIO, muito animado.

Não é verdade? Parece-me que é muito razoavel... Entretanto ha pessoas que notam a desproporção da idade.

LUIZ.

N'essa parte teem sua razão. Meu tio é muito moço de mais para ella, mas...

Estás zombando?

D. THEREZA, áparte.

Que estarão elles dizendo?

LUIZ.

Salvo comtudo se é inclinação antiga, de outros tempos... e de...

SIMPLICIO.

Antiga !.. o quê?.. como?

LUIZ.

Então? algum amor de infancia... a sua primeira paixão... Porque não seria?

SIMPLICIO, áparte.

Que me mellem se eu intendo o que elle diz.

LUIZ.

No seu tempo havia de ser bella mulher... E examinando-a bem inda agora...

SIMPLICIO.

Hem? Examinando quem? (*olha para todos os lados.*)

LUIZ.

Veja o profil. (*apontando para D. Thereza*)
É classico... Veja... é como dizem agora os jor-

nalistas, é plastico... Eu não sei bem o que é, nem elles... mas não importa.

SIMPLICIO.

Sim, sim; ainda tem seus restos... (*á parte*)
Coméço a desconfiar.

LUIZ.

Ora vamos, ja sei; é alguma paixão do seu tempo... Mas falle com ella: é exquisito estarmos nós assim a conversar para aqui sos, *á parte*..

SIMPLICIO.

É verdade... (*a D. Thereza*) Minha sobrinha querida, pelo que vejo ja informou... tu ja informaste meu sobrinho...

D. THEREZA.

O acaso fez tudo... E eu assentei que não devia negar...

SIMPLICIO, *á parte*.

Que excellente invenção! (*alto*) Olha... não sabes quanto sou feliz; e se conhecesses tua tia... é um anjo, uma seraphim, (*beija a mão a D. Thereza.*)

LUIZ, *á parte*.

Ainda bem que a ve com tam bons olhòs!

SIMPPLICIO.

Quanto a ti, meu caro Luiz, este casamento pouco te deve assustar. A idade de minha mulher...

D. THEREZA. Senhor!!..

SIMPPLICIO, a D. Thereza.

Calle-se: é para o persuadir mais.

LUIZ, áparte.

Não é muito amavel com a noiva o tal meu tio Simplicio.

SIMPPLICIO.

Podes ficar descansado, não tens que receiar de outros herdeiros...

D. THEREZA.

Basta, senhor, basta.

LUIZ.

Meu tio!..

SCENA XIII.

DITTO E SIMÕES.

SIMÕES, áparte.

Estão junctos, e tiveram ja tempo de se explicarem.

SIMPLICIO, á parte.

O doutor! Sempre vem fóra de proposito.

SIMÕES.

Andava á sua procura, senhor Simplicio, porque queria dizer-lhe que, se não falbam certos indicios, a cara espósa não está muito boa.

SIMPLICIO, á parte.

Oh meu Deus!

SIMÕES.

Ainda não posso definir o que é... mas tem alguma coisa... parece-me que não há dúvida: tambem ja era tempo...

D. THEREZA.

Está louco, doutor, não é possível... e pelo menos... Eu nunca me senti tam bem.

SIMÕES.

A senhora D. Thereza?..

SIMPLICIO.

Certamente: basta vê-la, aquella cor... aquella frescura.

SIMÕES.

Então, então! Intendamo'-nos.

D. THEREZA, baixo ao doutor.

Calle-se, doutor.

SIMÕES, áparte.

Ah! isso é outro caso; pelos modos commetti outra imprudencia.

SIMPLICIO.

O doutor queria assustar-nos. (áparte) Pobre Candida, e eu sem estar aopé d'ella!

SIMÕES.

Em todo o caso eu voltarei outra vez, preciso estudar os symptomas.

SIMPLICIO.

É isso, venha jantar connosco, verá que appetite que ella traz... E tu, meu sobrinho, podes voltar para Lisboa, sem o menor cuidado na saude de tua tia. (sai o doutor e D. Thereza.)

SCENA XIV.

SIMPLICIO, LUIZ.

LUIZ.

Partir? Então sempre quer que parta?..

SIMPLICIO.

Que remedio? Aquella quebra... os meus dez contos de réis!..

LUIZ, *(entra)*
Tinha-me ditto cem mil cruzados.

SIMPLICIO. *(surpreso)*

Cem mil cruzados, é verdade... Maior motivo para te appressares... Toma : aqui está a carta e os papeis.

LUIZ, pegando-lhe.

Basta, meu tio. *(á parte)* Cuidas que me enganaras?..

SIMPLICIO.

A malla está no teu quarto, onde tu costumavas ficar.

LUIZ.

Sim senhor, meu tio. *(vai-se.)*

SCENA XV.

SIMPLICIO *so.*

Ah! d'esta vez ainda eu escapei. Safa, que medo! Mas a pobre Candida que está á minha espera... Se eu fosse... enquanto meu sobrinho está no seu quarto arranjando-se... É arriscado, mas não importa: vou. *(toma para a porta da esquerda.)*

SCENA XVI.

SIMPLICIO, D. CANDIDA.

Está so?

SIMPLICIO.

Es tu, querida? Então vieste so para me ver, anjinho? (*còm pieguice.*)

D. CANDIDA. Penso!... Elle co' estes segredos...
Tenho que lhe dizer... e é coisa séria. Está certo que ninguem nos ouve?

SIMPLICIO.

Meu sobrinho foi para o seu quarto, appromptar-se para partir.

D. CANDIDA. Mas que tens tu?
Seu sobrinho ja sabe tudo: disse-m'o Lucia. Desembria o nosso casamento e diz que me quer ver.

SIMPLICIO.

Qual! Não fazes idea que ingano tam gracioso. Pois não foi cuidar o pateta do rapaz que tua mãe era a minha mulher?

D. CANDIDA, com ironia.

Ah !.. sim ?..

SIMPLICIO.

É ratão... não achas ? Pobre rapaz ! Pois digo-te que tenho remorsos de o enganar d'esta maneira ! Mas eu o recompensarei quando se casar, que me parece que hade ser cedo.

D. CANDIDA.

O quê ? Pois pensa ?..

SIMPLICIO.

Penso !.. Elle contou-me certos segredos...

D. CANDIDA, com vivacidade.

Quaes ? Diga, não posso sabê-los eu ?

SIMPLICIO.

Por ora não ha nada positivo... Uma menina que elle adora... que espera encontrar em Lisboa... Mas que tens tu ? Estás agora peor : que sentes ?

D. CANDIDA.

Bem sabe que a minha saude... O doutor havia de lhe dizer...

SIMPLICIO.

Ora, o doutor não sabe o que diz. Eu acho-te melhor do que antes da jornada... O teu rosto tomou uma expressão... (*quer abraçá-la.*)

D. CANDIDA.

Vou-me embora... Jesus, se seu sobrinho!..

SIMPLICIO.

Por modo que ainda tens mais medo d'elle do que eu?

D. CANDIDA.

Confesso-lhe que emquanto elle aqui estiver!

SIMPLICIO.

Não receies... por um momento que estou so contigo... (*quer abraçá-la.*)

SCENA XVII.

DITOS E D. LUCIA.

D. LUCIA, do fundo.

Meu primo... senhor Manuel-Simplicio?

SIMPLICIO, á parte.

Agora é a prima... Que diabo de parentella!

D. LUCIA.

Tu aqui, Candida?

SIMPLICIO.

Vamos, priminha, que quer?

D. LUCIA.

É que seu sobrinho, andava eu a passear no jardim... e... elle viu-me da janella...

SIMPLICIO.
Imprudente! Para que sabiu? Tinha-me promettido de não sahir... (ouvindo bulha) Ahi vou, ahi vou depressa. Temos ainda outra historia que arranjar.

D. LUCIA.

Com tanto que elle me não seguisse...

SIMPLICIO.

Andem, entrem ambas para aquelle quarto, e não me saiam d'alli.

D. LUCIA.

Veja se nos deixa fechadas até ámanhan.

SIMPLICIO.

Vamos, que eu as avisarei quando elle tiver partido. Tomem sentido; quando ésta campainha tocar, que é o signal... Malditto sobrinho! não o tórno a largar enquanto o não vir acavallo. (vai-se.)

SCENA XVIII.

D. CANDIDA. O que? Pois tu...
 D. LUCIA. Decerto...
 D. CANDIDA. Ora! Pois não...
 D. LUCIA. Ora! Pois não...
 D. CANDIDA. Ora! Pois não...

D. CANDIDA. Ora! Pois não...
 D. LUCIA. Ora! Pois não...
 D. CANDIDA. Ora! Pois não...

D. CANDIDA. Ora! Pois não...
 D. LUCIA. Ora! Pois não...
 D. CANDIDA. Ora! Pois não...

D. CANDIDA. Ora! Pois não...
 D. LUCIA. Ora! Pois não...
 D. CANDIDA. Ora! Pois não...

D. CANDIDA. Ora! Pois não...
 D. LUCIA. Ora! Pois não...
 D. CANDIDA. Ora! Pois não...

D. CANDIDA. Ora! Pois não...
 D. LUCIA. Ora! Pois não...
 D. CANDIDA. Ora! Pois não...

D. CANDIDA. Ora! Pois não...
 D. LUCIA. Ora! Pois não...
 D. CANDIDA. Ora! Pois não...

D. CANDIDA. Ora! Pois não...
 D. LUCIA. Ora! Pois não...
 D. CANDIDA. Ora! Pois não...

D. CANDIDA. Ora! Pois não...
 D. LUCIA. Ora! Pois não...
 D. CANDIDA. Ora! Pois não...

D. CANDIDA. Ora! Pois não...
 D. LUCIA. Ora! Pois não...
 D. CANDIDA. Ora! Pois não...

D. CANDIDA. Ora! Pois não...
 D. LUCIA. Ora! Pois não...
 D. CANDIDA. Ora! Pois não...

D. LUCIA.

Porquê? Talvez isso fizesse com que elle ficasse... E sabes que mais?... olha, fallando a verdade, este é um dos dois que se me não dava...

D. CANDIDA.

O quê? pois tu... Dar-se-ha caso que tu?..

D. LUCIA.

Decerto... E elle... pareceu-me ler-lhe nos olhos... quando dançavamos ambos... Atteante! Eu ca me intendo.

D. CANDIDA.

Talvez te inganes...

D. LUCIA.

Sim, bem sei o que queres dizer, que tambem a ti te fazia a côrte... Póde ser, não digo que não. Homens! É sabido. Mas eu bem vi que elle dançava contigo por tu seres minha prima, nada mais. De sorte que, bem sei que para ti, Candida, que elle fique que não fique, é a mesma coisa, porque ja estás casada. Agora eu... se elle aqui se demorasse algum tempo... Quem sabe!.. tèm-se visto coisas mais extraordinarias.

D. CANDIDA.

Deixa-te d'isso, Lucia... não penses em tal.

D. LUCIA.

Mas porquê?

D. CANDIDA.

Porque te cançavas de balde... Este rapaz não te faz conta.

D. LUCIA.

Se eu já te disse que me fazia conta...

D. CANDIDA.

Lembra-te que elle que se vai embora... que d'aqui a uma hora estara muito longe d'aqui... e é provavel que nunca mais o vejas...

D. LUCIA, vendo Luiz.

Nada, não! Olha, elleahi vem.

D. CANDIDA.

Ah!

SCENA XIX.

DITTAS E LUIZ.

LUIZ, a D. Candida.

Que vejo! Ah! tinham-me inganado ambas.

D. LUCIA.

Onde está o senhor Manuel-Simplicio?

LUIZ.

Não tenha receio, fechei-o á chave no meu quarto..

D. LUCIA, rindo.

Ah! ah! ah! Tocou-lhe a sua vez de ficar prèso.

D. CANDIDA.

Anda, Lucia, vamo'-nos embora... Vamos já, vamos...

LUIZ, segurando-a.

Não, não me escapa segunda vez, desingane-se... Cuidava ir encontrá-la em Lisboa, e venho achá-la aqui. Que mysterio é este? É preciso explicar-m'o, senhora D. Candida.

D. CANDIDA.

Explicar-lhe o quê?

LUIZ.

Heide sabê-lo, quero sabê-lo.

D. LUCIA.

Paraque é mau! que tem o senhor com isso? faz favor de me dizer.

D. CANDIDA.

Lucia, faze-me o favor de ir soltar o senhor Simplicio. Eu não devo consentir que...

D. LUCIA. Não inste mais...
Tens medo que elle se abhorreça de estar fe-
chado?

LUIZ.

Sim, minha senhora, vá... vá por caridade
soltar o meu pobre tio... Eu não me atrevo a
fazê-lo... Hade estar n'um accessó de cholera
contra mim!

D. LUCIA.

Como ambos querem, lá vou.

LUIZ.

Va... (*á parte*) que a chave está aqui.

D. LUCIA, *á parte*.

Ai, ai! parece-me que o que elles querem é
ficar sos... (*alto*) Eu vou, eu vou. (*sai*)

SCENA XX.

LUIZ.

LUIZ, D. CANDIDA.

D. CANDIDA.

LUIZ.

Estamos sos... agora explique-me, responde-me.

D. CANDIDA.

E se me fosse impossivel fazê-lo? Por quem é,

não inste mais... Por bem do meu socêgo lhe peço que não inste... que não pergunte nada a ninguém... e que não procure mais ver-me...

LUIZ.

« Não tornar a vê-la !.. Porquê ? Dúvida da minha ternura... do meu amor ? Socegue: os seus parentes conhecem decerto meu tio, e em eu lhe contando tudo... em elle sabendo do nosso amor... de...

D. CANDIDA, vivamente.

Ah ! que diz ? Quer-me deitar a perder ?

LUIZ.

Perder !

D. CANDIDA.

Por quem é não falle em tal a seu tio... que tanto o estima... e que tammanha affeição me tem...

LUIZ.

A quem ? A ti, Candida ? como ? porque titulo ?

D. CANDIDA.

Que lhe importa?... a minha sorte depende d'elle... E elle tam sincero, tam generoso ! Ah ! que não saiba elle nunca... Eu morria, morria decerto,

LUIZ.

Que oiço! Então que é isto? Pois meu tio?...
Que lhe vem elle a ser, meu tio Simplicio?
Diga.

D. CANDIDA.

Não m'o pergunte, trema de o saber... Luiz...
Em nome do ceo, se me tem ainda algum amor,
parta ja... não o devo tornar a ver... Seja esta
a última vez.

LUIZ.

A última vez!

D. CANDIDA.

Assim é preciso. Adeus... adeus! (*sai pela
esquérda.*)

SCENA XXI.

LUIZ *so.*

Fugiu... Que será isto? Ella depende de meu
tio... meu tio é... Oh sancto Deus! e este receio
de o affligir... Não ha dúvida, é sua filha; não
póde ser outra coisa.

SCENA XXII.

LUIZ, SIMÕES.

SIMÕES, entrando pelo fundo, como quem procura
alguem.

Oh meu Deus! É o sobrinho... safa....

LUIZ, segurando-o.

Espere, senhor doutor, foi o ceo que o trouxe
aqui.

SIMÕES.

Não, meu senhor, foi a hora do jantar. Mas
aonde está seu tio? Tenho-o procurado por toda
a parte...

LUIZ.
O senhor doutor tem relações com meu tio ha
muito tempo?

SIMÕES.

Ha mais de dez annos, meu senhor.

LUIZ.

Está bem: ninguem póde servir-me melhor.
Eu espero que me não recusará um favor que
lhe vou pedir.

SIMÕES.
Está doente? Talvez a mudança de ar... vejamos o pulso.

LUIZ.
Não, doutor, por ora não; depois veremos. Não pôde ser, não perca a esperança; mas agora o que eu lhe peço é que se impenhe com meu tio para...

SIMÕES.
Senhor Luiz de Mello, eu tenho por princípio de me não intrometer...

LUIZ.
Ja m'o disse... Mas tracta-se de uma coisa tam simples... tam natural... Eu sei tudo, doutor, sei a razão porque meu tio se casou. É eu que o crimina por isso, agora acho que fez o que devia... Fez bem, fez muito bem: comtudo a sua culpa para commigo sempre é a mesma; e não ha senão um meio de a reparar.

SIMÕES.
Qual é esse meio?

LUIZ.
Dar-me sua filha em casamento.

SIMÕES.

E ésta !.. Que é o que diz?

LUIZ.

Bem, bem, meu doutor ! guarde o seu segredo, ninguém lh'o pergunta... O que se quer é que falle a meu tio por mim, e lhe peça a mão de sua filha.

SIMÕES.

De sua filha ? Qual filha ?

LUIZ.

Porquê ? Quantas tem elle ?

SIMÕES.

Quantas ! Eu realmente não sei aonde estou.

LUIZ.

Não vou eu mesmo fazê-lo ja, porque não tenho ânimo de ir lançar no rosto a meu tio uma falta, ou uma fraqueza de outro tempo... Não quero que elle core deante de seu sobrinho... O doutor é outra coisa... um amigo velho...

SIMÕES.

Como ! Pois está certo de que elle tem uma filha ? (*á parte*) O caso não é impossivel.

LUIZ.

Diga-lhe que assim fica tudo arranjado... tudo

se remedeia. Os seus deveres para com ella, e as promessas que tantas vezes me fez...

SIMÕES.

E vossa senhoria pertende estabelecer-se... ficar morando n'estes sitios?

LUIZ.

Tenho essas tenções, não ha dúvida.

SIMÕES, áparte.

Bem... mais uma casa... um partido certo...

LUIZ.

Incarregue-se de a pedir, que eu arranjarei o resto.

SIMÕES.

E que dirá madame Simplicio?..

SCENA XXIII.

DITTO, SIMPLICIO, de fóra.

SIMPLICIO.

Malditto sobrinho! nunca, nunca lh'o heide perdoar.

LUIZ.

Ouve-o? elle ahi vem contra mim. (áparte) Alguem o soltou. (alto) Meu doutor, ahi lh'o deixo.

se remedeia. Os senhores esperem para com ella, e

Esperem... ouça... as promessas que tantas vezes

LUIZ, correndo.

Nada... nada... safo-me.

modo n'estes sitios, e de hi meo, e de

SCENA XXIV.

Tenho essas lençoes, não ha dúvida

SIMÕES, SIMPLICIO, D. THEREZA.

Bem... mais uma vez... partido

SIMÕES.

O rapaz tem um fogo!.. E eu que nada sabia!..

Não se fiaram de mim.

SIMPLICIO, entrando, da esquerda, seguido

de D. Thereza.

Aonde está elle? aonde está? Não está aqui?

D. THEREZA.

Fechar seu tio á chave! Ainda bem que eu

tinha outra.

SIMPLICIO.

Terá elle partido sem esperar a reprehensão?

SIMÕES.

Nada, não partiu; agora sai elle d'aqui.

SIMPLICIO.

Sahi agora d'aqui? Fallou-lhe, doutor?

sobrinho rogou-me que lhe pedisse para elle a
mão de sua filha.

D. THEREZA.

Sua filha!.. Ahi está, ahi está o que eu re-
ceiava.

SIMPLICIO.

Minha filha! Quem julga elle então que é
minha filha?

D. THEREZA.

Uma filha! Meu Deus, que indignidade, que
infamia!.. Vejam que fortuna espera a minha
pobre Candida.

SIMPLICIO.

Ora, senhor doutor, sabe que a graça que me
não vai agradando?..

SIMÕES.

O quê?.. pois a senhora não sabia?..

D. THEREZA.

Não, doutor, enganou-me!.. enganou minha
filha... Isto... isto é o cúmulo do desafôro.

SIMÕES.

Ah! senhor Manuel-Simplicio, senhor Manuel-
Simplicio!

SIMPLICIO.

Tambem o doutor! Então hoje anda o diabo á sôlta contra mim!

SIMÕES.

Accredite, minha senhora, que eu ignorava absolutamente... aliás nunca teria coadjuvado...

D. THEREZA.

Pobre Candida... victima desgraçada!

SIMPLICIO, ironicamente.

Desgraçada!

D. THEREZA.

Ha muito que eu desconfiava quem o senhor Simplicio era! Mas creia que o caso não fica assim. Ha leis n'esta terra, ha tribunaes...

SIMPLICIO.

Sim, bella mamam?

D. THEREZA.

Calle-se, seductor!...

SIMPLICIO.

Sabe, senhora sogra, que me vai fugindo a paciencia?

SIMÕES.

A fallar a verdade, senhor Simplicio, o seu procedimento... é...

sobrinho rogou-me SIMPLICIO. disse para elle a
 Va para o diabo, senhor doutor. Também o modesto

D. THEREZA. ! mim contra mim!

O senhor é um velho libertino! e que eu sup
 Acredite, minha. SIMPLICIO. que eu ignorava

.. Ela, senhora é uma velha tonta! absolutamente

Minha filha! D. THEREZA. elle não é
 Accuda-me, doutor. Ai! que tenho o meu ataque
 de nervos. *(O doutor vai a sair.)*

Uma filha! Meu Deus, que indelicadeza
 infamia!.. Veja SCENA XXV.

ILUSTROS E LUIZ, entrando quando o doutor vai
 DITTO E LUIZ, entrando quando o doutor vai

Ora, de ha pouco, ha de ha pouco, ha de ha pouco
 não vai agradando? LUIZ.

Então, doutor?

SENHORA.
 Meu caro, falle por si, que eu não costume
 intrometter-me... Até logo. *(sai pela esquerda.)*

SIMPLICIO.

Meu sobrinho! Senhora, peço-lhe que
 se modere deante d'elle.

LUIZ.

Meu tio, o doutor não lhe fallou?

SIMPLICIO.

Fallou, sim senhor. E com as suas graças foi vossa mercê causa de eu... de eu ter um desgosto muito grande em minha casa... É verdade: pois vais dizer a esse medico fallador que eu tinha uma filha, para elle m'a vir pedir para casar, deante da senhora, d'esta querida mulher... que por um pouco se não incholerizou...

LUIZ.

Talvez eu devesse primeiro dirigir-me á senhora.

D. THEREZA.

A mim!

LUIZ.

Sem dúvida, pois não é sua mãe?

D. THEREZA, não se podendo conter.

Justo céo! Veja, senhor, veja ao que me expõe.

SIMPLICIO.

Eu indoidêço! palavra de honra.

LUIZ.

Julga talvez que o meu amor é um caprixo, um d'estes namoricos?... Não, meu tio, essa joven senhora de quem lhe fallava ésta manhan, que lhe disse que tinha incontrado nas Caldas...

D. THEREZA.

Nas Caldas?

LUIZ.

Sim, meu tio; e não sei porque ella me disse que ia para Lisboa. Julgue qual seria o meu gôsto encontrando-a aqui n'esta casa. Ignorava que fosse sua filha: ella é que ha pouco m'o deu a intender, apezar do terror que lhe inspirou o meu titulo de sobrinho... porque estou certo que a haviam de prevenir...

SIMPLICIO.

É verdade, é verdade.

D. THEREZA, áparte.

Será minha sobrinha?

LUIZ.

Parece-me que o tio tinha passado palavra a todos, mesmo a sua prima que eu igualmente aqui vi, e que é muito galante tambem. Lá nas Caldas fiz a côrte a ambas, a fallar a verdade, mas...

SIMPLICIO.

Ah! tu fazias a côrte a ambas?

LUIZ.

Mas uma so é que amo devéras; e parece-me

que agora nada obsta á satisfação dos meus desejos.

SIMPLICIO.

Sim, sim, quando voltares da tua viagem, veremos.

LUIZ.

Não, meu tio, quero agora mesmo uma resposta decisiva!

SIMPLICIO.

Eu sei, meu Luiz! falla com tua tia.

D. THEREZA.

Primeiro que tudo parece que deveríamos consultar...

LUIZ.

Sua filha? É justo... comtudo eu preferiria... É talvez uma criancisse... mas não fazem idea do terror em que ella ficou quando lhe fallei em a pedir a meu tio.

D. THEREZA, á parte.

Meu Deus! se eu me enganaria... se Candida?..

SIMPLICIO, á parte.

É singular! Não sei por que razão Lucia...

LUIZ.

Talvez que o tio seja muito severo de mais

com ella. Eu supponho que a tyranniza o seu tanto. A prôva d'isso é que nas Caldas fugia de mim ao principio, não me queria ouvir, evitava-me...

D. THEREZA.

Ao principio? E depois?

LUIZ.

Depois um amor violento e sincero como o meu... bem sabe...

D. THEREZA, á parte.

Estou em âncias.

SIMPLICIO, reflectindo.

Na verdade custa-me a acreditar.

D. THEREZA.

O que acaba de dizer resolveu-me... Eu não dou o meu consentimento.

SIMPLICIO, á parte.

Ella recusa!

LUIZ.

Pois bem, senhora; a minha felicidade e a sua talvez dependam do seu consentimento, porque ella... ama-me e... tenbo prôvas d'isso.

SIMPLICIO.

Tu via'-la todos os dias, ias a sua casa?

LUIZ, (parte.)

Não... Ao princípio, já lhe disse, fugia de mim, não me queria apparecer: rigor que mais me apaixonava... até que emfim...

SIMPLICIO. Espere, senhor! Já não é tempo.

Emfim?..

LUIZ.

Uma noite... n'um baile alcancei uma confissão...

D. THEREZA, (parte.) O seu nome

Como heide eu interromper esta conversação malditta?

SIMPLICIO.

Mais uma palavra... Tu não nós disseste qual das duas primas...

D. THEREZA. procedimento

Basta, senhor; esta conversa afflige-o... Não está bom, está...

SIMPLICIO. D. THEREZA, (parte.) Ora

Não é nada... deixe-me...

LUIZ.

Comefeito, meu tio, está alterado!

SIMPLICIO!

Vamos, tu deves saber os nomes: responde-me.

D. THEREZA.

Está pallido! Eu vou chamar alguém. *(corre á campainha e toca com muita força.)*

SIMPLICIO.

Espere, senhora. *(áparte)* Ja não é tempo, ellas ahí véem.

LUIZ, áparte.

Como elle está fóra de si!

SIMPLICIO.

O seu nome... o seu nome?... dize-m'o.

LUIZ.

Mas que é isto, meu tio, que tem?

SIMPLICIO.

O seu nome? pergunto-te o seu nome. *(N'este momento D. Thereza e D. Candida apparecem no fundo.)*

SCENA XXVI.

DITTO, D. LUCIA, D. CANDIDA.

D. THEREZA.

Venha cá, senhora.

D. LUCIA.

Aqui estou... quer-me alguma coisa?

D. CANDIDA, áparte.

Ainda elle aqui está?

D. LUCIA.

Como a tia está zangada!

D. THEREZA.

E tenho razão para isso, senhora... mas é inutil recordar coisas que...

SIMPLICIO.

Não é inutil, não é inutil: eu quero esclarecer este negócio.

D. THEREZA.

Ora, senhor!

SIMPLICIO.

Nada! Eu tenho as minhas razões... Lucia... responda-me: em nome de sua tia e no meu lhe pergunto qual foi o seu procedimento nas Caldas?

LUIZ, áparte.

Ora ésta! Elle ingana-se.

D. LUCIA.

O que eu fiz nas Caldas?... Dancei, não é assim, Candida?... passei...

D. CANDIDA, áparte.

Eu morro.

Mas, meu tio...

D. THEREZA.

Silencio, senhor, não a defenda.

D. LUCIA.

Defender-me ! de quê ?

SIMPLICIO.

Não se recorda de certo baile... de um passeio... de ?..

D. CANDIDA, á parte.

Meu Deus !

LUIZ, á parte, olhando para D. Cândida.

Que suspeita !

D. LUCIA.

Um passeio ? Lembras-te d'isso, Cândida ?

SIMPLICIO.

Nada de rodeios, senhora ; meu sobrinho contou-nos tudo.

D. CANDIDA, á parte.

Elle !

D. LUCIA.

Foi elle, o senhor que disse ? Eu não me atrevo a desmenti-lo ; mas ou eu me esqueci, ou... Cândida talvez se lembre melhor.

SIMPPLICIO.

Então, Candida... já que sua prima nada quer dizer, falle, recorde-se.

... D. THEREZA, á parte.

Isto é morrer...

SIMPPLICIO.

Não responde?

D. CANDIDA.

Senhor...!

D. LUCIA.

Avia-te, responde a teu marido.

LUIZ, estupefacto.

Seu marido! Meu Deus... que fui eu dizer!
(tomando resolução.)

D. THEREZA, que o percebe.

Ja era tempo.

LUIZ, á parte.

É preciso valer-lhe. (*alto*) Meu tio, para que está com esses interrogatorios? A senhora D. Cand... ella ignorava esta aventura, e quando a soubesse, é tam amiga de sua prima, não a quer accusar.

D. THEREZA.

Tem razão, diz muito bem.

LUIZ, a D. Lucia.

Quanto á senhora D. Lucia, peço-lhe que não dissimule por mais tempo a indiscrição que eu commetti de fallar dos nossos amores a meu tio...

D. LUCIA. ...

Sim? E ésta!

LUIZ. ...

O erro é imperdoavel, convenho; mas tome o meu conselho, o meu exemplo, imite a minha franqueza. (*baixo a D. Lucia*) Não me desminta, que eu caso.

D. LUCIA. ...

Não é possível!

LUIZ. ...

Sim, adorada Lucia, é preciso confessar tudo; so assim poderemos esperar que...

D. LUCIA, á parte.

Isto é um sonho.

SIMPLICIO, tornando a si e alegre.

Então pé verdade, Lucia, que meu sobrinho te fez a côrte, que tu lhe correspondeste nas Caldas?

D. LUCIA, esqueci, ou...

Ora, meu primo...

D. CANDIDA, á parte.

Ella confessa!...

SIMPLICIO.

Foste tu que n'aquelle baile passeaste com elle?

LUIZ, baixo.

Ánimo!

D. LUCIA.

Espere... parece-me que sim... Sim, agora me lembra.

SIMPLICIO.

Vejam lá a sanctinha!.. E como ella negava com uma serenidade!..

D. LUCIA.

No meu logar todas fariam o mesmo.

SIMPLICIO.

Sim, lá isso é verdade... E tu, Candida, minha querida, perdoas-me?

D. CANDIDA.

O quê?

SIMPLICIO.

Nada, nada. (á parte) É o mesmo; mas antes quero que Lucia seja a mulher de meu sobrinho do que a minha...

D. THEREZA.

Ah! até que enfim respiro...

SCENA XXVII.

DITTO E SIMÕES.

SIMÕES.

Meus senhores, venho dizer-lhes que o jantar está na mesa...

SIMPLICIO.

Venha cá, doutor, ha casamentos por aqui: venha.

SIMÕES.

Sim! Então arranjou-se tudo?..

SIMPLICIO.

Meu sobrinho casa com a priminha...

SIMÕES.

Ah! appósto que essa era a tal filha que elle cuidava?

SIMPLICIO.

Pobre Luiz, deves de estar muito contra mim.

LUIZ.

Meu tio, accredita que eu penso em tal! E então agora! tam feliz, tam...

SIMPÍCIO.

Sim, ha de sê-lo: e para começar a tua fortuna dou-te vinte contos de réis.

LUIZ (E D. LUCIA) a preço a D.

Meu tio! (a D. Candida) a dar o preço a D. Candida

e vai offerer. LUCIA. SIMPÍCIO.

E se quere[m] ficar comnosco, ésta casa é grande, os jardins tambem... (a D. Candida) Não é assim querida? Aqui podem passeiar sos... á noite... para se lembrarem...

D. CANDIDA, para outro lado. LUIZ.

Não, meu tio: eu volto para Lisboa com minha mulher... sempre preferi a capital.

D. LUCIA. Vamos jantar.

Decerto! nós preferimos a capital.

SIMÕES, áparte. Vamos!

Ah que se eu tal soubesse! É uma casa de menos.

SIMPÍCIO.

Então, meu amigo, não te arrependes? Estás contente?

LUIZ.

Sim, meu tio, e muito. (áparte) Era minha tia!



SIMÕES:

- Como todos estão contentes, vamos jantar.

SIMPLICIO:

Dá o braço a tua tia, rapaz.

LUIZ, indo a dar o braço a D. Candida, pára,
e vai offercê-lo a D. Lucia.

- Meu tio!.. não : agora começam as minhas
obrigações de marido.

... D. LUCIA, baixo, por um lado, a Luiz, assim

Muito bem !

D. CANDIDA, baixo, por outro lado.

Muito bem !

D. THEREZA, sempre a capital.

Vamos jantar.

Decreto ! nós preletos a capital.

Vamos !

Ah que se eu tal soubesse ! É uma casa de

menos
ah que sup' allis ist a res esse sup' obopa ! há
SIMPLICIO.

Então, meu amigo, não te arrependes ? Estas

contente ?
LUIZ.

Sim, meu tio, e muito. (báste) Era minha

lia !

FALLAR VERDADE A MENTIR.

FALLAR VERDADE A MENTIR.

COMPLETAMOS este quarto volume do theatro do Sr. Garrett com a graciosa composiçao, FALLAR VERDADE A MENTIR: é uma pequena comedia do bom, franco e jovial character antigo, mas nos costumes actuaes. A idea geral tambem é do repertorio francez, como a antecedente; mas a idea é o menos aqui, apesar de galante e ingehosa. O style, os modos, a phrase, o tom do dialogo, a verdade dos costumes são tudo. Este é um



Como todos estão contrates, vamos jantar.

Dá o braço a tua tia, rapaz.

Luz, não a dar o braço a D. Candida; para,

o vai oferecer a D. Lucia.

Meu tio!.. não: agora começam as minhas
obrigações de marido.

FALLAR VERDADE A MENTIR

D. CANDIDA, lido por outro lado.

Vamos jantar.

Vamos!



verdadeiro e *portuguezissimo* quadro de
 generos como se diz em que não ha cari-
 culas, mas tam naturaes e simplices que
 ninguém deixa de conhecer os originaes e
 de rit com elles. Os originaes porém são
 tipos genericos bem conhecidos, sem de ne-
 hum modo ser individuaes; são as feições
 de uma parte da sociedade, mas não as de
 nenhuma pessoa d'ella.
 Equamente foi composta esta peça para
 o theatro de Lisboa, e n'ella representada
 com muita acceitação e applauso.

DUARTE QUEDES.

O GENERAL LEMOS.

JOAQUINA.

COMPLETAMOS este quarto volume do thea-
 tro do Sr. Garrett com a graciosa composição,
 FALLAR VERDADE A MENTIR: é uma pequena
 comedia do bom, franco e jovial character
 antigo, mas nos costumes actuaes. A idea
 geral tambem é do repertorio francez, como
 a antecedente; mas a idea é o menos aqui,
 apezar de galante e engenhosa. O stylo, os
 modos, a phrase, o tom do dialogo, a ver-
 dade dos costumes são tudo. Este é um

verdadeiro e 'portuguezissimo' quadro de *genero*, como se diz, em que não ha caricatura, mas tam naturaes similhanças que ninguem deixa de conhecer os originaes e de rir com elles. Os originaes porêm são typos genericos bem conhecidos, sem de nenhum modo ser individuados; são as feições de uma parte da sociedade, mas não as de nenhuma pessoa d'ella.

Egualmente foi composta ésta peça para o theatro de Thalia, e n'elle representada com muita acceitação e applauso.

COMPLETAMOS este quarto volume do theatro de St. Gattett com a graciosa composiçõ, FALLAR VERDADE A MENTIR: é uma peduena comedia do bom, franco e jovial character antigo, mas nos costumes actuaes. A idea geral tambem é do repertorio francez, como a antecedente; mas a idea é o menos aqui, apenas de galante e ingenuosa. O stylo, os modos, a phrase, o tom do dialogo, a verdade dos costumes são tudo. Este é um

FALLAR VERDADE A MENTIR

COMEDIA

Representada, a primeira vez, em Lisboa, no theatro
de Thalia, pela sociedade particular do mesmo nome,
em sette d'Abril de

MDCCCXLV.

PESSOAS.

BRAZ-FERREIRA.

AMALIA.

DUARTE-GUEDES.

O GENERAL LEMOS.

JOAQUINA.

JOSÉ-FELIX.

UM LACAIO, UM CRIADO SEM LIBRÉ.

Logar da scena — Lisboa.

ACTO ÚNICO.

Sala de visitas elegante. Porta no fundo, e lateraes. À esquerda, mesa com escrivaninha etc.

SCENA I.**JOAQUINA, JOSÉ-FELIX.**

JOAQUINA.

Entre, senhor José-Felix, entre. Isto são umas madrugadas!.. Para uma pessoa como o senhor José-Felix, o criado particular de um fidalgo da côrte! Lá por fóra ainda mal são nove horas...

JOSÉ-FELIX.

Nove horas... e fidalgo da côrte!.. Recolha o seu espirito, senhora D. Joaquina. Meu amo é general, estamos de accôrdo; nove horas deram ha muito. Mas ca em Lisboa contam-se as horas

e os fidalgos por outro modo. Lá na provincia, minha querida Joaquina...

JOAQUINA.

Ai, como tu estás tolo! A provincia, a provincia... Ora isto! Saiba que eu que venho do Porto, senhor José-Felix, que é a segunda capital do reino, e a cidade eterna, como dizem os periodicos. Provincia será a sua terra de você, que hade ser a Lourinhan, ou a aldeia de Pai-pires, ou coisa que o valha. E então?..

JOSÉ-FELIX.

Basta, Joaquina, basta; recolhe o teu espirito, que ja aqui não está quem fallou. Sube inda agora que tinham chegado hontem á noite no vapor, que estavam aqui n'esta hospedaria, que é pegada quasi com a nossa casa; e vim logo, minha adorada Joaquina, reclamar o premio de onze mezes de eternas saudades.

JOAQUINA.

E você, vamos a saber, você tem sido constante, fiel?..

JOSÉ-FELIX.

Horrivelmente fiel! Maldição, Joaquina, maldição!..

JOAQUINA.

Que diz elle?..

JOSÉ-FELIX.

Se tu vens da!.. da provincia não. Não, Joaquina, tu não vens da provincia, vens da cidade eterna... Virás. Maldição eterna sobre quem o duvidar! Mas vens, vens d'onde ainda se não sabe a lingua das romanticas paixões, dos sentimentos copiados do nu da natureza como nós ca a temos na rua dos Condes, e nos folhetins das folhas públicas, que são o orgam da opinião incommensuravel dos seculos.

JOAQUINA.

Se te eu intendo...

JOSÉ-FELIX.

Ah! tu não intendes? Bem, Joaquina, bem. Nem eu: nem ninguem. Por isso mesmo, Joaquina. A moda é ésta. Deixa: em tu estando aqui oito dias, ficarás mais perfeita do que eu; porque a tua alma de mulher é feita para comprehender o meu coração de homem. E então, ves tu? Oh Joaquina, anjo, mulher, sópro, sylpho, demonio! eu amo-te! amo-te, porque...

JOAQUINA. Lá na provincia,
Cruzes!

JOSÉ-FELIX.

Não me interrompas, não me interrompas, deixa ir, Sylpho, anjo, sópro, mulher! amo-te porque o meu coração está em braza, e tenho umas veias, e éstas veias... teem umas arterias... e éstas arterias teem... não teem... as arterias não teem nada; mas batem, batem como os sinos que dobram pelo sinado na hora do passamento, que é morrer, morrer, morrer... oh Joaquina, morrer! E que é a morte? É a vida que cai nos abysmos estrepitosos da eternidade, que é, que é...

JOAQUINA.

Isso é comedia, ou tu estás a mangar commigo?

JOSÉ-FELIX.

Isto é o drama das paixões, que o sentimento, a verdade...

JOAQUINA.

Pois olha: tinha uma coisa muito séria que te dizer; mas como tu estás doido, adeus!

JOSÉ-FELIX.

A poesia da vida é ésta, Joaquina. Mas... mas

passemos á vil prosa dos interèsses materiaes do paiz, se é preciso. Va. Far-te-hei mais esse sacrificio. Que exiges tu de mim?

JOAQUINA.

Que deixes essas pateticas agora e oiças. Meu amo, o senhor Braz-Ferreira, que é um ricasso como tu sabes, um d'aquelles negociantes do Porto que teem dinheiro como milho, vem de proposito a Lisboa para casar a menina. É uma filha unica, e morre por mim, coitada! É um anjo! Prometteu-me que no dia que se assignassem as escripturas tinha eu o meu dote.

JOSÉ-FELIX.

Dote! Ceos! um dote... Oh Joaquina, pois tu tens um dote?... Não quero saber de quanto. Quem eu! Maldição sôbre mim!

JOAQUINA.

Cem moedas.

JOSÉ-FELIX.

Oh! seja o que for, que me importa? O amor, o amor verdadeiro não conta os pintos do objecto amado... Não... E é em dinheiro de contado, sonante, Joaquina?

JOAQUINA.
 — Sim senhor.

Melhor: porque bem ves, com a minha educação, um rapaz que emigrei, estive em Paris, e hoje sou criado particular de um general... habilitado para ser mordomo de um club dos de primeira ordem — a Galocha já eu recusei — bem ves, não podia formar uma alliança que me não dêsse os meios de sustentar a posição social em que me acho collocado. Mas tu tens dote; acabou-se. Recolho o meu espirito e estendo a minha mão.

JOAQUINA.
 Dote! Coes! um dote! Oh Joaquina, pois tu...
 Ai, José-Felix! mas o casamento de minha ama ainda não está feito.

JOSÉ-FELIX.

Pois que ha... que impedimentos?

JOAQUINA.

Não sei... quando vinhamos no vapor, parecume, vi que havia transtôrno. O pae e a filha tiveram suas coisas a esse respeito. E a menina anda triste, desassoçada. Estou certa que ha impedimento grande, ha obstaculos...

JOSÉ-FELIX.

Obstáculos! Não ha, não os póde haver. A minha paixão, a nossa felicidade, com moedas sonantes, mil pintos c'os diabos! absolutamente não póde deixar de ser, hade-se fazer este casamento, Joaquina... A honra, a delicadeza, tudo lhe ordena, senhora Joaquina, que va ja desinganar o papá. E se é preciso que eu tome parte na questão...

JOAQUINA.

O caso era saber a gente o que é, e onde a coisa péga... Mas espere; olha, ahí vem a senhora D. Amalia: deixa-te tu estar e... Mas não vas tu fazer falta em casa a teu amo.

JOSÉ-FELIX.

Meu amo! Toma. Tu estás muito atrazada, Joaquina. Meu amo é um cavalheiro, um general, uma pessoa da primeira sociedade, portanto costumado a fazer esperar os outros, e a esperar elle pelos seus criados, que é a regra. Além d'isso, eu tenho licença por todo o dia, que houve lá uma coisa em casa... A senhora chorou, o senhor ralhou. Eu te contarei n'outra occasião, que hade rir. O caso é que hoje tenho o dia

por meu. Ella ahí vem, a tua ama. Vem triste, coitada! Firme, Joaquina! Olha que a coisa é séria para ti, um dote e um marido!

SCENA II.

DITTO E AMALIA.

AMALIA.

Joaquina! Joaquina! ando á tua procura. O senhor Duarte ainda não veio?

JOAQUINA.

Não, minha senhora.

AMALIA.

Que homem é esse com quem tu estavas a fallar?

JOSÉ-FELIX.

Anda, apresenta-me como gente.

JOAQUINA.

Minha senhora, é aquelle rapaz de quem lhe eu dizia no Porto...

AMALIA.

Ah! ja sei: o senhor José-Felix. Tens bom gósto, Joaquina. O peor é que se vocês não tem

de casar senão quando o meu casamento se fizer; tenho muito medo que ainda esperem bem tempo.

Então porquê, minha senhora?

Ora! estou desesperada, transtornou-se tudo; meu pae quer quebrar com elle.

Com o senhor Duarte?

Sim: pois com quem?

Meu Deus! e as nossas cem moedas?

Não é possível: a mesma familia, a mesma riqueza, um casamento tam egual, tam acertado...

Seu pae não se hade atrever.

Nada, não! Veio a Lisboa — agora é que o eu sei bem — so para achar pretexto de o desmanchar.

Pois não o hade achar. O senhor Duarte é um rapaz como ha poucos. Juizo não lhe falta: suas

doidices... não é, é pancada da mocidade. Isso passa depressa. Bom coração, não o ha melhor. Quer a senhora saber? O mal que elle faz é por moda... todos assim são... e o bem que elle faz, que é muito, esse, minha senhora, não é moda que pegue.

AMALIA.

Pois sim; mas ja que fallámos nos seus defeitos, sempre te digo que elle que tem um, que se meu pae o vem a descobrir... Tenho-lh'o incuberto até agora, mas se elle o chega a conhecer, acabou-se, nunca mais lhe perdoa. Meu pae é um negociante dos antigos, que leva a honra e probidade, a lisura e a verdade no tracto, a um ponto de severidade que é quasi rudeza... e Duarte é muito bom rapaz, não ha dúvida; mas não sei se é distracção se é doidice, tomou o costume de nunca dizer uma palavra que seja verdade.

JOSÉ-FELIX.

Percebo: tem viajado muito...

JOAQUINA.

Não, mas é morgado, e de raça quasi castelhana...

JOSÉ-FELIX.
 Intendo, intendo: échelas usted mas blandas.

JOAQUINA.
 E de mais a mais, ha seis mezes que está em Lisboa...

JOSÉ-FELIX.
 Onde todos os talentos se apperfeiçoam.

AMALIA.
 Emfim, meu pae declarou que á primeira mentira bem clara, bem provada em que o apanhasse, tudo estava acabado.

JOSÉ-FELIX.
 Ora adeus! O senhor seu pae comeffeito... elle ainda é parente, bem se ve, hade ter sua costella hespanhola... O seu projecto é outra hespanholada tambem... Querer impedir que um rapaz do tom, da moda pregue a sua peta!.. isso é mais do que formar castellos em Hespanha, é querer metter o Rocio pela Bitesga.

AMALIA.
 Meu pae é que o não intende assim: e eu não sei como heide avisar a Duarte.

JOAQUINA.
 Vou eu pôr-me á espera d'elle. Não tarda a

vir por ahí; e antes que entre e que falle com seu pae, heide avisá-lo que tome conta em si, e que não dê notícias senão as que forem officiaes... a ser possível.

AMALIA.

Calla-te : oiço fallar no quarto de meu pae ; é a voz de Duarte.

JOAQUINA.

É que entrou pela outra escada.

AMALIA.

Está tudo perdido ! Se elle fallou com meu pae... appósto que ja... Nunca vi : é que não póde, mente por hábito e sem saber o que faz.

JOAQUINA.

Então agora o que se podia... o que era de mestre, era fazer que o senhor Braz-Ferreira o não conhecesse. Por fim de contas, a nós que nos importa que elle minta, comtanto que seu pae o não perceba ?

JOSÉ-FELIX.

Ella tem razão, a Joaquina. E é mais facil isso. Se a senhora D. Amalia se confia em mim, e me auctoriza...

AMALIA.
 Oh meu Deus! Se vocês incobrem aquelle defeito a meu pae, fico-lhes n'uma obrigação... Depois em nós casando, eu o emendarei. Que se não fosse isso...

JOSÉ-FELIX.
 Está claro, minha senhora. Mas agora é preciso que o senhor Duarte me não veja. Eu é que se pudesse ouvi-lo, e fazer assim idea do seu modo...

JOAQUINA, apontando para uma alcova, á direita.
 Ora!.. aquella alcova... e tem uma porta que dá direita na escada... Elles ahi véem: entra depressa, esconde-te.

SCENA III.

**JOAQUINA, AMALIA, BRAZ-FERREIRA,
 DUARTE.**

BRAZ-FERREIRA.
 Agora essa é demais!.. Cem mil cruzados de renda!

DUARTE.
 Pois é tal e qual como lh'o digo... uma se-

nhora brasileira — marquezia, que é o menos que lá ha; a marquezia de Paraguassu. Ingenhos de assucar a moer, trezentos e seis; pretos... entre pretos, mulatos, cabras e cabritos, é uma conta que mette medo; sem fallar em cajús, bananas, farinha de pau, papagaios e periquitos, que isso anda a rôdo pela casa — pois a mesma em pessoa é que me pediu, a mim.

BRAZ-FERREIRA.

Uma marquezia devéras!

DUARTE.

Marquezia devéras. E eu recusei: escuso de dizer porquê... *(olhando para Amalia.)*

BRAZ-FERREIRA.

E que caminho levou essa fidalga? Tomára vê-la.

DUARTE.

Vê-la, coitada! Apenas lhe dei o fatal desingano, sahiu d'aqui no primeiro navio para Pernambuco, de Pernambuco á Bahia, da Bahia para Nitheroy, de Nitheroy — que desgraça! — passava para o Rio-de-Janciro n'aquelle vapor que arreventou... morreu escaldada a pobre da marquezia.

BRAZ-FERREIRA.

Que pena!

JOAQUINA, á parte.

Que fortuna!

BRAZ-FERREIRA.

Se ella vivesse, queria saber...

JOAQUINA, á parte.

Por isso Deus a levou: inda bem!

BRAZ-FERREIRA.

Sempre lhe acontecem coisas a este rapaz!

DUARTE.

Inda isto não é nada. — Mas deixa-me fallar com ésta querida Amalia. Que gôsto que eu tenho de a tornar a ver! Mas chegou hontem, e não me manda dizer nada! Se eu tal soubesse, não tinha ido a S. Carlos, onde me succedeu, comtudo, uma aventura, á sabida do theatro... Queriam roubar ésta prima dona que chegou ha pouco... roubá-la... levá-la a ella n'uma sege... Accudo eu, duas bengalladas no bolieiro, deito a mão ao cavallo das varas, o da bolea espanta-se, quebra os tirantes, foge... os miliantes fogem tambem e... Mas que é isso, que tem? Que tristeza é essa? Então não sabe que seu

paes consente enfim em nos unir hoje? hoje mesmo!..

É possível!

DUARTE.

Sim, deu-me a sua palavra que está noite, depois de jantar, se assignavam as escripturas; mas com uma condição somente que me não quiz dizer qual era. Disse-lh'a, não disse?

AMALIA.

Disse, Duarte, disse; e bem medo tenho que ja não esteja no seu poder cumpri-la.

BRAZ-FERREIRA.

Pelo menos hade-lhe custar, me parece! Mas quero ser justo, e não heide condemnar sem provas. Por desgraça estou bem persuadido que te não hasde ver afflicto por me dar quantas eu queira d'aqui até á noite.

DUARTE.

O que a mim me parece é que no Porto deram em fallar por enigmas, porque eu não intendo nada. Mas seja o que for: o que eu intendo bem é o amor que lhe tenho, Amalia, a affeição tam verdadeira que me inspirou, e que me per-

suado merecer-lhe tambem! Estou tam contente de a ver... Separados ha seis mezes!

Mas tu mora... **BRAZ-FERREIRA.** ... e entao... foi

in Queira Deus que tu tenhas aproveitado este tempo, que adquirisses amigos, boas relações, protectores. Nas tuas cartas nunca me fallavas no general Lemos, o melhor amigo de teu pae. Dar-se-ha caso que o não fosses visitar, ou que deixasses de frequentar uma casa que?..

quando... **DUARTE.** ... e ligo... ab... honras de capital... e ligo... ab...

Ao contrário, vou lá todos os dias. É a casa mais agradável de Lisboa: uma senhora extremamente amavel... O outro dia compuz eu uma modinha para ella... uma lettra que não ficou feia... hoje tinha ficado de lhe ir levar a musica.

JOAQUINA, a Amalia. ... Tu es direct...

Jesus! que medo que eu tenho! José-Felix, que está em casa do general, tinha-m'o ditto decerto, se fosse verdade.

... **DUARTE.** ... e ligo... ab... honras de capital... e ligo... ab...

O meu general, coitado! o meu sancto general Lemos tem-me obsequiado e tem-me feito serviços... interessou-se por mim de uma maneira... O caso é que hoje tenho eu á minha

disposição, para escolher, tres logares de primeira ordem, recebedor geral em Evora, Santarem...

BRAZ-FERREIRA.

Escolho eu : Santarem. E vamos ja, ja d'aqui sem demora a casa do general.

DUARTE.

Ora ! inda agora chegou, se póde dizer, e hade ir ja tractar de negocios ! Não senhor, cuidemos dos divertimentos primeiro. Quero eu fazer as honras da capital a ésta senhora. Ha hoje beneficio em S. Carlos, toca o Liszt : mandei-lhe tomar uma frisa. Depois vamos ao baile do club : temos quantos bilhetes quizerem ; eu sou director.

BRAZ-FERREIRA.

Tu es director, tu !

DUARTE.

É verdade : eleito por duzentos votos.

BRAZ-FERREIRA.

Duzentos votos ! pois quantos socios tem o club ?

DUARTE.

Duzentos e um. Não perdi senão um voto ; e mais foi ca por certa coisa que eu sei. — É ver-

dade, e como se arranjam n'este hotel? É o melhor de Lisboa. Os quartos não são grandes, não... Mas eu moro nos outros de cima, e então... foi egoismo da minha parte...

BRAZ-FERREIRA.

A fallar a verdade, eu gostava mais do Caes do Sodrê.

DUARTE.

Ora se eu tal soubesse, mandava arranjar um quarto da minha casa que é mesmo no fim da rua do Alecrim.

AMALIA.

A sua casa!

BRAZ-FERREIRA.

Pois tu tens uma casa em Lisboa?

DUARTE.

E que me não custou cara. Assignei por trezentos contos na Companhia-monstro, vendi, gabei dez por cento sem desimbolçar cinco réis... bagatella! trinta contos de réis: não sabía o que lhe havia de fazer, comprei aquella casa.

BRAZ-FERREIRA.

Com a breca! é fortuna.

Eu lhe digo: é que as aguas-luzidas tinham

DUARTE.
 Uma casa linda, nova: sahida por tres ruas
 — e tenho quasi tudo alugado: — tudo, inda
 assim! menos o segundo andar que é o melhor,
 e para onde podiam ir se eu soubesse. Mas em-
 fim, sempre era um segundo andar.

BRAZ-FERREIRA.

Que me importa! Os segundos andares em
 Lisboa é o mais habitavel das casas. Vou para
 lá morar eu para a tal casa.

DUARTE.

Que pena que eu tenho! Se tal adivinhasse,
 não a tinha vendido hontem.

BRAZ-FERREIRA.

Pois ja a vendeste?

DUARTE.

É verdade, trinta e tres contos: e inda ga-
 nhei... uma bagatella é certo, mas sempre é
 melhor que perder! E havia seus concertos, suas
 despezas que fazer!

BRAZ-FERREIRA.

Concertos n'uma casa nova?

DUARTE.

Eu lhe digo: é que as aguas-furtadas tinham

sido feitas de empreitada, e bem sabe... Emfim vendi e não fiz mal. Trinta e tres contos é mais certo, e não paga impostos e tal...

BRAZ-FERREIRA.

E o comprador é pessoa segura?

DUARTE.

Oh! segurissima. Um homem de uma fortuna immensa, um negociante retirado, Thomaz José-Marques... hade conhecer...

BRAZ-FERREIRA.

Não conheço: admira-me.

DUARTE.

Tem estado quasi sempre no Brasil e em Inglaterra, veio-se estabelecer aqui agora. Compra tudo quanto apparece em bens de raiz. Ésta manhan ficou elle de me trazer aqui o dinheiro. Não me dá cuidado nenhum.

JOAQUINA, á parte.

Nem a mim.

AMALIA, baixo a Joaquina.

Ai, Joaquina, que ésta parece-me que é...

JOAQUINA, baixo a Amalia.

Tambem a mim.

SCENA IV.

DITTOS E UM CRIADO DA HOSPEDARIA.

CRIADO, trazendo uma carta.

Para o senhor Braz-Ferreira, do Porto.

BRAZ-FERREIRA.

Sou eu: dá ca. (*abre*) Ah! é para o tal pagamento. (*O criado sai.*) Vejamos as minhas contas: quanto tenho eu em dinheiro?.. Dá-me licença, Duar-te; tenho uns papeis que arranjar. Conversa com minha filha. (*tira a sua carteira, e vai sentar-se á esquerda.*)

AMALIA, baixo a Duarte.

Não se emenda, está visto.

DUARTE.

De a adorar? não decerto.

AMALIA.

Não é d'isso, é do seu malditto vício que nos deita a perder: meu pae jurou que desfazia o nosso casamento se d'aqui até á noite o apanhasse n'uma mentira.

DUARTE.

Oh meu Deus, o que fiz eu!

AMALIA.

Pois que é, Duarte? Tudo quanto tem estado a dizer?..

DUARTE.

É verdade no fundo; accredite: agora os detalhes... os pormenores... eu não sei como isto é... não é com má tenção... mas a maior parte das vezes, as coisas contadas taes quaes como ellas são... ficam d'uma sensaboria tal...

AMALIA, com ironia.

Que não póde resistir ao desejo de as infeitar, e de mostrar a riqueza da sua imaginação.

DUARTE.

Não tórno mais. Juro-lhe que nunca mais.

AMALIA.

Calle-se, que póde ouvir meu pae.

DUARTE.

Não me importa, não tenho medo: estou emendado e para sempre. Amalia, prometto, heide ser o modêlo dos maridos, leal, sincero, verdadeiro, sempre...

AMALIA.

Sempre! Se meu pae ouvisse essa palavra, desfazia logo o nosso casamento.

DUARTE.

Amalia, isso tambem é demais!..

BRAZ-FERREIRA, chegando com um papel.

Não tenho dinheiro que chegue. E eu sem me lembrar! Duarte, hasde-me fazer um favor.

DUARTE.

Qual? Estou prompto.

BRAZ-FERREIRA.

Uma lettra de tres contos de réis para des-
contar.

DUARTE.

Em bem má occasião, co'a fortuna! não tenho
um pinto.

BRAZ-FERREIRA.

Não tens!.. e aquelle dinheiro?

DUARTE.

Qual dinheiro?

BRAZ-FERREIRA.

O da tua casa.

DUARTE.

Da minha casa?.. Ah sim, é verdade. É que
actualmente...

BRAZ-FERREIRA.

Ja dispeste d'elle?

DUARTE.

Não, não, isto é, decerto modo já; mas propriamente...

AMALIA, baixo a Duarte.

Ve o que é mentir.

DUARTE.

Em summa, porque lhe não heide dizer francamente o que é, meu tio?.. Eu tinha minhas dívidas...

AMALIA.

Outra, Duarte?

DUARTE.

Não, ésta não; é verdade purissima. Um rapaz não póde viver sem isso. Ora succedeu, por uma coincidencia exquisita, que o comprador da minha casa, o tal senhor José-Marques...

BRAZ-FERREIRA.

Inda agora disseste Thomaz...

DUARTE.

Thomaz José-Marques, um fino agiota da gemma...

BRAZ-FERREIRA.

Tinhas-me ditto um negociante...

Que historia será ésta?

DUARTE.

Negociante, porque negocia em papeis e descontos por atacado, e faz usura em grosso. Emfim, o meu honradissimo homem, que ja é commendador e sai conselheiro um dia d'estes, era o que me tinha imprestado o dinheiro. De sorte que na compra da casa, feitas bem as contas...

BRAZ-FERREIRA.

E tu devias ao comprador?

DUARTE.

Uns dez a dôze contos de réis.

BRAZ-FERREIRA.

Então vendeste por trinta e tres; tem de te dar ainda de tornas vinte e um contos.

DUARTE, atrapalhado.

Vinte contos de réis... É o que lhe eu dizia!!
(áparte) Como heide eu saber d'esta?

BRAZ-FERREIRA, olhando para elle.

Dar-se-ha caso que tu me pregasses uma das tuas?... que tal comprador não exista?..

Da minha casa?... Ah sim, é verdade. É quem...
BRAZ-FERREIRA.

Tinhas-me dillo um negociante...
Ja disposteste d'elle?

SCENA V.

DITTO, JOSÉ-FELIX *disfarçado em negociante*
velho, JOAQUINA.

JOAQUINA.

O senhor Thomaz-José Marques.

DUARTE, *pasmado*.

O senhor !..

BRAZ-FERREIRA, *idem*.

Como ?

JOSÉ-FELIX, *a Duarte*.

Peço-lhe desculpa, meu caro senhor Duarte, de o perseguir assim pelas casas alheias ; mas a obrigação, como lá dizem, está primeiro que a devoção. E aqui, parece-me que todos parentes os senhores, não quer dizer nada... O senhor seu pae, creio eu?.. E éstas senhoras, suas manas ? Tenho a honra de as cumprimentar. Custa-me vir importuná-lo... mas são duas palavras, e ja me retiro.

DUARTE, *á parte*.

Que historia será ésta ?

AMALIA.

Estes senhores querem tractar dos seus negocios... Meu pae dá licença, eu retiro-me.

DUARTE.

Paraquê?.. Eu por mim, não tenho segredos nenhuns...

JOSÉ-FELIX.

A fallar a verdade, para uma senhora não é divertido ouvir tractar de titulos, registos, termos de posse, escripturas... ainda se fóssem de casamento — va, tem a gente paciencia, recolhe o seu espirito, e...

BRÁZ-FERREIRA.

Vai, minha filha, vai: nós não tardâmos tambem.

SCENA VI.

DITTOS, menos AMALIA.

JOSÉ-FELIX.

Então, meu caro senhor! eu venho acabar com isto: fazemos ou não fazemos o negócio da sua casa?

DUARTE, admirado. — Da minha casa!

JOSÉ-FELIX.

Da sua casa... inda assim! da que vossa senhoria vendeu e eu comprei: não se tracta senão de entrar de posse... É verdade: que cabeça a minha! Muitos recados da senhora D. Jacinta Marques, minha mulher, uma criada de vossa senhoria. Já me ia esquecendo. É que eu, em se tractando de negocios, a respeito de tudo o mais recolho o meu espirito.

DUARTE. — Eu sou homem de

Ah! então o senhor vem?... (a Braz) A mim sempre me succedem coisas! Esta é a mais extraordinaria...

BRAZ-FERREIRA.

Que lhe achas tu extraordinario? Vendeste a casa...

DUARTE.

Está claro... pois isso não é o que me admira. Mas se o tio soubesse!

JOSÉ-FELIX.

O contracto não está assignado, mas é como se o fôsse. Oh! bem entendido: décima e im-

postos annexos, por este anno ainda lhe pertence a vossa senhoria pagá-los.

DUARTE.

— Ésta agora é melhor! Não me faltava mais nada. Comque eu heide pagar?.. eu! a décima da tal ditta casa que... que vendi ao senhor... senhor...

JOSÉ-FELIX.

— Thomaz-José Marques, um criado de vossa senhoria. — Pois, meu senhor, é como se tudo tivesse assignaturas e signaes em público e razo. Eu sou homem de dizer e fazer. E o dinheiro está prompto; quando quizer...

DUARTE, áparte.

— É uma pulha d'entrudo; está visto. Mas deixa, que eu ja te apanho. (*alto*) Então como o dinheiro está prompto, meu caro senhor Thomaz José Marques, o ditto ditto, faz favor de m'o intregar...

JOSÉ-FELIX.

— Essa é boa! certamente. (*procurando nas algibeiras d'onde porfim tira a caixa do tabaco*) Assignado o contracto, e certidão tirada do registo das hypotheças...

BRAZ-FERREIRA.

Tem razão.

JOSÉ-FELIX.

Além d'isso, o senhor Duarte bem sabe, aquellas continhas velhas... não lhe venho a restar senão...

DUARTE, áparte.

Não sei como se pôde mentir com aquelle desimbaraço...

JOSÉ-FELIX.

E já está em podêr do tabellião o saldo...

DUARTE.

Pois é pena! tinha vontade de ver as cruces ao seu dinheiro, senhor Marques... E por causa d'este senhor meu sogro, mais por outras razões particulares... se me pudesse dar aqui ja algum ao menos... (*áparte*) tinha mais graça a mangação.

JOSÉ-FELIX.

Faço idea: na sua posição, hade-lhe ser preciso realizar... ainda que não seja senão para as suas fianças.

DUARTE.

As minhas fianças!

postos annexos, por JOSÉ-FELIX, ainda lhe pertence.

Então! a recebedoria geral de Santarem!

BRAZ-FERREIRA.

— O quê? pois elle será verdade?... O que tu me disseste inda agora d'um imprêgo?..

JOSÉ-FELIX.

O decreto está assignado : não ha ninguem que o não saiba... O general Lemos tem uma influencia com os ministros... Inda ésta manhan estive com elle. É um bello-sujeito o general... e olhe que é seu amigo, senhor Duarte, seu amigo de véras. E então a senhora D. Mathilde, a mulher do general? não fallemos n'isso. É verdade : tenho que ralhar com vossa senhoria da sua parte. Isso não é bonito ; prometteu, deve cumprir. Aquella musica, não se lembra? para aquella modinha, que lhe fez a letra — e que hade ser linda... mas não ha musica onde caiba.

DUARTE, áparte.

— Irra! isto já é descôco demais... já é muita caçoada juncta. (*alto*) Oh lá senhor... sabe que mais?..

JOSÉ-FELIX.

Aos pés de vossa senhoria, senhor recebedor

geral. — Um lugar magnífico! verdadeiramente dos rendosos e pouco trabalhosos! — Com um poucachinho de geito e de *savoir-faire* — quaesquer boas relações no thespuro, um amigo seguro nas companhias-monstros... póde-se andar muito caminho em pouco tempo. Hãode gritar — é o costume — hãode gritar: o recebedor geral para aqui, o recebedor geral para acolá!.. Deixá-los gritar: ri-se a gente, e vai arranjando a sua vida. A minha regra, a minha regra, que é: em ouvindo tolices, recolho o meu espirito. E com isto não infado mais. Criado e fiel captivo... (*vai-se.*)

SCENA VII.

DUARTE, BRAZ-FERREIRA, JOAQUINA.

DUARTE. Comeffeito sempre é o maior fallador!

BRAZ-FERREIRA. Tenho que te pedir perdão, meu Duarte: confesso-te que tinha desconfiado, estava em dúvida...

DUARTE. O quê! pois meu tio?..

BRAZ-FERREIRA.

Mas acabou-se, com isto acabou-se. Vamos já immediatamente a casa do general, e apresentame como teu sogro: quero-lhe agradecer.

JOAQUINA, á parte.

Está perdido!

DUARTE, atrapalhado.

Hoje é... domingo... hoje está elle da outra banda na sua quinta da Lameda. É um sitio delicioso a Lameda, á borda do Tejo, uma vista, uns ares... Vamos lá, uma, duas vezes na semana: sempre lhe digo, senhor Braz, que ha alli um bilhar em que eu tenho feito as bolas mais espantosas... O outro dia carambolei... eu lhe digo como: a negra estava...

BRAZ-FERREIRA.

Sim, sim; mas não é hoje que o general hade jogar no tal bilhar, porque ainda agora este Thomaz-José Marques me disse que tinha estado com elle ésta manhan. Assim, como eu não estou para ir so, vamos.

DUARTE.

Ámanhan, cada vez que quizer; mas hoje é-me impossivel.

BRAZ-FERREIRA.

Então porquê?

DUARTE.

Tenho uns amigos á minha espera ésta manhan — um pequeno almôço de rapazes... mas contâmos com o meu caro sogro.

BRAZ-FERREIRA.

Eu não posso: prometti de ir almoçar com o barão da Granja.

DUARTE.

Ahi está! E eu que tinha mandado fazer um almôço magnífico, um verdadeiro *ambigu*. Champagne, ja se sabe. Um cerceal da Madeira que bate quantos hocs e johannisbergs tem o Rhim; — torta de camarões e ostras, e dois phaisães que me chegaram hontem d'Inglaterra pelo vapor, coisa preciosa! (*Joaquina parece tomar sentido na lista dos pratos.*)

BRAZ-FERREIRA.

Ora va — pois seja... Mas ainda não são senão dez horas: o teu almôço hade ser como o meu, para o meio dia: e d'aqui lá, temos tempo de sobejo para ir a casa do general. Assim, anda, vem... Então que é isso?

DUARTE, á parte.

Está teimoso com a tal visita.

JOAQUINA, á parte.

O pobre rapaz não sabe com que sancto se hade pegar.

BRAZ-FERREIRA.

Então! que tens tu? Que pasmaceira é essa? Não podes sahir de casa por meia hora?

DUARTE.

Pois emfim, meu tio, ja que não ha outro remedio, vou-lhe dizer... ja que lhe não posso occultar o que eu tanto desejava... saiba que não posso sahir de casa ésta manhan nem um minuto. (*baixo*) Tenho um desafio, e estou á espera do meu adversario.

BRAZ-FERREIRA.

Oh meu Deus!

JOAQUINA.

Bem n'o dizia eu: aqui temos outra.

BRAZ-FERREIRA.

E então aquelle almôço que tu me dizias ainda agora?

DUARTE.

Lá está... lá está o almôço, pôsto lá, á espera...

Um dos rapazes que ahí vem almoçar é que me hade servir de padrinho.

BRAZ-FERREIRA. — Isso! outra cabeça doida como a tua: haviam de fazê-la bonita... Não senhor, toca-me a mim: eu é que heide arranjar esse negócio.

DUARTE. — Ora, não se metta n'isto, deixe ca a gente. Póde compromettê-lo... nós somos rapazes, é outra coisa.

BRAZ-FERREIRA.

Nada, nada! quero saber como isso é, como isso foi, senão adeus casamento.

DUARTE, á parte. ... E o seu almoço em casa do barão da Granja?..

BRAZ-FERREIRA. — Importa-me ca almoço nem meio almoço! que espere o almoço. Tracta-se da tua vida, da tua honra... Tu, filho do meu maior amigo, e agora meu filho, que es quasi como se o fosses já! Vamos, falla, conta-me lá como isso foi, quero saber tudo por miudo.

DUARTE, á parte. Um dos rapazes.
É um homem capaz, por fim de contas, o meu sogro. (*alto*) Ora pois oiça, senhor Braz, e não tome éstas coisas em ponto de admiração... é um caso como ha tantos, um *mal-entendu*, uma brincadeira porfim.

Então! que...
BRAZ-FERREIRA.
Não está má brincadeira! pôr em perigo a sua vida, a de um amigo! Assim é que vocês o intendem...

DUARTE.
Primeiro que tudo, é um inglez.

BRAZ-FERREIRA.
É o mesmo... E paraque hasde ir tu logo ás do cabo, logo com as mãos á cara?..

DUARTE.
Eu não lhe toquei.

BRAZ-FERREIRA.
Ou com palavras?..

DUARTE.
Eu não lhe fallei.

BRAZ-FERREIRA.
Então?..

DUARTE.

Eu lhe digo como a coisa se passou. Fui hontem jantar fóra, a Bemfica... uma casa linda á beira da estrada... O dia estava bello, um dia de verão. Depois de jantar viemos tomar caffè para um terraço delicioso que fica mesmo rente com a casa... É uma especie de kiosque... uma lindeza! faça idea... e pouco elevado do chão. A casa fez-se este anno, ainda lhe não puzeram grades no terraço... repare bem n'esta circumstancia... note...

BRAZ-FERREIRA.

Noto, noto, e faz-me estremecer. Querem ver que succedeu alguma?

DUARTE.

Oiça. A dona da casa, senhora extremamente amavel... e môça ainda... uns olhos pretos!.. a dona da casa pergunta-me se quero mais assucar... Eu tinha a chicara na mão, o caffè suberbo e a ferver... Eu intertido a olhar para a senhora e a dizer-lhe algumas coisas agradaveis... o tio bem sabe... não reparei na chicara que estava muito cheia a deitar por fóra... e eu de sapatos... Sinto escaldar-se-me um pé derepente, dou um pulo á rettaguarda, impurro um sujeito que es-

tava por-traz de mim... para a borda do terraço...
 e com a fortuna...

BRAZ-FERREIRA E JOAQUINA.

E Jesus!... DUARTE.

Perigo nenhum!... cinco ou seis palmos de altura... Mas a desgraça foi que justamente n'esse momento passava um official inglez da nau... viria de Cintra ou das Lorangeiras, mas vinha a pé... para um inglez é indifferente; e o meu sujeito cai-lhe mesmo em cima dos hombros.

JOAQUINA, rindo.

Ah ah ah! Ja não posso mais!

BRAZ-FERREIRA.

Ó Joaquina, pois tu ris-te?..

JOAQUINA, contendo o riso.

Oh! senhor, é que eu ja não posso... não me pude conter.

DUARTE.

O mesmo succedeu a toda a companhia. O inglez desesperado imbirra commigo, teima que eu o fiz de proposito, que lhe atirei com o hemem... Eu procuro accommodar a coisa; offereço-lhe a desforra, dando-lhe até um primeiro

andar de partido, isto é, que o atirem a elle do segundo sôbre mim... Recusa tudo... não houve remedio senão dar-lhe a minha *adresse*; elle dá-me a sua... E lord Coockimbroock abi vem logo buscar-me com um par de pistolas.

BRAZ-FERREIRA, abanando a cabeça.

Confesso-te que a tal historia sempre me parece bem extraordinaria... Mas não importa, eu não te largo, e quero ser o teu padrinho.

DUARTE, á parte.

É cabeçudo ou não é? (*alto*) Mas, senhor Braz, eu faço escrupulo de lhe pregar uma maçada... E se elle não vier?.. Não era a primeira que succedia. Ha por ahí sujeitinho que, á mais pequena coisa, tem logo na bócca: 'A sua *adresse*?' Cuidam que é para a gente lhe não escapar? Não senhor, é para se escaparem elles.

BRAZ-FERREIRA.

Pois bem, se elle não vier, iremos nós ter com elle.

Irra! Chegou-me a !

SCENA VIII.

DITOS, JOSÉ-FELIX *de inglez*, UM CRIADO.

CRIADO.

Milord Coockimbroock !

BRAZ-FERREIRA, espantado.

O quê?... pois devéras?..

DUARTE, admirado.

Temos outra ! Ésta agora ainda é melhor.

JOAQUINA, áparte.

Bravo !.. vou dizer a minha ama, e adverti-la...

SCENA IX.

JOSÉ-FELIX, DUARTE, BRAZ-FERREIRA.

JOSÉ-FELIX.

Sinhórr, eu vem tómar vóssinhórrie pôr o pequena diverttissemento de... to exchange, querr dizerr, trrócar dois turras de pistol entre nós ambas amiguevolmente.

DUARTE, áparte.

Á pistola, c'os diachos !

BRAZ-FERREIRA.

Pois quê, milord! o caso de hontem?..

JOSÉ-FELIX.

Essa foi muito desagrréavel! E ésto foi por guarrdarr todo o cólerra que me tem causade, que eu guarrdarr meu sombréro — em pórrtu-guiz, meu chapello — como elle esteve hontem. (*mostra o chapeo com o fundo dentro*) Ve vóssi-nhorrie? Oh! eu vem pedirr satisfácxion in fóрма.

DUARTE, áparte.

Agora é que eu ja não intendo. Estou a ver se por acaso... Não fosse eu dizer a verdade?

JOSÉ-FELIX.

Oh, yess! foi um brincadeiro muito má. Eu não impedir vóssinhorrie de atirrar com homem, se faz-lhe prazer, *if you please*; mas é stylo de suo capital gritar primeirra de janella: ‘*homem vai!*’ — Eu trazia meu umbella, podia ter abrrido, comô faz quando dizem: ‘*agua vai!*’ — que é sempre um ggrande peto em Lisbon, este de dizer: ‘*agua vai!*’ — Oh, yess! não é agua, vós-sinhorrie... (*surrindo.*)

DUARTE, áparte.

Irra! Chegou-me a mostarda ao nariz, com o

tal ingrãçado tolo que appostou de mangar com-
migo : heide saber quem elle é. (*alto*) Pois, se-
nhor, uma vez que veio para se bater, havemo'-
nos bater, e ja.

BRAZ-FERREIRA.

Essa é que é a moderação que tu me dizias?

SCENA X.

DITTO E AMALIA.

Oh meu Deus! que é isto?

AMALIA, accudindo.

Oh, José-Felix, baixo a Amalia.

Separe-nos, ande... (*alto*) Eu não bato a mim.

DUARTE.

Mas mim bate a ti. Agora o veremos.

BRAZ-FERREIRA.

E eu mando-te que te calles. Que tal está?
Ai que eu! (*á parte*) E eu que cuidava ao prin-
cípio que era uma brincadeira!.. e o jôgo é a
valer. (*a José-Felix*) O senhor é o offendido.

DUARTE.

Não senhor, o offendido sou eu.

BRAZ-FERREIRA.

Tu! tu que o ias matando, aleijando pelo menos!

DUARTE.

Não é verdade.

JOSÉ-FELIX.

É verdade.

BRAZ-FERREIRA.

É verdade sim senhor: a culpa é sua, não ha que duvidar.

DUARTE.

Se meu tio o diz, não tenho remedio eu senão accreditá-lo.

BRAZ-FERREIRA.

Ora graças a Deus! que confessou a sua culpa, e entrou na razão enfim. Da sua parte, milord, espero que desista, que se esqueça.

JOSÉ-FELIX.

Se o senhórr está muito triste, *very sorry*, se não tinha intenxion...

BRAZ-FERREIRA.

Não tinha, não.

DUARTE.

Não tive.

BRAZ-FERREIRA.

Então vamos! esqueça-se tudo; e em signal de reconciliação, milord, hade almoçar connosco.

AMALIA.

Inda bem! respiro.

DUARTE, á parte.

Verdade, verdade, não tenho muito de que me queixar. Inda eu lhe sou obrigado ao tal maganão que imbirrou a fazer-me este serviço. *(alto)* Oh lá! Joaquina, Izidoro! algum de vocês... É preciso mandar arranjar depressa alguma coisa...

BRAZ-FERREIRA.

Paraquê?

DUARTE.

Pois o senhor almoça connosco...

BRAZ-FERREIRA.

Almoça: e então? Tu tens almoço em casa para um principe. Ja te esqueceste?

DUARTE.

Ah! sim... decerto... Mas talvez um almoço de garfo... sem cha preto... sem manteiga fresca... não será do gosto de milord...

JOSÉ-FELIX.

Eu peço o seu perdão, vóssinhorrie. O meu

stomago é cosmopolitana, e intende todos linguas; janta em francez, pórtuguiz... não importa; almoça com *Turquia* se é preciso, e ceia sôbre *Peru*, se vóssinhorrie dá prazer.

SCENA XI.

DITTO E JOAQUINA.

O almôço está na mesa.

DUARTE, espantado.

O almôço!..

JOAQUINA.

Venha ca ver como está bonita a mesa. (*leva-o á porta do fundo*) Garrafas de Champagne, fructa, pastelão, tudo tam bem posto... hem?

DUARTE.

Não ha dúvida: o almôço alli está. Acabou-se, ja me não deixam mentir... é escusado. — Agora posso dizer o que eu quizer. (*alto*) Amalia! (*dá-lhe o braço.*)

BRAZ-FERBEIRA.

Milord! (*conduzindo-o para a porta do fundo.*)
— Sa hem todos menos Joaquina.)

SCENA XII.

JOAQUINA *so.*

Pobre rapaz! ficou como pateta! Se elle não está costumado a isto... Condemnado a fallar verdade vinte e quatro horas a fio!.. Tambem olhe que nos dá um trabalho! porque mente com um desimbaraço e sem a menor consideração... Ja se tinha esquecido da peta do almoço. Felizmente que nós estamos prevenidos, e graças ao bolsinho de minha ama e á vizinhança do Manuel Hespanhol, em poucos minutos se fez da peta verdade... E José-Felix! Não verão o meco sentado á mesa com meus amos como se fosse gente, o pedaço de lacaio!.. Mas deixem estar que o tractante tem um ar, sabe tomar uns modos, que quem o não conhecer!.. Em que elle se deita a perder decerto, é que aquillo é um comilão... O que lhe vale é fazer de inglez... não se repara. — Agora que mais falta? Vejamos. A tal visita de agradecimento ao general Lemos : essa não se póde evitar. So se... É verdade; o general Lemos que venha ca... como teem vindo

os outros. Vou avisar José-Felix que se avie de almoçar e nos represente mais esse figurão. Não lhe hade custar muito... é seu amo. — Ai! que é isto, que quer este senhor?

SCENA XIII.

JOAQUINA E O GENERAL.

GENERAL.

O senhor Duarte-Guedes está aqui, não é assim?

JOAQUINA.

Está sim senhor, foi agora para a mesa almoçar com o senhor Braz-Ferreira, seu sogro que está para ser.

GENERAL.

Um almôço de família, almôço de noivos... Não permitta Deus que eu tal perturbe. Esperarei.

JOAQUINA.

Se faz favor de dizer o seu nome.

GENERAL.

Não é preciso.

Um senhor que... Não é para saber... é que se fosse coisa que...

GENERAL.
 É coisa que eu lhe quero dizer so a elle ou a seu sogro.

JOAQUINA.

Como queira.

SCENA XIV.

BRAZ-FERREIRA, GENERAL,

JOAQUINA.

BRAZ-FERREIRA, de guardanapo na mão, fallando para dentro.

Eu venho, milord, eu venho: quero rattificar o nosso tractado de alliança com uma garrafa especial do meu Porto, é da fundação da Companhia, trouxe-o eu commigo.

JOAQUINA, para o general.

Aqui vem o senhor Braz-Ferreira.

BRAZ-FERREIRA.

O que é isso?

JOAQUINA.

Um senhor que lhe quer fallar, ao senhor Braz-Ferreira ou a seu genro. (*áparte*) Vamos

insaiar José-Felix no novo papel que tem de representar.

SCENA XV.

GENERAL E BRAZ-FERREIRA.

GENERAL.

Creio que é o senhor Braz-Ferreira do Porto a quem tenho a honra de fallar? Muita satisfação de ver a vossa senhoria em Lisboa. Conheço-o ha muito de nome, e quasi que posso dizer somos amigos sem nos termos visto. O meu antigo camarada o coronel Luiz-Guedes sempre me incarece por tal modo a amizade que lhe tem! Nas suas cartas quasi que me não falla de outra coisa senão de seu filho e de vossa senhoria.

BRAZ-FERREIRA.

Luiz-Guedes! Então vossa senhoria é?..

GENERAL.

O seu mais antigo e melhor amigo, o general Lemos.

BRAZ-FERREIRA.

Ab! vossa excellencia perdoe, por quem é.

Mas porque se incommodou, senhor general? Eu é que devia ir aos seus pés... e hoje mesmo tencionava fazê-lo — para lhe agradecer todas as bondades que tem tido com meu genro... que está para ser.

GENERAL.

Bondades! eu não sei... decerto não tem nada que me agradecer... mas é sua culpa. Eu ignorava absolutamente...

BRAZ-FERREIRA.

O quê, general?

GENERAL.

Que Duarte estivesse em Lisboa.

BRAZ-FERREIRA.

Que me diz, senhor? Ha tres mezes.

GENERAL.

Ainda o não vi uma so vez. Antes de hontem recebi eu uma carta de seu pae, que me pareceu um enigma: queixa-se de que o filho não tenha ainda obtido a recebedoria de Santarem que tanta conta lhe fazia... Mas que diacho! quem quer alguma coisa, pede-a. Eu não podia adivinhar, e vinha aqui de proposito ralhar com elle.

BRAZ-FERREIRA.

Ralhar, tenho eu que ralhar com o tal menino por outras muito peiores. Mas como é isto, senhor? Pois Duarte não vai habitualmente a sua casa?

GENERAL.

Não senhor.

BRAZ-FERREIRA.

Não digo em Lisboa, mas á sua quinta?

GENERAL.

A minha quinta? É coisa que não tenho.

BRAZ-FERREIRA.

Pois não digo quinta... não seja... mas a linda casa que tem da outra banda com uma vista magnífica, um bilhar...

GENERAL.

Sou tam desestrado que não jógoo bilhar.

BRAZ-FERREIRA.

Estava visto... Faça idea, general, que é o systema de mentiras mais complicado que nunca vi, e combinado de modo que ainda não sei... Mas deixá-lo: vossa excellencia está aqui, hade-me ajudar a confundi-lo... Com toda a certeza não lhe dou minha filha.

GENERAL.

Por quem é! Eu que vinha com tanto gosto trazer-lhe a minha prenda de casamento...

BRAZ-FERREIRA.

Não hade ser meu genro.

GENERAL.

E a sua palavra?

BRAZ-FERREIRA.

Retiro-a: e elle não tem direito de se queixar... Avisei-o de que, á primeira mentira em que o apanhasse, tudo estava acabado. Inda bem que o incontrei, general: vamos a ver com que cara o malditto do rapaz... Oh! elle ahi vem: peço-lhe que não diga o seu nome.

GENERAL, á parte.

E ésta! Eu que vinha para obsequiar o pobre do rapaz, e a seu pae de quem sou tam amigo!

SCENA XVI.

DITTOs, DUARTE, AMALIA, JOAQUINA.

DUARTE.

Ora comeffeito! forte companhia fazem os taes senhores! — O senhor meu sogro levanta-se nó

meio do almôço, e d'ahi a um instante milord desaparece á segunda garrafa de Champagne.

JOAQUINA.

Vieram procurá-lo.

DUARTE.

Não duvido... algum pobre rapaz que se achou em appêrto... Que é preciso confessar... o tal sujeito é a creatura mais serviçal... E então sem nenhum interêsse! — Diga-me uma coisa, amabilissimo sogro, que fazemos nós ésta manhan?

BRAZ-FERREIRA.

Eu tinha vontade de sahir; mas temos aqui uma visita, um amigo da familia...

DUARTE.

Perdoe... eu não tinha tido o gôsto de ver este senhor... É do Porto?

BRAZ-FERREIRA.

É verdade.

DUARTE.

— Ia jurá-lo... Nós os das provincias do norte temos um ar de franqueza, um aberto de physionomia... Se vossa senhoria se demorar em Lisboa, terei muito gôsto de o acompanhar, de lhe servir de guia... Não faça cerimonia commigo...

sinceramente lh'o peço... um amigo de meu sogro!...

GENERAL.

Dou-lhe os parabens, senhor Braz-Ferreira : o seu genro parece um rapaz extremamente amavel.

BRAZ-FERREIRA, baixo ao general.

Espere, espere, e depois fallará. (a Duarte) É preciso que saibas, meu caro amigo, que este senhor vem a Lisboa para negocios que tem na secretaria da guerra, e precisa muito do valimento do general Lemos.

DUARTE.

Melhor... Dizem que é um homem justo e imparcial; e toda a gente o estima.

BRAZ-FERREIRA.

Pois sim... mas tu que tens relações de intimidade com elle, não podias pela tua influencia?

DUARTE.

Ah ! certamente... terei a honra de lh'o apresentar. Hade gostar d'elle, verá: um homem agradavel e que, sem basofia, é meu amigo.

BRAZ-FERREIRA, rindo.

Hem!

GENERAL, baixo a Braz-Ferreira.

Atéqui, acho que diz a verdade.

Muito certo, não se pode de o conhecer DUARTE.

E alegre!.. Olhe: á mesa me não deixava elle só, como aqui me fizeram. Ainda hontem almoçámos nós junctos em sua casa.

BRAZ-FERREIRA E GENERAL.

Em casa d'elle?! Hade-me perdoar, meu!!

contrário; mas não este senhor que eu DUARTE.

Sim, junctos, aopé um do outro. almocci hontem

isto foi é que eu não sei que BRAZ-FERREIRA.

Então muito mudado está elle de hontem para ca.

Em Lisboa do apparte de Lemos nem eu co- DUARTE.

Porquê? apço se não meu primo o coronel F.

BRAZ-FERREIRA, apontando para o general. Lemos.

Porque elle aqui está, e tu não o conhecestc.

Exactamente. DUARTE, surprehendido.

O general Lemos!

com elle é que JOAQUINA, á parte.

Estamos perdidos. GENERAL.

Não teria dúvida AMALIA.

Tudo, tudo está perdido. senão fosse uma ped.

ha lras mexes que está em l.

DUARTE, tornando a si logo.

O quê! Pois este é o senhor general Lemos? Muito sinto... não tenho a honra de o conhecer.

BRAZ-FERREIRA.

Não duvido... mas nem pôr isso deixa de ser elle em pessoa.

DUARTE.

Hade-me perdoar, meu tio: eu não digo o contrário; mas não foi com este senhor que eu almocei hontem... a verdade pura é ésta. Como isto foi é que eu não sei; mas a não ser que haja outro general Lemos em Lisboa...

GENERAL.

Em Lisboa do appellido de Lemos nem eu conheço senão meu primo o coronel Francisco de Lemos.

DUARTE.

Exactamente. Pois foi em casa d'elle, decerto, que hontem me appresentaram, e provavelmente com elle é que eu almocei.

GENERAL.

Não teria dúvida nenhuma em o acreditar, senão fosse uma pequena difficuldade: e é que ha tres mezes que está em Inglaterra.

DUARTE, á parte.

Co'a breca! (*alto*) É que voltaria ha pouco, sem se saber... porque elle hontem estava em Lisboa.

BRAZ-FERREIRA.

Não estava.

DUARTE.

Estava tal.

BRAZ-FERREIRA.

Pois bem, rapaz, esqueço-me de tudo... se me provares essa.

SCENA XVII.

DITTOS, UM CRIADO, JOSÉ-FELIX *com farda de brigadeiro etc.*

CRIADO.

O senhor Lemos.

JOSÉ-FELIX, affectando desimbaraço.

Então que é isto, que é isto?

GENERAL.

Que vejo! É o meu brejeiro do meu Felix.

JOSÉ-FELIX.

Ora vivam meus senhores... Adeus meu Duarte.

DUARTE.

Oh meu querido protector ! Confesso que d'esta vez ja não contava com o seu auxílio... Ainda bem que veio... Vou appresentá-lo a meu sogro e a seu primo.

JOSÉ-FELIX, indo para elles com ar chibante,
reconhece derepente o general.

Sancto Deus, meu amo !..

GENERAL, áparte.

E com a minha farda o maroto !

BRAZ-FERREIRA, espantado.

Conhecem-se !

(Duarte, Braz-Ferreira, José-Felix e Amalia ficam todos immoveis de admiração.)

GENERAL.

Que painel ! Interraram-se todos até ao joelho. Ora vamos a dar-lhe a mão, que elles por si não se levantam. *(para José-Felix)* Então senhor meu primo...

TODOS.

Seu primo !

GENERAL.

Que espanto é esse ? Pois queria esconder de mim a sua volta a Lisboa ?

DUARTE.
 O quê? Pois este senhor é seu primo, o coronel Francisco de Lemos que voltou de Inglaterra?

GENERAL.
 Sim senhor. Porquê?.. não lhe faz conta?

DUARTE.
 Certamente que faz. — Mas é que isto hoje parece mesmo um acinte... não invento senão verdades. — Pois não é minha culpa, senhor Braz; mas em consciencia, está obrigado a dar-me sua filha.

GENERAL.
 Não ha dúvida, senhor Braz-Ferreira; é preciso consentir n'este casamento. Ja não tem mentiras de que o accusar.

BRAZ-FERREIRA.
 Excepto a da recebedoria de Santarem.

GENERAL.
 Aqui está o decreto. É a prenda de casamento que lhe eu trazia.

AMALIA.
 Pois é possível!

DUARTE.
 Appósto que é verdade... tudo é verdade hoje.

Assim, meu caro sogro, consinta, não ha remedio...

BRAZ-FERREIRA.

Estou certo que me enganaram.

JOSÉ-FELIX.

E eu tambem.

GENERAL.

E eu tambem... Apesar d'isso, vamos, consinta...

BRAZ-FERREIRA.

Que lhe heide eu fazer? Inda que não seja senão por curiosidade e para saber ésta adivinhação.

JOSÉ-FELIX, atirando com o chapeo.

Viva! A palavra do senhor Braz-Ferreira é letra que não tem desconto. Eu *ritorno al mio mestiere* e ponho aos pés da minha cara Joaquina... o senhor Thomaz-José Marques... mi-lord Coockimbroock, e sôbre todos, o seu fiel José-Felix, criado particular do excellentissimo general Lemos.

DUARTE.

Ó maroto, pois eras tu?

BRAZ-FERREIRA.

Faze-te de novas.

DUARTE.

Juro-lhe que eu não sabia nada, e que nem sequer o conheço...

BRAZ-FERREIRA.

Continuâmos?.. Não faltava senão ésta que é a mais difficil d'ingullir!

AMALIA.

E comtudo é verdade, meu pae. Eu lhe expliquei como isto foi.

DUARTE.

Protesto-lhe que hoje foi o último dia da minha vida que me deixei cahir n'este malditto vício... E nem eu sei como foi; queria-me defender... vinham umas atraz das outras... porfim... não sei... Mas acabou-se: não tórno mais a mentir; custa muito, dá muito trabalho. Vi-me em âncias! Juro que me heide emendar... ja estou emendado. — José-Felix, nunca me heide esquecer da licção que me déste, e prometto pagar-t'a.

JOSÉ-FELIX.

Devéras?



AMALIA, dando-lhe uma bolsa.

E eu pago-t'a ja.

JOSÉ-FELIX.

Melhor ainda. (*apalpando a bolsa*) Isto sim que são verdades puras... e não deixam mentir ninguém.

INDICE.

ADVERTENCIA pag. v.

PHILIPPA DE VILHENA :

Prologo 11.

Comedia 31.

TIO SIMPLICIO :

Prologo 109.

Comedia 111.

FALLAR VERDADE A MENTIR :

Prologo 203.

Comedia 205.



THE UNIVERSITY OF CHICAGO

1890-1891

INDEX

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
1890-1891

INDEX

PROLOGUE 11

CONTENTS 31

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
1890-1891

PROLOGUE 109

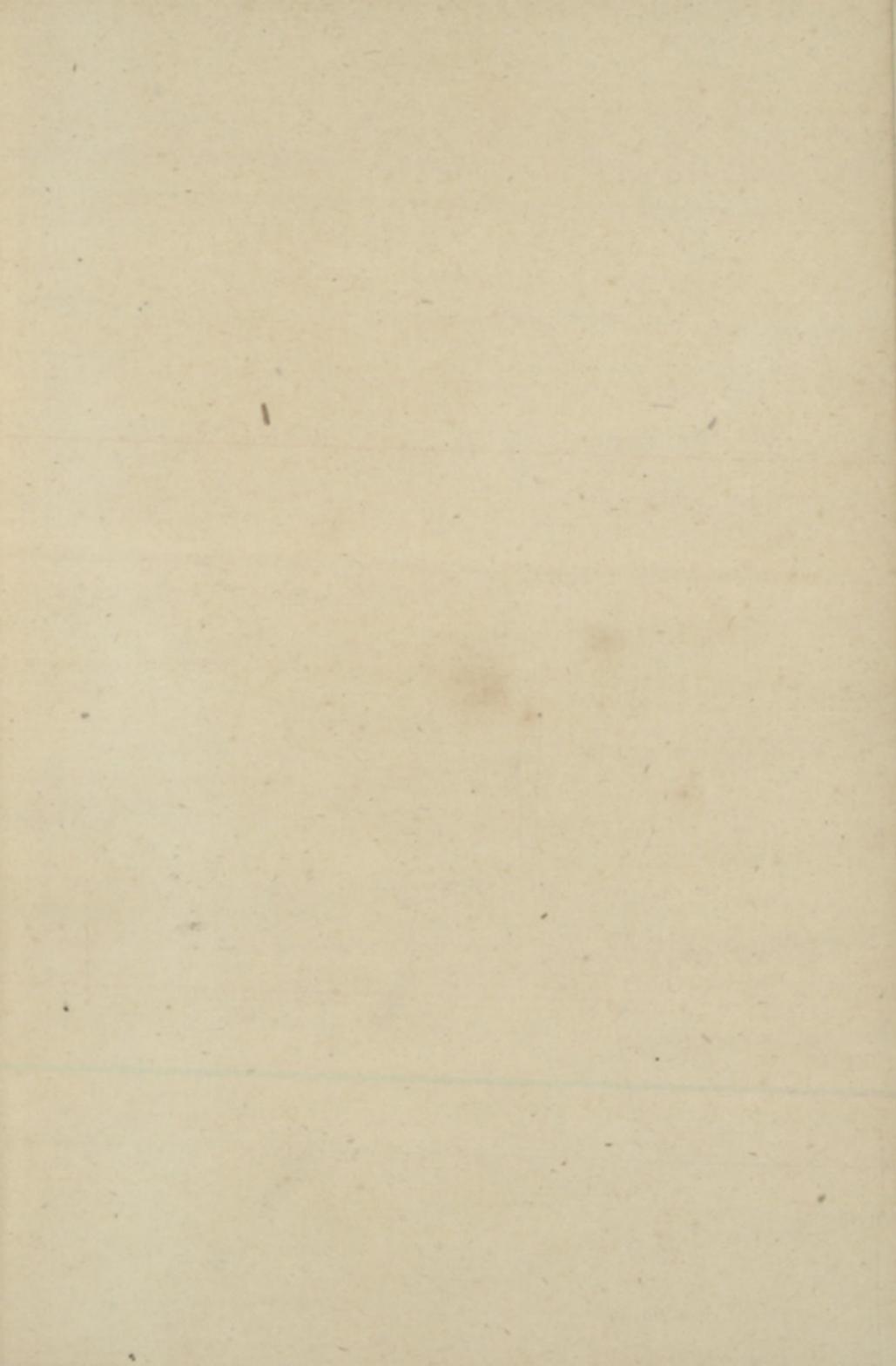
CONTENTS 111

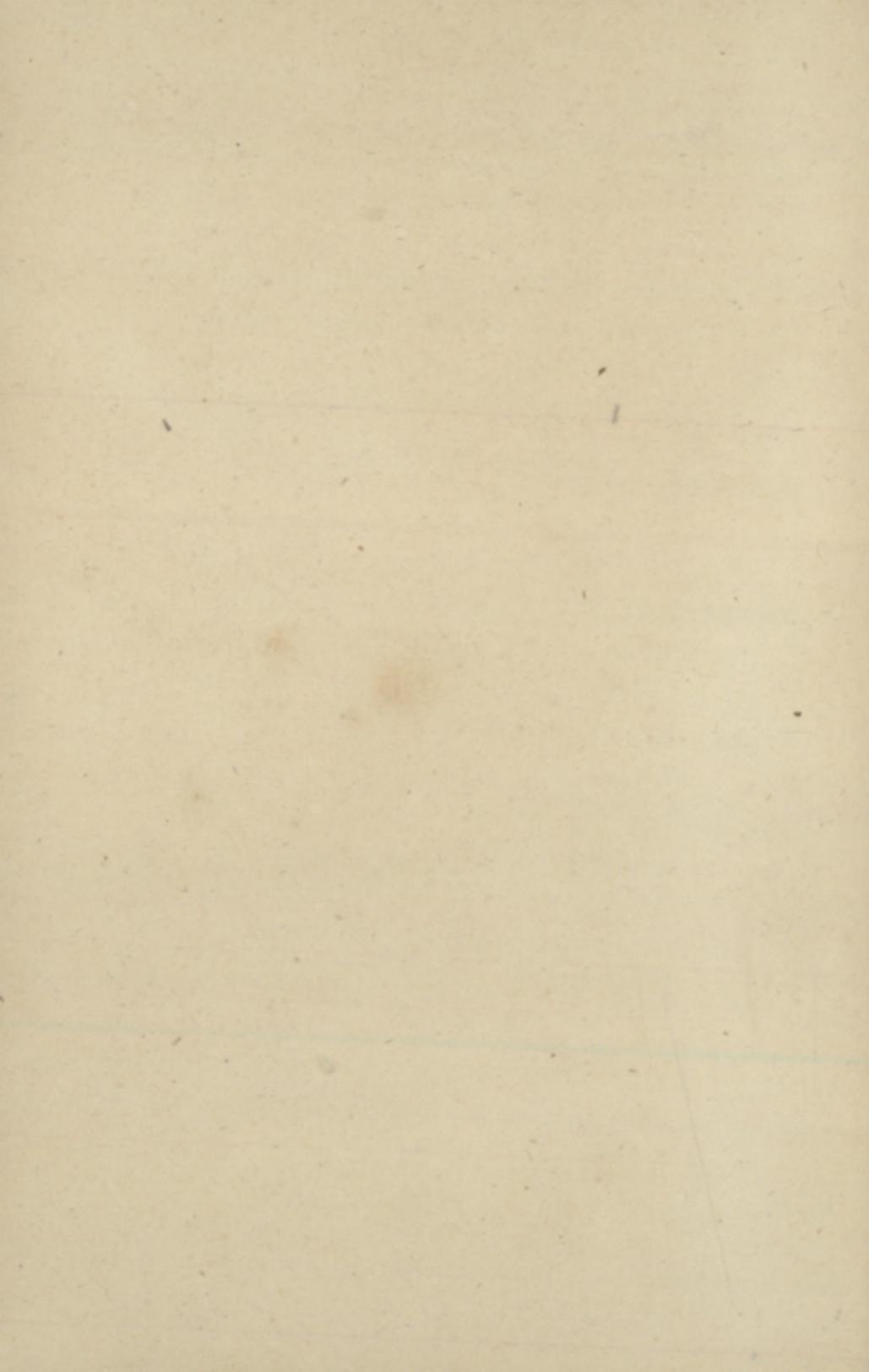
THE UNIVERSITY OF CHICAGO
1890-1891

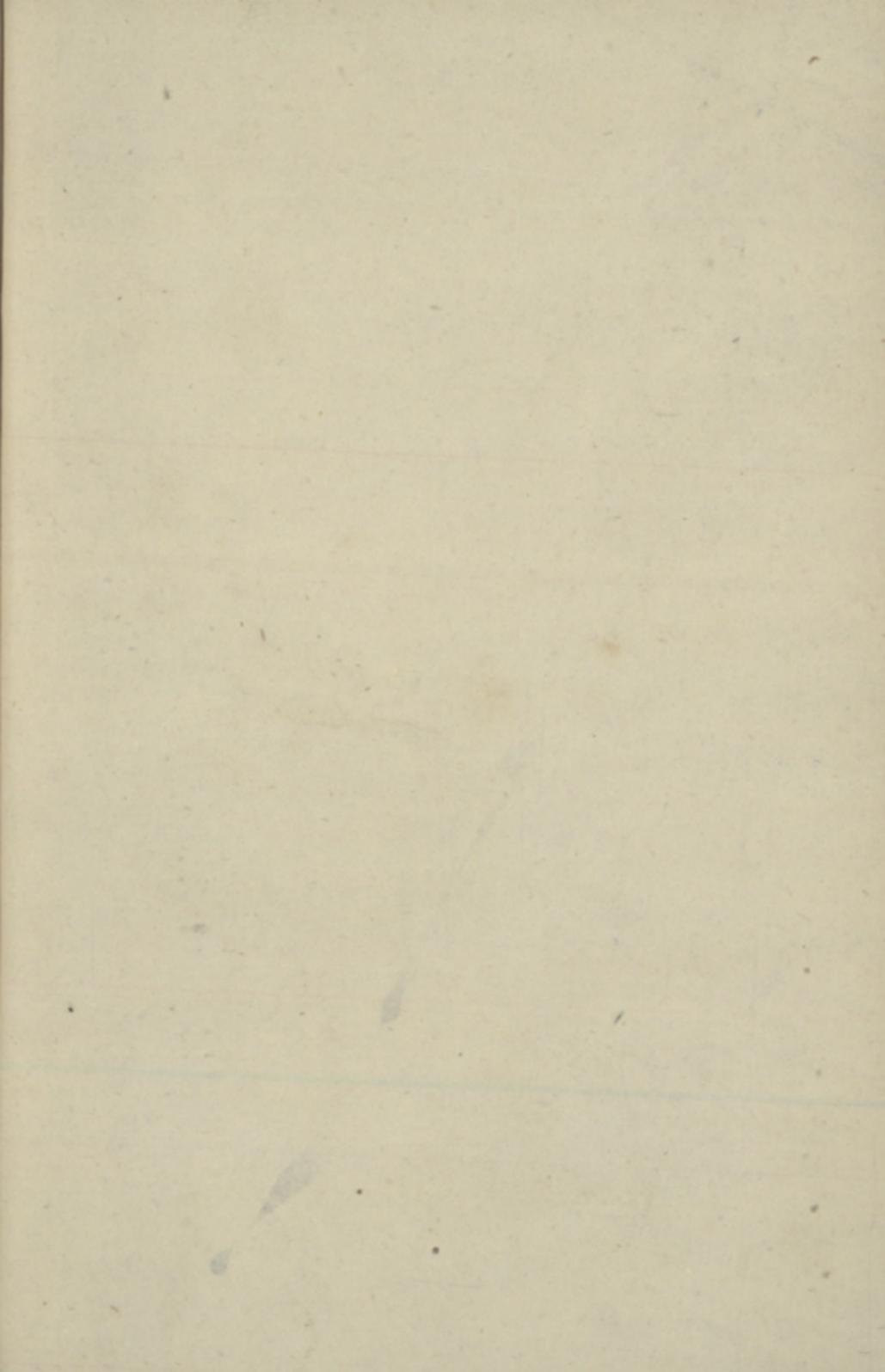
PROLOGUE 203

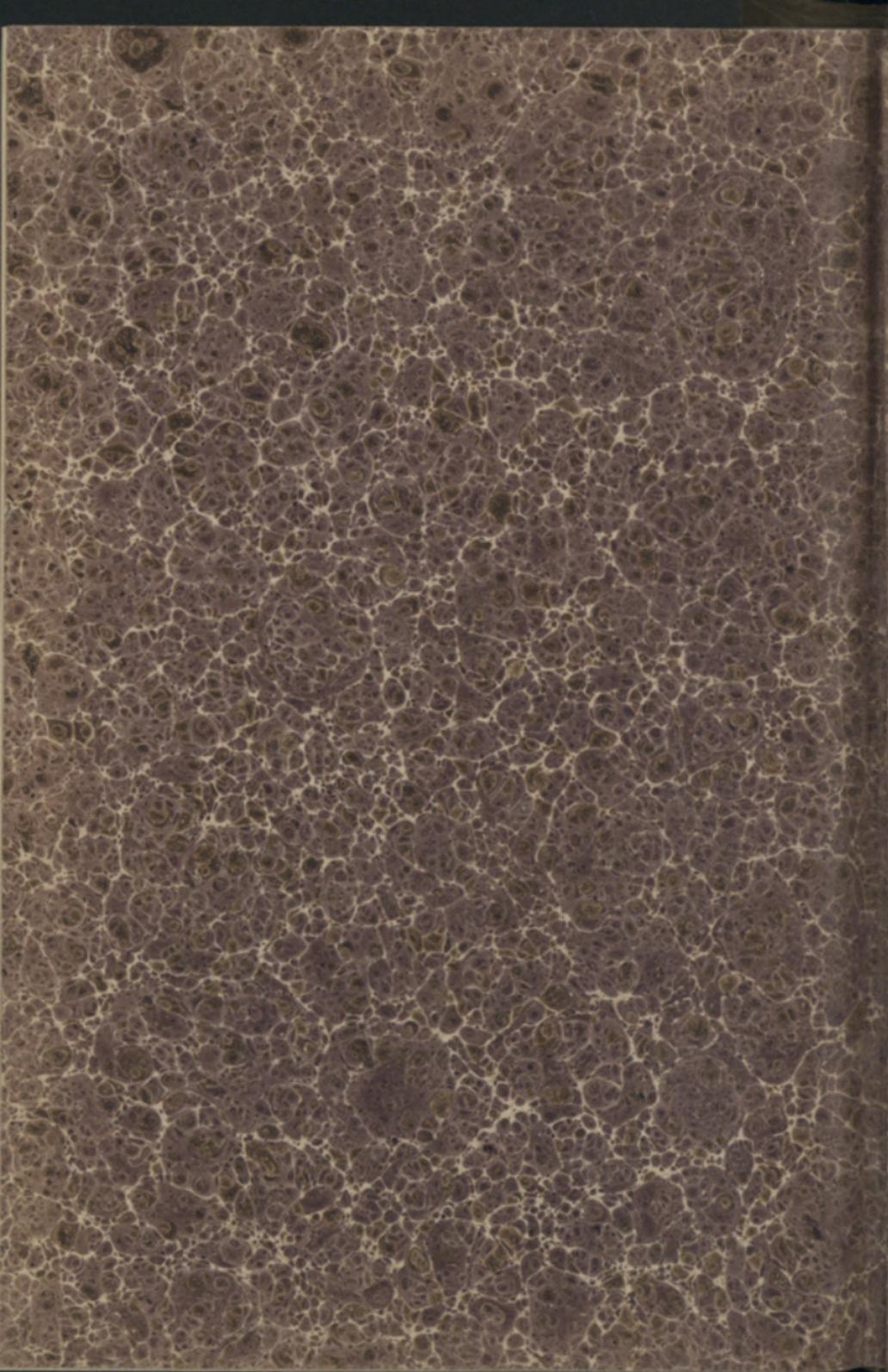
CONTENTS 205

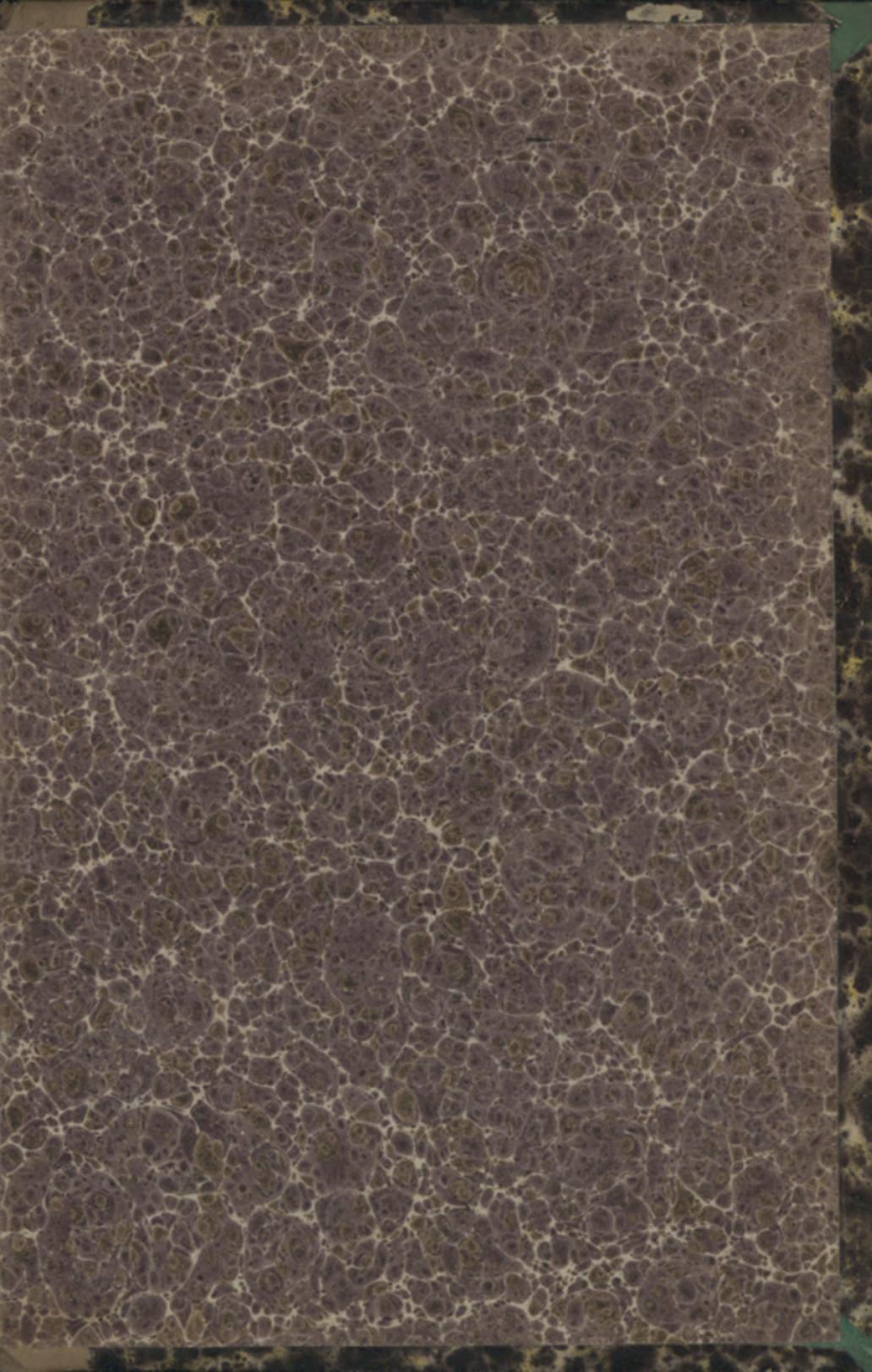












NB



•EFG0000002499•

